

FALA FALAR FALAMES

curadoria
CAETANO W. GALINDO
DANIELA THOMAS

FALA
Falar
FALARES

Ministério da Cultura e Governo do Estado de São Paulo,
por meio da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas,
apresentam:

FALA
FALAR
FALARES

FALARES: UMA IMERSÃO NA ALMA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Do primeiro suspiro ao mais belo poema, a língua pulsa em nós antes mesmo do nascimento, moldando nossos pensamentos, sentimentos e nossa maneira de ver o mundo. Esta exposição é uma imersão profunda no universo de sons, palavras e histórias que nos tornam únicos. “O que quer e o que pode essa língua?”, nos pergunta o poeta. Nesse sentido, buscamos explorar a língua portuguesa em sua riqueza, diversidade e infinita potência.

Os sucessivos cruzamentos entre a língua portuguesa e as múltiplas línguas de povos originários, de povos negros africanos e de muitos outros povos com os quais tivemos contato, marcaram e transformaram os nossos falares. Cada palavra que falamos hoje, cada expressão que usamos, cada sotaque e jeito de falar trazem a memória dessa longa história que pouco conhecemos. Somos um país de dimensões continentais, onde distintos falares refletem nossa pluralidade.

A exposição *Fala Falar Falares* é uma celebração dessa trajetória e, ao mesmo tempo, um mergulho em nós mesmos e uma viagem no tempo e no espaço.

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA

A Petrobras, patrocinadora máster do Museu da Língua Portuguesa, tem orgulho em apoiar a exposição temporária *Fala Falar Falares*, que traz à luz a riqueza e a diversidade do português falado no Brasil. Por meio do programa Petrobras Cultural, a empresa incentiva projetos que, como esse, valorizam a cultura brasileira.

Falar, como mostrou a exposição, é um “superpoder humano”. No Brasil, esse superpoder que nos une possui múltiplos sotaques e formas de expressão, formando o fantástico mosaico de nossa cultura.

Para a Petrobras, patrocinar o Museu e essa iniciativa, que celebram a nossa língua, reafirma o propósito institucional de estar presente na vida das pessoas, contribuindo para o conhecimento e a transformação social. É por meio da cultura que construímos futuro. Uma ótima leitura a todos!

PETROBRAS

A fala e a linguagem nos movem, criam vínculos, transmitem saberes, expressam afetos e sonhos. Em um país multifacetado e diverso como é o Brasil, no qual cada sotaque e cada palavra carregam histórias e identidades que refletem uma extraordinária riqueza, o tema dos falares é um vasto universo a explorar.

Para nós da Motiva, patrocinar o Museu da Língua Portuguesa e a exposição *Fala Falar Falares* vai ao encontro de nosso propósito de apoiar iniciativas que inspiram e conectam pessoas. A Motiva se orgulha de apoiar o Museu e a mostra, registrada neste catálogo, em que a língua pode ser vivenciada em suas mais variadas formas.

Acreditamos que reconhecer e celebrar nossa cultura é um passo essencial para a construção de uma sociedade mais inclusiva e plural.

MOTIVA

UM PASSEIO
PELA FORMAÇÃO
DA NOSSA
EXPOSIÇÃO

PÁGINA
ONZE

TUDO COMEÇA COM O AR QUE TE PERCORRE

PÁGINA
VINTE E DOIS

UMA EXPOSIÇÃO
PARA E
SOBRE VOCÊ

PÁGINA
QUARENTA E DOIS

SUA ORQUESTRA
PARTICULAR DIANTE
DOS SEUS OLHOS

PÁGINA
QUARENTA E OITO

TUDO AUMENTA QUANDO OSSONS

PÁGINA
SESSENTA

TUDO SE ALTERA QUANDO O SEU CORPO
TRANSFORMA O AREM SONS

PÁGINA
TRINTA E QUATRO

SUMÁRIO

TUDO SE CONCENTRA NUM IDIOMA, FEITO DE PALAVRAS QUE ÀS VEZES RODARAM O MUNDO TODO

PÁGINA
SETENTA E QUATRO

TUDO EXISTE APENAS NOS FALANTES, A LÍNGUA É TODA DOS FALANTES, QUE SÃO SEMPRE DIFERENTES

PÁGINA
NOVENTA E QUATRO

TUDO COMEÇA QUANDO VOCÊ QUER FALAR COM OUTRA PESSOA

PÁGINA
CENTO E DOZE

FALAR,
FALAR,
FALAMOS

PÁGINA
CENTO E CINQUENTA
E CINCO

ENTREVISTA

PÁGINA
CENTO E CINQUENTA
E NOVE

**UM PASSEIO
PELĀ FORMAÇĀO
DĀ NOSSĀ
EXPOSIÇĀO**

É difícil te falar deste trabalho.

Toda baseada na fala, a exibição, no entanto, é uma viagem também visual, um passeio por um mundo criado por cenografia, expografia, design, vídeo, imagens de todo tipo. Criado e detalhado com todo o cuidado. Curado com minúcia para permitir que você de fato caminhe por uma trilha marcada, sinalizada, determinada, que te leva dos elementos mais básicos da realidade à explosão verbal do idioma como um todo e de suas variedades, variações, cores e efeitos diversos dentro do Brasil.

Fala, falar, falares.

Sim.

Esses elementos, cada um deles, estão presentes em todas as suas manifestações, empregando todos os meios e mídias para que um conteúdo tão importante e tão denso possa ficar ao mesmo tempo claro e empolgante, rigoroso e cativante.

Daniela Thomas sabe como ninguém encontrar maneiras de dar a ver conteúdos de todo tipo. E a isso se soma sua efetiva, vitalícia paixão pela língua portuguesa e seus recantos, percursos e percalços. Além de tudo, numa carreira que já se estende por décadas, ela acumulou experiência e contatos que nos permitiram fazer coisas que eu nem imaginaria que fossem possíveis antes de começar esse trabalho de mais de um ano ao lado dela.

Já participamos de vários projetos juntos.

Na maioria das vezes, isso aconteceu com ela na qualidade de cenógrafa e eu como dramaturgista. Aqui, no entanto, o trabalho foi de coautoria desde o primeiríssimo momento, e ser parte dessa dupla foi uma das coisas mais prazerosas que já me aconteceram. E acho que posso dizer, também, que o resultado, a exposição toda, é um dos trabalhos de que mais me orgulho.

Conseguimos dar conta das nossas ideias mais doidas, com a preciosa colaboração de toda a equipe do Museu da Língua Portuguesa e, acima de tudo, de mãos dadas com Isa Grinspum Ferraz, curadora dos curadores, que propôs nossos nomes, nos convidou e nos acompanhou, fada benfazeja, em cada metro dessa estrada. Conseguimos apresentar aos milhares de indivíduos que visitaram a exposição uma visão colorida, instigante, profunda e cuidadosa da maravilha que é o falarmos, e falarmos justo esta língua e de tantas maneiras diferentes.

E veja que eu insisto e continuarei insistindo não só em falar de fascínio, mas também em mencionar “rigor”, “cuidado”.

Eu sou professor de linguística histórica e fico feliz de poder dizer que, como todo o conteúdo dessa coisa única que é o Museu da Língua Portuguesa, a nossa exposição teve sucesso em caminhar também pela ponte estreita que une entretenimento e educação, sem jamais deixar de cuidar de cada passo e de verificar cada informação.

Em alguns casos, esse cuidado triscou as raias da obsessão.

Você vai ver.

Aliás, se pode ser difícil “falar” da exposição, deixa eu tentar te “mostrar” como ela foi pensada, como se desenvolve e em que fundações se ergue (bastidores e tudo mais).

Para isso, vou usar todo o conteúdo textual que fez parte de *Fala Falar Falares*: textos que estavam nas paredes, no chão, nas janelas do espaço expositivo; textos ouvidos como narração em cada uma das salas; textos que apareciam em vídeos ou animações. E vou costurar esses textos, permitindo que você acompanhe esse novo percurso virtual em palavras e imagens: um passeio pelo “nosso português”, como eu disse outra vez em outro lugar.

Uma verdadeira visita guiada.

Um passeio pela nossa exposição.

E ela se abre, ainda antes de se abrir, no elevador que te leva da entrada do Museu até o piso das exposições temporárias.

Nesse trajeto, preste atenção (às vezes as pessoas conversando do teu lado podem te distrair), você vai ouvir um coro, uma litania formada por dezenas de vozes de pessoas de tudo quanto é canto do Brasil (mais pra frente eu comento melhor de onde apareceram essas pessoas) que leem, juntas, uma depois da outra, uma por cima da outra, a seguinte lista:

ABRE CAMPO, ACAIACA, ACEGUÁ, ADUSTINA, AFUÁ, AIUABA, AIURUOCA, ALUMÍNIO, AMPÉRE, ANAHY, ANAJÁS, ANANINDEUA, ANAMÃ, ANICUNS, APIAÍ, ARAIOSES, ASCURRA, ASPÁSIA, AXIXÁ, BALDIM, BANZAÊ, BAYEUX, BODÓ, BOFETE, BREJÃO, BREJINHO, BREJÕES, BREU BRANCO, CABROBÓ, CACULÉ, CAFARNAUM, CALÇADO, CANDÓI, CANHOTINHO, CANITAR, CANSANÇÃO, CAPIM, CARACOL, CARBONITA, CARIDADE, CARMÉSIA, CARRANCAS, CÁSSIA, CATAS ALTAS DA NORUEGA, CATENDE, CATU, CATUTI, CENTRALINA, CHORÓ, CHOROZINHO, CHORROCHÓ, CHUÍ, CHUPINGUAIA, CHUVISCA, CIDREIRA, CIPÓ, COMERCINHO, CONGO, CONQUISTA, CONTENDA, CORGUINHO, CORTÊS, COXIXOLA, CRAÍBAS, CRISTAIIS, CRIXÁS, CUITÉ, CUITEGI, DENISE, DERRUBADAS, DESCANSO, DESCOBERTO, DESTERRO, DIORAMA, DIVINÉSIA, DORMENTES, DRACENA, DUERÉ, ENCANTO, ENTRE FOLHAS, ERMO, ESCADA, ESPERANÇA, ESPUMOSO, EXU, FAINA, FAMA, FARTURA, FELIZ, FORMIGA, FORMOSA, FORMOSO, FORTUNA, FRECHEIRINHA, FUNILÂNDIA, GENTIL, GILBUÉS, GIRUÁ, GLORINHA, GONGOGI, GUARDA-MOR, GUIDOVAL, GURINHÉM, HARMONIA, HEITORAÍ, HELIODORA, HIDROLINA, IBIAPINA, IBICUÍ, IBIRATAIA, ICÉM, ICHU, ICÓ, IEPÊ, IMACULADA, INOCÊNCIA, IPIXUNA, IRACEMA, IRAÍ, IRARÁ, IRATI, IRITUIA, ITAARA, ITANHÉM, ITAPIPOCA, ITOBI, ITUETA, IUIÚ, IVINHEMA, JABOTICATUBAS, JACOBINA, JACUÍ, JACUNDÁ, JAÍBA, JAICÓS, JAPOATÃ, JAPONVAR, JARAMATAIA, JAUPACI, JAURU, JECEABA, JERUMENHA, JESUÂNIA, JOAÍMA, JOVIÂNIA, JURAMENTO, KALORÉ, LÁBREA, LADAINHA, LADÁRIO, LAGES, LAMIM, LASSANCE, LASTRO, LAVANDEIRA, LIBERDADE, LIZarda, LOANDA, LONTRA, LUCÉLIA, LUCRÉCIA, LUMINÁRIAS, LUPÉRCIO, MACHACALIS, MAGDA, MALHADA, MANGA, MANSIDÃO, MARAÃ, MARAIAL, MARAU, MARAÚ, MARAVILHA, MARAVILHA, MARAVILHAS, MARCAÇÃO, MARILAC, MARILUZ, MARLIÉRIA, MARQUINHO, MARZAGÃO, MASCOTE, MATINA, MATRINCHÃ, MATUREIA, MATUTINA, MELEIRO, MELGAÇO, MERCÊS, MILHÃ, MINDURI, MIRAÍMA, MIRANTE, MIRAVÂNIA, MIRINZAL, MODELO, MOEDA, MOJU, MONGAGUÁ, MONTAURI, MONTEZUMA, MONTEVIDIU, MORAÚJO, MORENO, MORMAÇO, MORPARÁ, MORTUGABA, MORUNGABA, MOSSÂMEDES, MOSTARDAS, MOZARLÂNDIA, MUANÁ, MUITOS CAPÕES, MULUNGU, MUTUÍPE,

NANUQUE, NÃO-ME-TOQUE, NATÉRCIA, NHAMUNDÁ, NHANDEARA, NIOAQUE, NIPOÃ, NONOAI, NUPORANGA, OCAUÇU, ÓLEO, ORATÓRIOS, ORIXIMINÁ, ORIZÂNIA, OROCÓ, OUVIDOR, PACOTI, PACUJÁ, PAIAL, PALHOÇA, PALMÁCIA, PALMELO, PALMITOS, PANELAS, PANORAMA, PARAÍSO, PARELHAS, PARIPUEIRA, PAROBÉ, PASSABÉM, PASSA-E-FICA, PASSA QUATRO, PASSA-SETE, PASSA TEMPO, PASSA VINTE, PATIS, PATOS, PATU, PAUDALHO, PAVÃO, PAVERAMA, PEDRA, PEDRALVA, PEDRÃO, PEDREGULHO, PEDRINHAS, PEIXE, PEQUI, PERDÕES, PERIQUITO, PÉROLA, PIEDADE, PIÊN, PILÕES, PINDOBA, PINDORAMA, PIRACURUCA, PIRAPÓ, PIRAUQUÊ, PIRIPÁ, PIRIPIRI, PIUM, PIUMHI, POÁ, POÇÃO, POCINHOS, POÇÕES, PONGAÍ, POPULINA, PORCIÚNCULA, POSSE, POTÉ, POTIM, POXORÉU, PRATA, PRATA, PRATINHA, PROMISSÃO, PROPRIÁ, PUGMIL, PUREZA, PUTINGA, PUXINANÃ, QUATI, QUELUZITO, QUELUZ, QUERÊNCIA, QUIJINGUE, QUIPAPÁ, QUILAMÃ, QUIXELO, QUIXERÉ, RECREIO, REDUTO, REGISTRO, RELVADO, REMANSO, REMÍGIO, RERIUTABA, RESPLENDOR, RIALMA, RIFAINA, RINCÃO, RIQUEZA, RODELAS, ROLÂNDIA, ROLANTE, RONCADOR, ROSANA, ROSÁRIO, ROSEIRA, RUBELITA, RUBIÁCEA, RUBINEIA, SABÁUDIA, SABOEIRO, SAIRÉ, SALGADINHO, SALGADO, SALGUEIRO, SALINAS, SALITRE, SALVATERRA, SANANDUVA, SANHARÓ, SARANDI, SARDOÁ, SARZEDO, SAUBARA, SAUDADES, SAÚDE, SEGREDO, SELVÍRIA, SEM-PEIXE, SÉRIO, SETUBINHA, SILVES, SINOP, SIRINHAÉM, SIRIRI, SOLEDADE, SOLEDADE, SOLIDÃO, SOMBrio, SONORA, SOORETAMA, SORRISO, SOSSÊGO, SUMÉ, TABAÍ, TABOCÃO, TACURU, TAGUAÍ, TAIPU, TAMBAÚ, TALISMÃ, TANGARÁ, TANHAÇU, TANQUINHO, TAPIRA, TAQUARA, TARTARUGALZINHO, TARUMIRIM, TATUÍ, TEJUÇUOCA, TEJUPÁ, TELHA, TERENOS, TESouro, THEOBROMA, TIANGUÁ, TIGRINHOS, TIMÓTEO, TOCOS DO MOGI, TOMAR DO GERU, TOMBOS, TORITAMA, TORIXORÉU, TOROPI, TRABIJU, TRACUATEUA, TRACUNHAÉM, TRAIPU, TRAVESSEIRO, TRIUNFO, TROMBAS, TUMIRITINGA, TUNTUM, TUPÃ, TURIÚBA, TURUÇU, TURURU, TURVO, TURVÂNIA, TUTÓIA, UARINI, UAUÁ, UBAÍ, UIBAÍ, UIRAPURU, UIRAÚNA, UNA, UNAÍ, UNIFLOR, UNISTALDA, URAÍ, URUÇUCA, URUCUIA, URUOCA, URUPÁ, URUPÊS, URUSSANGA, URUTAÍ, VALENTE, VARGEÃO, VARJINHA, VARJÃO, VARJOTA, VARRE-SAI, VAZANTE, VENHA-VER, VENTANIA, VENTUROSA, VERA, VEREDA, VEREDINHA, VERMELHO NOVO, VERTENTES, VIDEIRA, VIGIA, VINHEDO, VIRGÍNIA, VISEU, WAGNER, WITMARSUM, XAMBIOÁ, XAMBRÊ, XANGRI-LÁ, XANXERÊ, XAPURI, XAVANTINA, XAXIM, XEXÉU, XINGUARA, XIQUE-XIQUE, ZABELÊ, ZACARIAS, ZÉ DOCA, ZORTÉA.

BRASIL.

TRIUNFO. PARAÍSO. MARAVILHA.

JURAMENTO. MANSIDÃO.

São cidades.

Exemplos retirados da lista completa dos mais de 5.500 municípios brasileiros, organizados aqui segundo critérios sonoros, estéticos mesmo, que até por isso acabam contribuindo automaticamente para demonstrar a variedade, a riqueza, a multiplicidade de lugares, de nomes e vozes que constituem o Brasil.

Triunfo. Paraíso. Maravilha.

Uma profusão de nomes de origem indígena, um elenco de mulheres feitas cidade.

Juramento. Mansidão. Fartura.

O fato de termos em geral evitado nomes de cidades muito grandes, muito conhecidas, acaba sublinhando esse dado quase misterioso, esse mergulho em um país que é muito maior e mais variado do que ousamos supor, do que podemos imaginar.

Por outro lado, ao apresentarmos esse coro de vozes dizendo essas palavras sem qualquer contextualização, fizemos com que as pessoas que chegavam à exposição passassem por uma primeira onda sonora de palavras radicalmente pertencentes ao nosso mundo, mas aqui “estranhadas”, quase “estrangeirizadas” em uma lista aparentemente desprovida de sentido.

No caminho que a exposição propõe aos espectadores ainda não estávamos na história da língua: as coisas aqui não precisavam mesmo (talvez nem devessem) fazer sentido. Estávamos apenas no mar de sons e possibilidades do português brasileiro e de suas sedes, seus locais.

FARTURA.

Até por isso ficava marcado o contraste com o primeiro texto escrito com que você se deparava. Impresso na parede da entrada.

A língua que você fala é uma das coisas mais constantes da sua vida.

Você sabia que, mesmo antes de nascer, o coração de um bebê já acelera quando ele ouve os sons da língua falada pelos pais, mas não quando ouve um idioma estrangeiro?

Desde a hora de acordar até o mais fundo do mundo dos sonhos, vivemos respirando o ar dessa língua e nos servindo dele para tudo que precisamos e queremos fazer da nossa vida.

Falar é um processo espantoso. É transformar o ar que percorre o nosso corpo em uma sequência de sons articulados,

criando sílabas, palavras, frases, discursos que descrevem e alteram toda a nossa realidade.

Porque aprender um idioma é também passar a fazer parte de uma comunidade de falantes que vem há muito, muito tempo, criando essa língua.

Um idioma humano é um livro aberto que não esconde sua história e ostenta marcas orgulhosas de todos os contatos que já teve e de todos os eventos que testemunhou.

Se Portugal um dia entrou em contato com a China, a Índia, a Noruega, Angola, o Vietnã, a língua que nós

recebemos trouxe também essa história toda, que ainda se ampliou muito mais aqui no Brasil.

Mas também não adianta querer romantizar esse pertencimento.

Assim como o empurra-empurra de vontades e poderes marca a história das transformações do idioma, o contraste de suas várias formas no presente também é cheio de significados, preconceitos, riqueza e potencialidade.

Existe algum brasileiro sem sotaque? Você gosta de falar do jeito que fala? Já sentiu alguma pressão para falar diferente?

A CASA É SUA

Você acha que os brasileiros têm uma noção real da diversidade da sua língua? E do fato de que falamos mais de duzentas línguas no país? Além da nossa língua de sinais, a Libras?

A língua que você fala é uma das coisas mais constantes da sua vida. E nesta exposição nós queremos que você pense no nosso português com maior profundidade.

Do primeiro sopro ao poema mais delicado.

Pare.
Escute.
Divirta-se.



Esse convite, que aparecia ao lado do texto oficial do próprio Museu da Língua Portuguesa, cumpria uma função meio protocolar. Era como que a nossa assinatura e também a nossa carta de intenções. E essas duas funções, para nós, tinham um peso muito grande. Não é porque algo tem função protocolar, oficial, que essa função precisa ser mera obrigação.

Passamos cerca de um ano, entre as primeiras conversas e a inauguração, conversando sobre essas ideias, planejando, trocando de planos, trabalhando, inventando trabalho. Na verdade, a primeira coisa que a Daniela me disse, quando a gente soube que receberia esse convite, foi que ela sabia, por experiência própria, que a coisa custaria muito esforço, que era imensa e que seria intensa.

Que seria algo bonito, mas também muito puxado.

Daniela, que não estava ali pela primeira vez, sabia disso. Para mim, era tudo novidade, e ouvir isso dela num primeiro momento serviu mais como segurança do que como alerta. Saber que ela estava ali para me alertar dos buracos no caminho.

Só que eu não precisei nem chegar ao dia da abertura para entender as compensações que recebi pelo envolvimento e pela quantidade de empenho investido. Só o fato de eu ter passado esse ano na companhia das pessoas com quem a exposição foi feita (não vou nem entrar nos nomes agora: eles estão todos nos nossos agradecimentos, e são um batalhão!), pensando e conversando com a

Isa, por exemplo, já foi uma experiência das mais bonitas.

Mas trabalhar em parceria estrita e estreita com a Daniela durante esses meses foi coisa de outro mundo.

Foi magnífico.

Então quando chegou a hora de pensar nesse primeiro texto, aquele movimento que culmina em boas-vindas era resultado de tudo isso. A gente tinha uma função oficial a cumprir num texto de apresentação, tinha a função prática de dizer mais ou menos qual seria o espírito, quais eram os objetivos da exposição, e tinha também uma motivação pessoal profunda.

Cumprida a jornada, encerrado o trabalho de criação, era hora de receber nossos convidados.

E a gente estava muito feliz.

E curiosos pra saber o quanto as pessoas iam extraír de tudo aquilo e o quanto iam conseguir de fato se divertir como nós nos divertimos.

Porque razão para isso, a nosso ver, não faltava.

A bem da verdade, ao longo da elaboração da exposição fomos ficando tão encantados com o tamanho do nosso tema e com as imensas possibilidades de conteúdo e transmissão de conteúdo, que acabamos entrando num modo mais que maximalista, que acabou transformando o espaço onde coube a mostra numa caixa forrada de um conteúdo que literalmente se espalhava por paredes, portas, janelas, pelo chão.

E logo diante da parede em que estava nosso texto de boas-vindas, você encontrava a primeira frase, coleante, escrita no chão e mostrando o caminho que você deveria seguir para chegar à sala que abria a exposição.

TUDO COMEÇA

COM O AR QUE TE PERCORRE



Isso porque, se desde o primeiro momento o convite e a proposta da equipe do Museu foi para uma exposição que tratasse da diversidade linguística dentro do português no Brasil, as nossas conversas já nos primeiros dias foram se encaminhando para algo um tanto mais amplo, que no fundo se refletiu inclusive no título que bem à frente a exposição acabou ganhando.

Nós pretendíamos, sim, é claro, abordar os falares do nosso país. Mas achávamos que o caminho mais sólido para chegar até eles tinha que começar pela própria capacidade de *fala* e pela maravilha que transforma nossa capacidade de linguagem no ato de *falar*.

A gente queria vir desde o começo.

E como estamos falando de uma língua oralizada (e não de uma língua de sinais, como a Libras), tudo de fato começa com o ar que percorre o aparelho fonador.

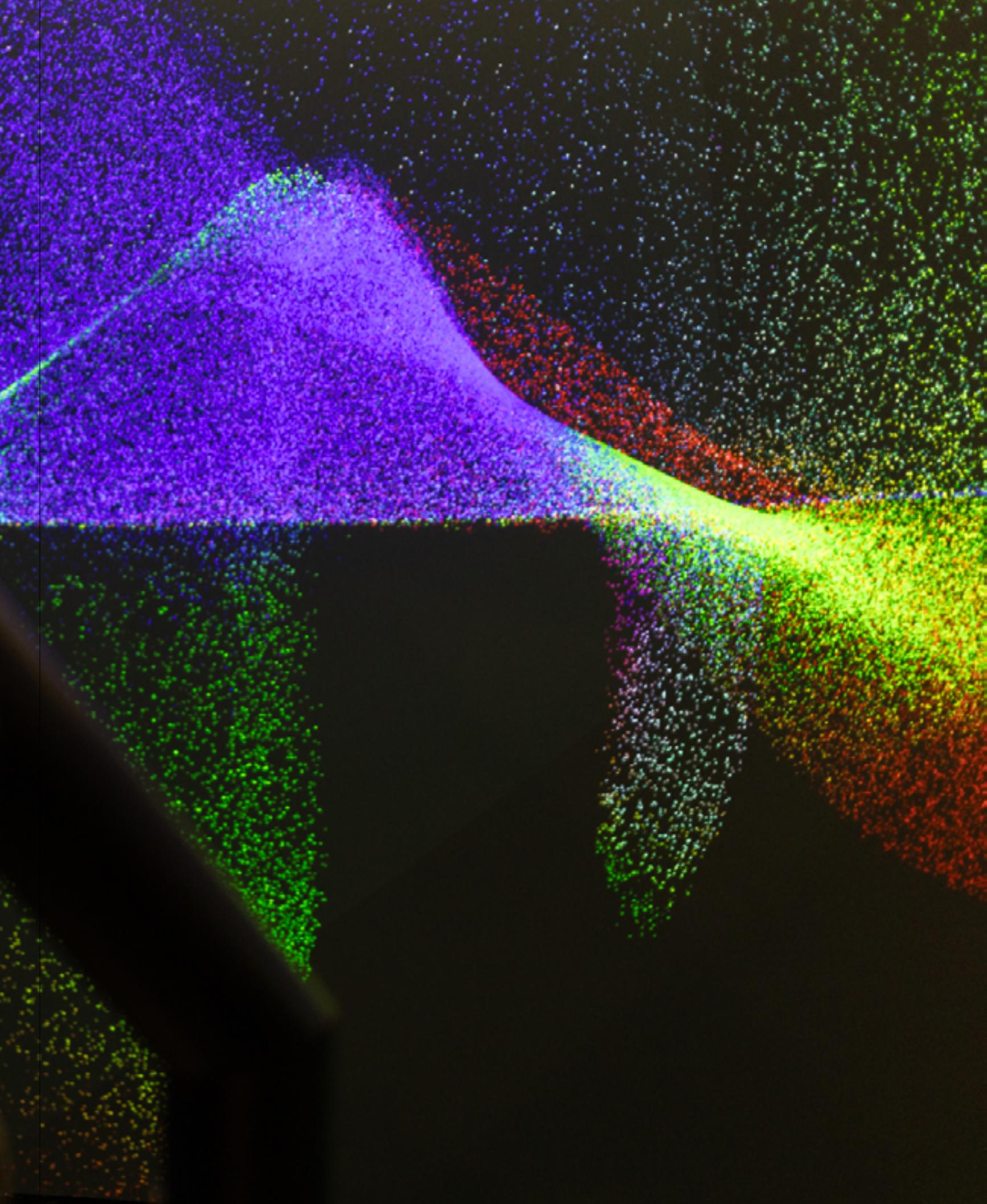
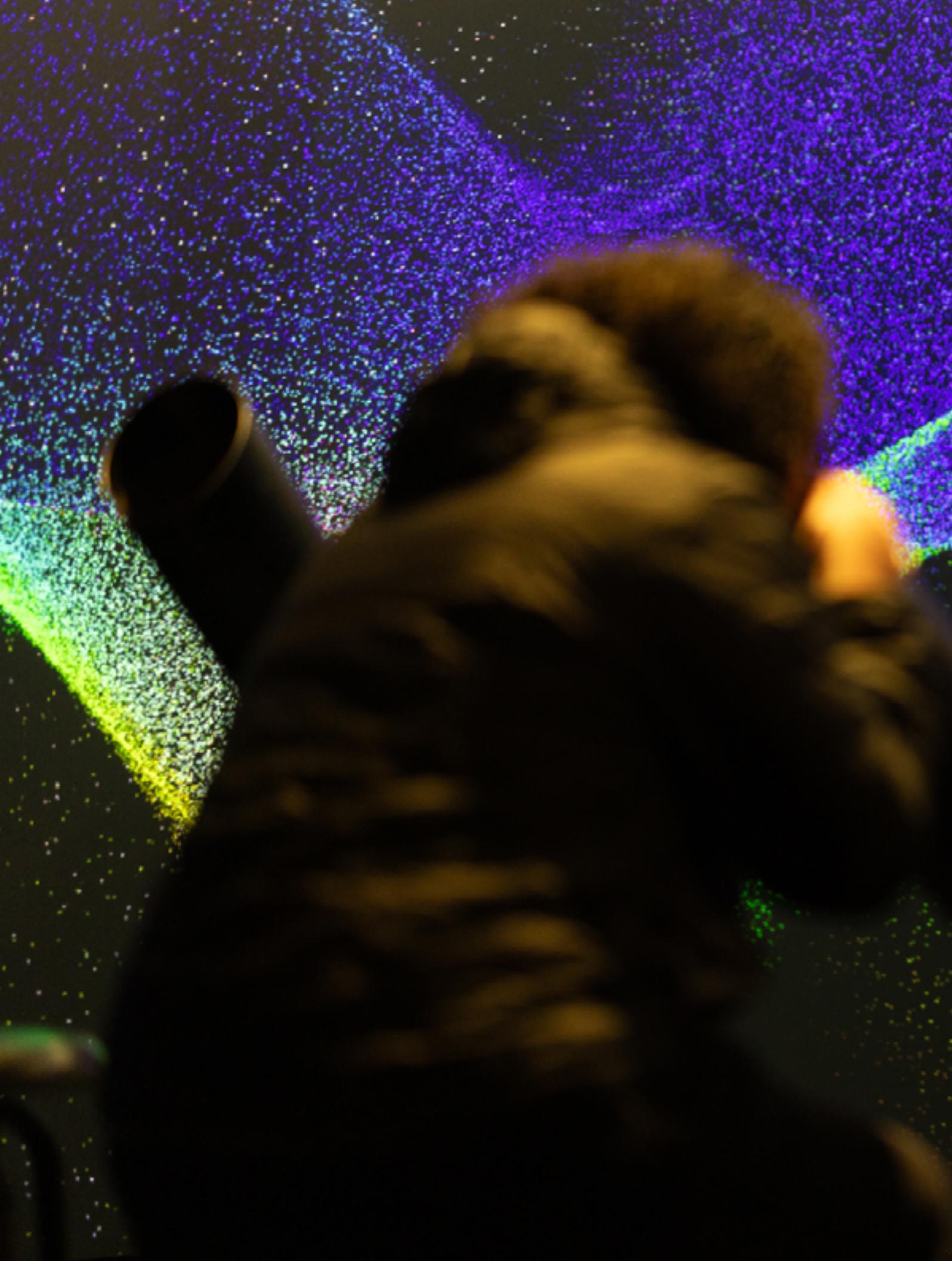
E logo a gente percebeu que se era caso de começar por aí, bem podíamos também usar a oportunidade como uma espécie de portal, uma tentativa de zerar as expectativas, limpar as oiças e os sentidos, dar novo significado aos sons que surgirão do silêncio.

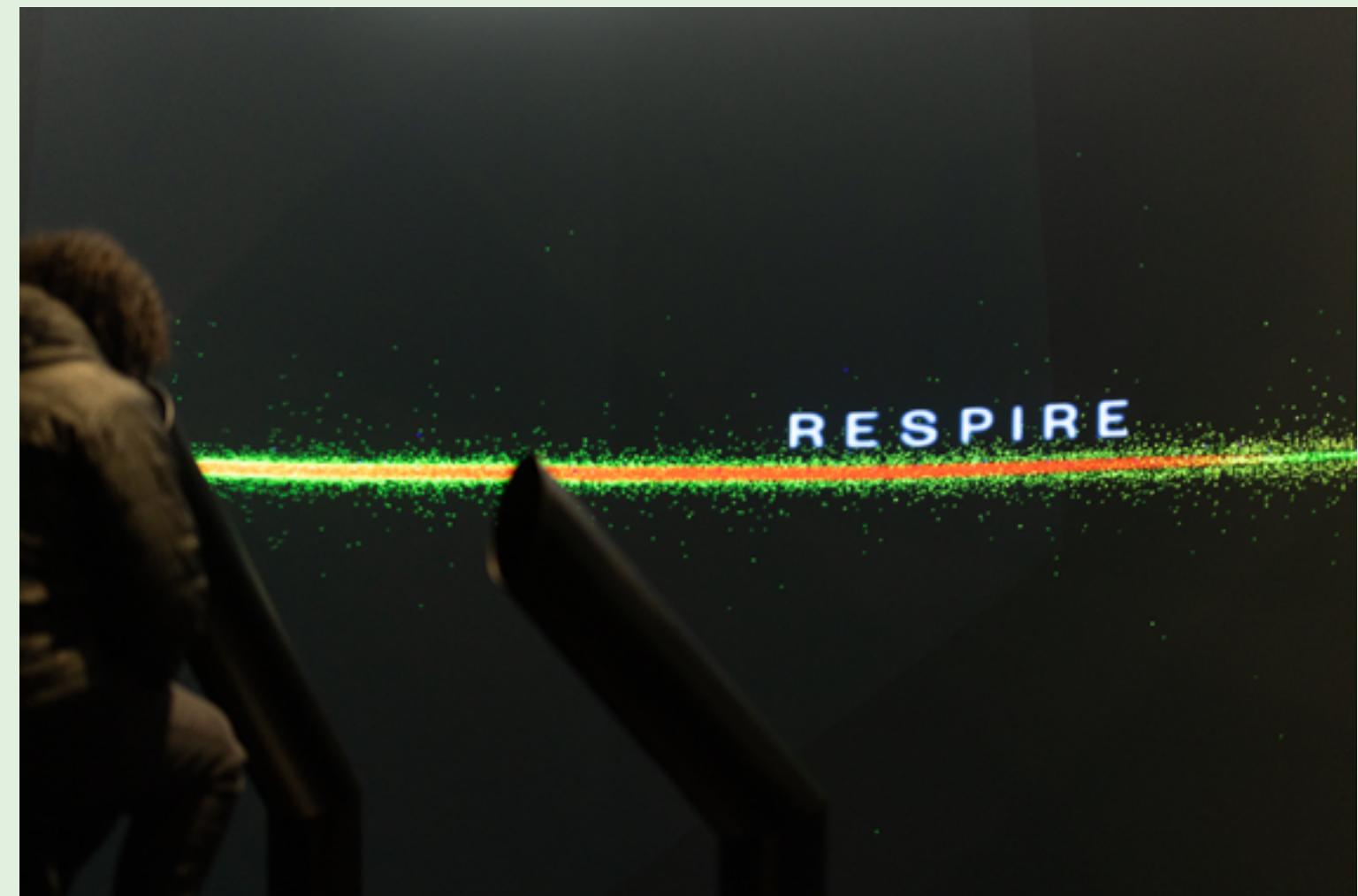
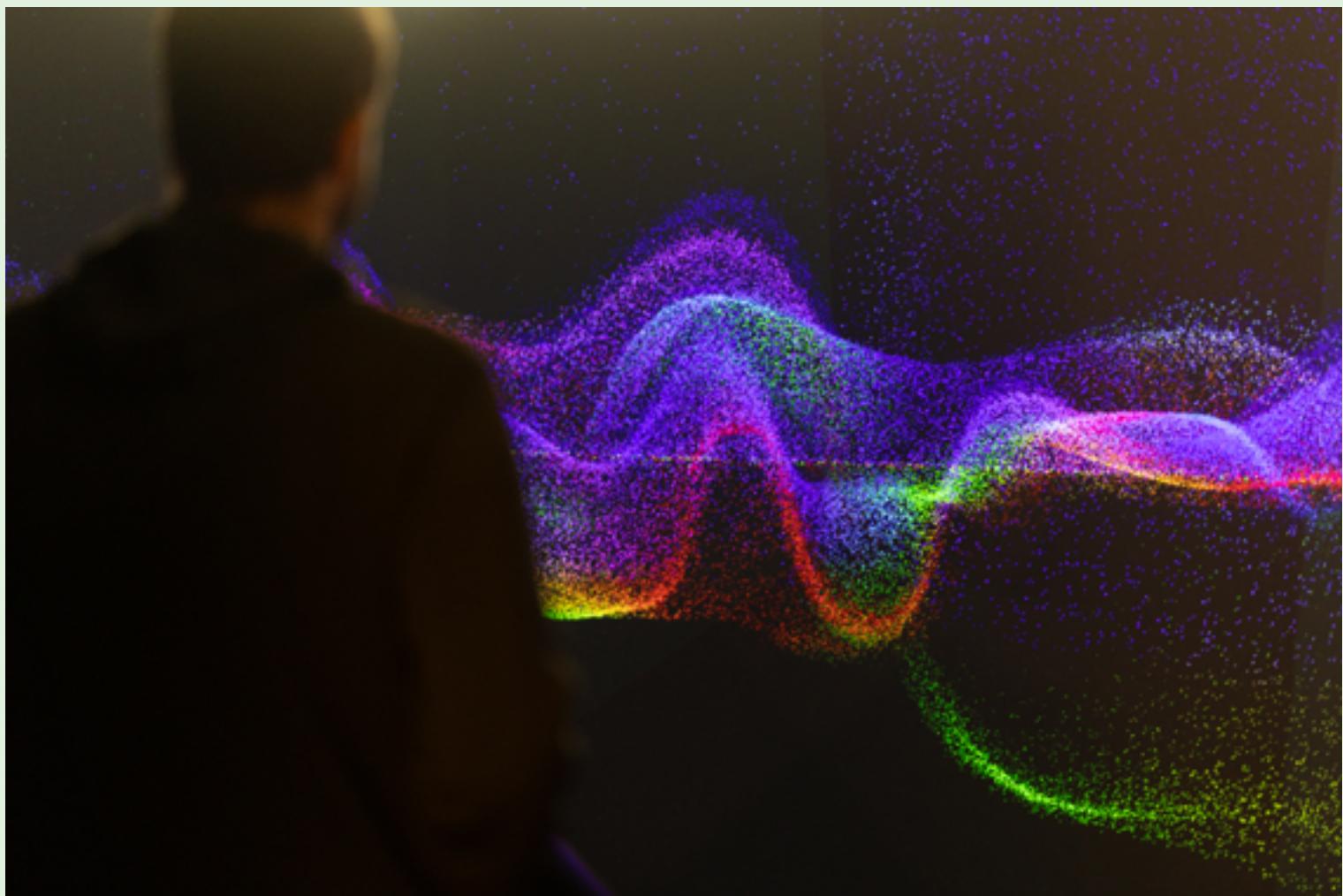
Em contraste com aquele banho de sons aparentemente desconexos que tinha recebido os visitantes no elevador, agora queríamos oferecer silêncio, meia-luz, reflexão pacífica. Respiração profunda, nosso tema, afinal.

RESPIRAR SUSPIRAR INSPIRAR EXPIRAR ASPIRAR

Desde o começo pensávamos em fazer dessa primeira sala um espaço meditativo, no qual as pessoas tivessem que se concentrar apenas no ar, pudessem prestar atenção nessa coisa tão automática que é o ato de respirar. E por isso, ao entrar no espaço, os visitantes eram recebidos por uma narração (na minha voz) que dizia:

*Você respira umas 20 mil vezes por dia.
Enquanto anda, estuda, pensa, trabalha, dorme, sonha.
E você mal se dá conta.
Contemplar esse ato é tão revolucionário que escolas
inteirinhas de meditação se baseiam
somente nisso. Prestar atenção no ar que entra
e sai do seu corpo pode mudar a sua vida.
Tente. Agora.
Respire no microfone e veja o som.
Escute-se.*





Ars

Mas esse momento “zen” era também uma oportunidade de começarmos a botar as manguinhas de fora, e apresentar o que seria o *modus operandi* da exposição: imersiva, intensamente baseada em tecnologia, responsiva, visualmente elaboradíssima.

Por isso o texto da narração era também projetado na parede curva do espaço, em sincronia com o áudio, sobre uma linha estática que se movia, gerando animações cada vez mais complexas e amplas quando os visitantes seguiam as instruções, se aproximavam de um dos dois microfones disponíveis e respiravam diante deles.

Então a sala toda pulsava no ritmo da respiração de uma pessoa, permitindo que ela “enxergasse” fora de si o movimento do ar por seu corpo. Cada um que passava por ali comandava a sala, que se transformava em seus pulmões.

E de saída vale um comentário a respeito dessa tecnologia toda.

Como eu já disse, graças às conexões da Daniela, pudemos fazer nessa exposição coisas que, de verdade, nunca tinham sido feitas (espere a próxima sala). E Demétrio Portugal, o nosso “cérebro eletrônico”, que já tinha trabalhado com ela, começou a mostrar a que vinha já nessa primeira sala. Afinal, sabíamos que, por mais que pensássemos na exposição como um percurso que UMA pessoa faria, na vida real ela passaria boa parte do tempo entupida de gente, com cada sala lotada, especialmente de crianças irrequietas.

O tamanho e a exuberância da animação que tomava as paredes da primeira sala já faziam parte dessa ideia de permitir que, por mais que em dado momento apenas uma ou duas pessoas estivessem operando os mecanismos interativos, todas as outras pudessem ter o que ver, ouvir, acompanhar.

Mas tudo isso só foi possível porque a equipe de geniozinhos do Demétrio conseguiu calibrar o espectro de captação de som dos microfones para que eles respondessem apenas à faixa de frequências que caracteriza os sons da respiração e não aos gritos de todos os que estivessem em volta do microfone.

Como numa experiência real de meditação, em que muitas vezes a mais perfeita imobilidade é resultado não da passividade, mas de um trabalho contínuo e atento, aqui na nossa primeira sala tanto o efeito estético quanto o peso conceitual dessa situação de diminuição de velocidade, concentração, relaxamento e “paz”, num ambiente expositivo quase minimalista, derivavam de meses de muito trabalho.

Ao sair dessa sala, você era guiado
novamente por uma frase que se estendia
pelo chão, no caminho para o ambiente
seguinte. Ela dizia:

TUDO SE ALTERA QUANDO O
SEU CORPO TRANSFORMA O AR EM SONS

DIVERSIDADE SOTAQUE PRONÚNCIA DIALETO

Estaríamos, agora, entrando no domínio da língua falada, examinando com detalhes esse processo de escultura do fluxo do ar que permite que os seres humanos pronunciem milhares de idiomas diferentes e, no nosso caso, gere cada som do português usado no Brasil.

Assim como acontecia na sala anterior, você era recebido aqui por uma narração (agora na voz da Daniela, o que já de cara apresentava o tema da exposição, na medida em que os visitantes se viam expostos primeiro à fala de um curitibano e depois à de uma carioca):

Pulmão respira. Dente mastiga.

A língua te ajuda a engolir.

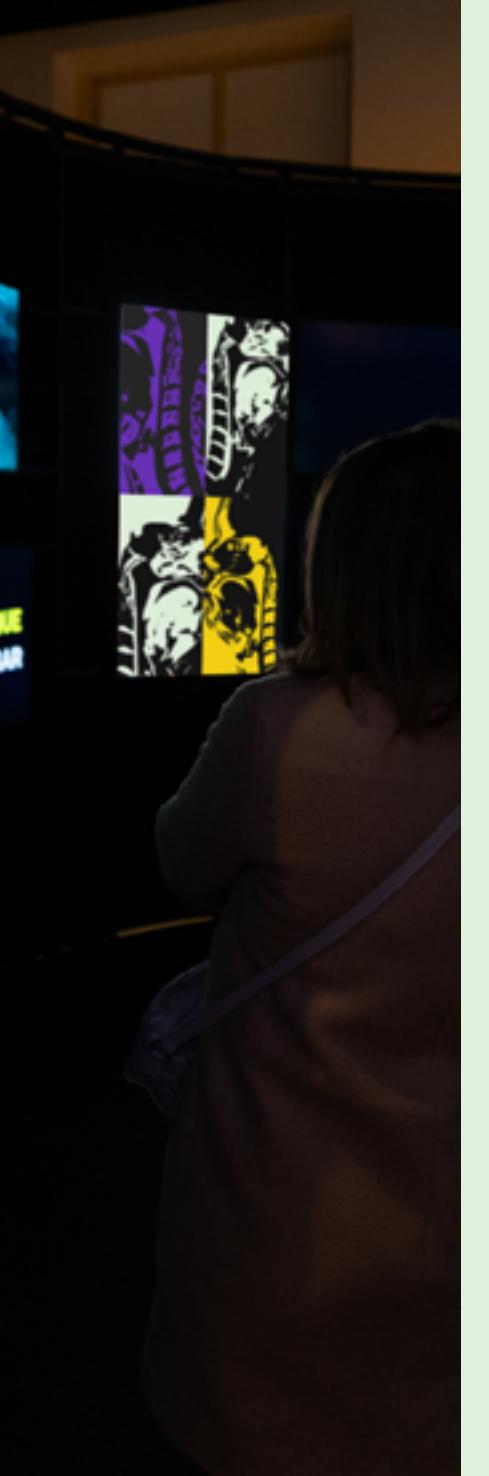
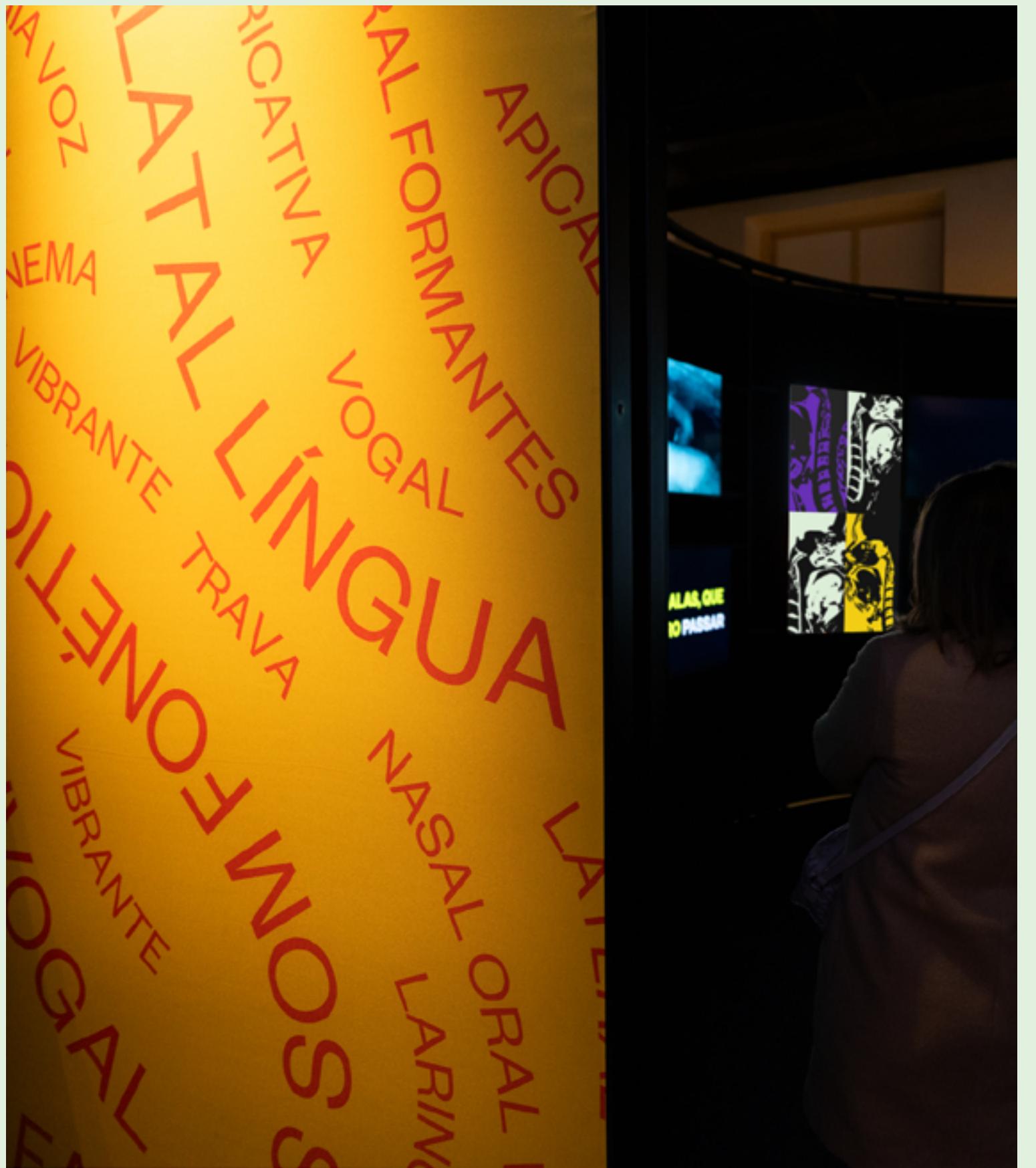
Todo mundo está fazendo hora extra quando você fala.

Das pregas vocais que vibram à língua que toca leve os dentes: é uma coreografia maravilhosa.

Veja se não é espantoso.

*A língua é gigante! E tão ágil!
O céu da boca é móvel!*

A pessoa que aparece nessas imagens pode até ter um sotaque diferente do seu, mas ponha a mão na garganta, na bochecha, e tente imaginar a mesma dança em você.



Mas as semelhanças acabavam aí.

O desenho minimalista da sala da respiração, a tecnologia como que oculta ali eram agora substituídos por paredes ocupadas por monitores de diversos tamanhos e formatos, colocados vertical ou horizontalmente. Era ali que aparecia o texto da narração, distribuído entre eles, percorrendo toda a sala.

Quando não estavam tomados por esse texto, os monitores exibiam desenhos derivados de imagens do nosso aparelho fonador ou registros de frequências sonoras em formato gráfico. Mas o mais relevante, e definitivo, acontecia, como na sala anterior, no momento em que o texto da narração acabava e a sala se tornava viva.

Aqui, o modelo de interação se invertia.

Não era o visitante que operava o ambiente. Na verdade você recebia a instrução de tentar reproduzir em seu corpo o que veria nas paredes. De sujeito você passava a tema, manipulado pela narração e pelas imagens, o que no fundo ia dando forma a algo central para toda a experiência dessa visita.

Ela era acima de tudo um mergulho em você mesmo.



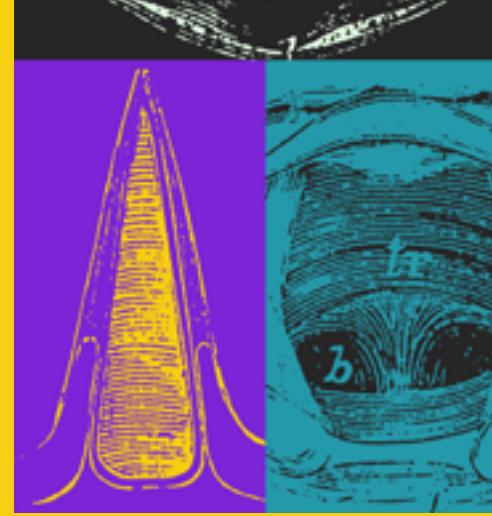
MUNDO

LÍNGUA

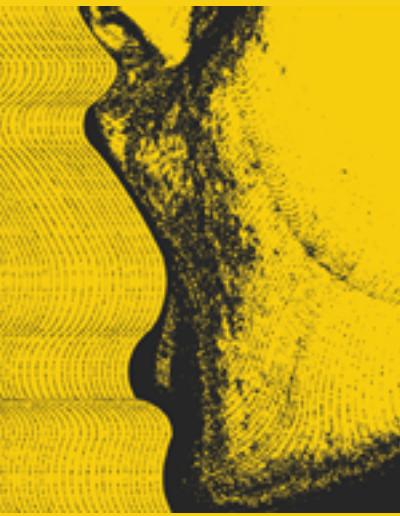
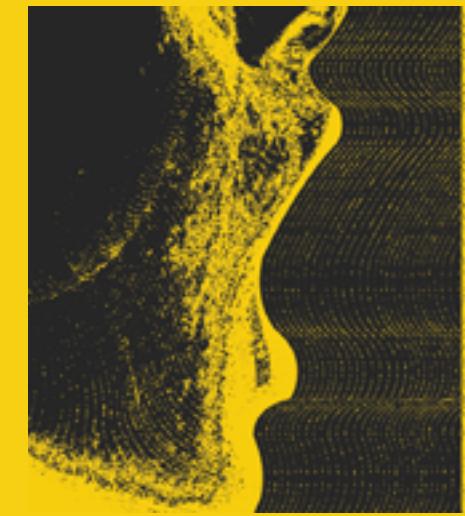
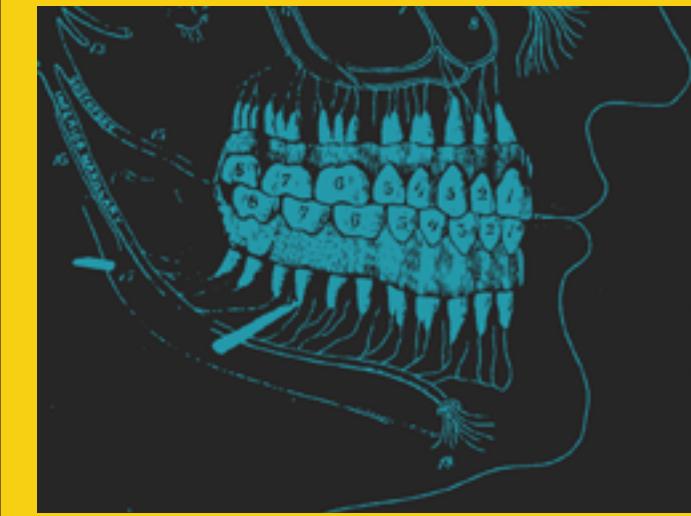


Dente mastiga.
Pulmão respira.
A língua te ajuda a engolir.
Todo mundo está fazendo
hora extra quando você fala.

SOTAQUE



mas ponha a mão na garganta,
na bochecha, e tente imaginar
a mesma dança em você.



UMA EXPOSIÇÃO PARA E SOBRE VOCÊ

DANIELA THOMAS

Mas não é o que são todas as exposições, em certa medida?

Pode ser que sim em algum aspecto. Tudo o que se experimenta é mediado pela subjetividade, claro. Mas o pacto aqui é VOCÊ na largada, no meio e no fim. VOCÊ, visitante, é o eixo desse percurso, e se tudo der certo VOCÊ terá sido transformado ao final da viagem. Terá ganhado uma nova perspectiva de si mesmo e de seu entorno humano. Terá saído do Museu mais empoderado. (Desculpa o jargão, mas cabe, até o final você vai entender.)

No começo foi a pergunta: sobre o que trataríamos na exposição proposta pela Isa Ferraz, *Fala Falar Falares* como uma extensão, uma elaboração mais aprofundada de um dos pilares da exposição permanente do Museu da Língua Portuguesa? Caetano começou a pensar alto no nosso primeiro Zoom. Depois de poucas horas ouvindo-o discorrer sobre a complexidade e as maravilhas do falar, dos falares da nossa ilha continental (conceito da grande Fernanda Torres), tive uma iluminação. Entrei uma Daniela antes dessa fala do Galindo e saí outra depois.

Essa outra Daniela leva a mão ao pescoço e sabe o que tem dentro dele, o que está se movendo para produzir os sons que emite ao falar, percebe a sonoridade dos seus “s”,

dos seus “r”, reage a cada sutil variação das falas numa mesa de reunião, está atenta à beleza e à variedade da sua língua materna, se apaixona pelos nomes das coisas. Sente o peso da história das palavras transitando no tempo e no espaço, fica superatenta às variações de sotaque, ganha uma autoconsciência inédita e nada neurótica, porque ela inclui, não separa.

A iluminação que eu tive foi: o percurso da exposição deveria mimetizar o que aconteceu comigo. Preciso materializar em experiências cumulativas — que se pode viver com o corpo em movimento e com a disponibilidade da atenção — cada momento da fala do visitante, de forma que cada um sinta o que eu fui sentindo paulatinamente, em experiências que o envolvam num processo de **autodescoberta**, focado em si mesmo, e que aos poucos vá abrindo o foco para incluir o outro, em cuja diferença VOCÊ se perceba OUTRO também, numa ciranda, em que a diversidade seja a fonte de todo o prazer.

Formulei a sequência de estações do percurso tentando seguir o raciocínio daquela fala inicial do Caetano, meu guia: primeiro a respiração, o começo de tudo, a seguir o aparato da fala, depois a vida dos nomes, dos mais próximos da gente até os mais distantes, depois os sons e as variações dos falares,

a consciência do sotaque, a consciência da existência das palavras na literatura e, como o Caetano conta em seu texto, outras cositas mais.

Mas não foi sem percalços que chegamos à forma final da exposição. Tivemos uma reunião com o grupo estendido da equipe do Museu na qual apresentamos as tais estações. Fomos questionados quando propusemos — dentro do que virou a Roda de Falares, uma conversa entre pessoas de vários lugares do Brasil — que os participantes da reunião imitassem uns o sotaque dos outros. Uma delas (que acabou por ser uma das figuras incríveis da Roda na exposição) questionou se isso não reforçaria estereótipos, a discriminação que tanto a tinha afetado em sua vida em São Paulo, por ela ser pernambucana. Ficamos atordoados. Mas o que surgiu como um alerta acabou sendo nosso farol maior.

O Caetano já é, por natureza, vocação e decisão pessoal, o grande amante da língua falada por brasileiros, por TODOS os brasileiros. E com esse alerta da colaboradora do Museu nossa missão se tornou presentear o visitante, nesse processo de autodescoberta, com a percepção de que cada falar, cada nome dado a uma mesma coisa, não importa quão diferente seja,

quão diferente soe entre outros do seu entorno, é, na verdade, um poder adicional de cada um de nós que habitamos este imenso país. O falar é a joia da nossa existência, é a medalha de distinção, algo digno do maior orgulho. Traz milhares de anos de história em cada palavra, traz a cultura própria de cada lugar, não importa quão grande ou pequeno, rico ou pobre, de cada trajetória pessoal, dos encontros e desencontros de cada vida. A nossa fala e nós mesmos somos indissociáveis. E não há hierarquia no falar. Todo falar é essencialmente bom e seu. De VOCÊ.

O empoderamento a que me referi no primeiro parágrafo e que reafirmo aqui é este: VOCÊ, se tudo tiver dado certo, deverá ter saído da nossa exposição sobre VOCÊ mesmo com a autoestima bem ativada, o peito cheio de confiança de que aquele jeito tão particular com que você nomeia as coisas, aquele plural que você sempre esquece de pôr nas palavras, aquele DE em vez de DI, aquela fala cantada que sobressai em qualquer ambiente, tudo isso é pura maravilha. E que ouvir outras falas, outras cantigas, outras conjugações dos mesmos verbos é o máximo. É só privilégio.

Viva VOCÊ.



Mas para cumprir essa etapa do mergulho (aquele em que incitávamos cada visitante a tentar imaginar seu corpo) foi necessário um trabalho gigantesco, que rendeu um resultado inédito que até hoje me comove.

Logo nas nossas primeiras conversas, a Daniela me perguntou se a gente poderia usar imagens de ressonância magnética para mostrar os movimentos dos “articuladores móveis” (língua, lábios, véu palatino...) e a articulação dos sons do português em uso, em tempo real. Ela lembrava de ter visto esse tipo de vídeo na internet, com amostras da língua inglesa.

Eu disse que não conhecia um material equivalente na língua portuguesa, mas me dispus a tentar conseguir essas imagens, apesar de saber que o custo de obtenção do equipamento e de seu uso, assim como a multidisciplinaridade da equipe necessária para processar o material, seria um desafio grande para a estrutura universitária pública brasileira. Aliás, essas dificuldades são parte fundamental da explicação de não termos produzido, até aquele momento, um material sólido com imagens em movimento da articulação dos sons do português brasileiro.

O sistema público de ensino superior é essa estranha jaboticaba, essa preciosidade que conseguimos manter com sua singular mistura de excelência de resultados e precariedade de condições. Nós fazemos muito, mas via de regra com pouco dinheiro. E certas coisas ficam distantes das possibilidades, por exemplo, de um projeto de pesquisa na área da fonética articulatória.

Nesse primeiro momento, de tentativas, foi fundamental a participação da professora Adelaide H. P. Silva, uma das maiores foneticistas do Brasil, que nos auxiliou a fazer as perguntas certas e até chegou a nos oferecer acesso a um aparelho de ultrassom, que, no entanto, viria a produzir imagens de baixa resolução dos movimentos dos articuladores.

Foi aí que os contatos mágicos da Daniela entraram em ação, localizando um engenheiro brasileiro que trabalhava na Alemanha fabricando máquinas de ressonância magnética. Conseguimos convencer esse precioso voluntário a disponibilizar seu tempo e sua cabeça (literalmente) para decorar as frases que tínhamos escolhido (não se pode entrar com nada na mão na máquina de ressonância) e pronunciar cada uma delas enquanto seus colegas registravam as imagens.

E não poder entrar, por exemplo, com um celular na máquina nos impossibilitava de registrar o som da fala do voluntário, que precisou ser gravado posteriormente.

É claro que ninguém conseguiria pronunciar todas aquelas frases duas vezes no mesmo ritmo, na mesmíssima velocidade, então já sabíamos que a nossa equipe aqui teria bastante trabalho para manipular os pares de arquivos de áudio e vídeo e sincronizar cada frase.

Esse trabalho ganhou mais uma camada de dificuldade quando soubermos que a resolução das imagens que tínhamos conseguido (em quadros por segundo) era

voz

bem baixa, o que se torna complicado se você pensa que o tempo do movimento completo que a língua realiza para articular um som como a consoante [d] pode ficar bem abaixo de cinquenta milésimos de segundo.

Se a máquina de ressonância tira poucos “retratos” por segundo, boa parte da ação que nos interessava ver representada aconteceria entre essas imagens e ficaria perdida no registro.

Pensamos que poderíamos empregar ferramentas novas de inteligência artificial para preencher as lacunas entre os quadros da ressonância, gerando uma representação mais fiel dos movimentos de língua, lábios, palato. No entanto, não esqueço a expressão (cansaço e orgulho profissional) do Demétrio quando ele me disse que tudo teve de ser feito à unha mesmo.

A esses dois arquivos acabamos somando um terceiro, um vídeo obtido durante um exame de laringoscopia (realizado no Brasil por outra voluntária), para permitir a visualização dos movimentos das pregas vocais (que talvez você conheça como cordas vocais, termo hoje em desuso). E é claro que esse material também teve de ser delicada e precisamente sincronizado com todos os outros.

Assim, depois de muito esforço e vários meses de trabalho (sempre sob a tutela e a orientação da Adelaide), cada uma das nossas frases-exemplo podia ser ouvida e “vista”, em tempo real tanto num corte lateral que permitia a visualização de tudo que acontece dentro da cavidade oral de um

falante, quanto num corte transversal que revelava os movimentos (e os momentos pontuais de imobilidade) das pregas vocais.

Esse material, que está disponibilizado num pacote aberto a todos os professores e curiosos que quiserem consultá-lo e empregá-lo em seus trabalhos e aulas, acabou se constituindo no primeiro *corpus* relevante de imagens precisas da articulação da nossa língua, e não consigo esconder a felicidade que isso me dá.

Ver o Museu da Língua Portuguesa fazendo esse meio de campo precioso entre a academia e a comunidade, contando com o *input* transformador de cabeças criativas como as da Daniela e do Demétrio, com recursos e redes que nós, pesquisadores, nem sempre conseguiríamos acionar, para entregar para a sociedade (e de novo para a academia) um material tão precioso...

Testemunhei colegas de universidade chorar ao verem esses vídeos na exposição.

Aliás, por falar em colegas, talvez seja melhor eu deixar a palavra para a própria Adelaide neste momento.

SUA ORQUESTRA PARTICULAR DIANTE DOS SEUS OLHOS

ADELAIDE HERCÍLIA PESCATORI SILVA

Um bebê produz os primeiros sons da fala por volta dos seis meses, quando começa a balbuciar. As primeiras palavras são produzidas por volta do primeiro ano de idade. Por isso não é de surpreender que não nos lembremos do processo de aquisição de linguagem, que faz de nós, humanos, seres falantes.

Você já parou para pensar no trabalho que temos para produzir um som como o [s], que inicia palavras como *sítio, seiva, seta, saci, sótão, sopa, suco*? É bem provável que não. Por isso, para pensarmos sobre como os sons da fala são produzidos, vamos recorrer ao exemplo de uma orquestra.

Você já deve ter visto uma orquestra — ainda que pela televisão, pelo cinema ou pela internet. E deve ter observado que os músicos têm livros diante de si. Eles são as partituras, que representam graficamente as informações da peça a ser executada.

Você também deve ter notado que a execução de uma peça só começa após um comando do maestro. Ele fica diante de todos os músicos e indica quais instrumentos entram na execução da peça, em que momento da peça cada instrumento começa a tocar e o tempo em que os instrumentos permanecem tocando.

Pois bem. Se compararmos a produção dos sons da fala à execução de uma peça musical, podemos dizer que o maestro é o cérebro da orquestra, e a partitura diante dos músicos é o planejamento da peça musical a ser executada pelos diferentes instrumentos que compõem a orquestra. Esse planejamento contém, por exemplo, informações sobre a frequência de cada som — ou nota — produzido pelos instrumentos, além da informação sobre a duração de cada nota e sobre o ritmo da música, isto é, padrões de sons e silêncios que se repetem. Os instrumentos são análogos aos nossos órgãos fonadores, e os músicos, análogos aos nossos comandos neuromotores, que, ativados pelo cérebro, ou pelo maestro, entram em determinado momento da peça musical, em determinado momento da nossa fala.

Para que uma orquestra execute de forma harmoniosa uma nova peça musical, é necessário algum tempo de ensaio. Cada músico vai “aprender” o momento exato em que o instrumento que ele toca deve entrar na peça, as notas que seu instrumento deve produzir e o tempo de execução de cada uma. É necessário, adicionalmente, que os músicos aprendam a se coordenar uns com os outros, para que a peça musical

não perca a harmonia e não se torne uma execução desencontrada e caótica de cada instrumento individualmente. Toda essa tarefa enorme acontece sob o comando de um cérebro, no caso, o maestro.

Voltando à fala humana, podemos pensar nela como uma bela peça musical. Tomemos novamente o exemplo do [s] inicial das palavras que listamos no início deste texto. Ele é uma das muitas “notas” que devemos produzir para executar unidades como sílabas, palavras, sentenças, enunciados inteiros. Para tocar essa nota, necessitamos acionar comandos neuromotores que levem à ação da ponta da língua, nosso “instrumento”. Ela deve se elevar em direção aos alvéolos — aquela porção do céu da boca logo atrás dos dentes incisivos da arcada superior. Mas nossa “partitura” nos informa que não podemos encostar a ponta da língua nos alvéolos porque, se fizermos isso, produziremos outra “nota”, outro som da fala, o [t]. Em vez disso, precisamos manter a ponta da língua muito próxima dos alvéolos, e tensionada, formando um canal bem estreito por onde o ar passa, provocando ruído. A execução dessa “nota” ainda demanda a coordenação dos movimentos do instrumento “ponta da língua” com outro instrumento, as pregas vocais, que

precisam permanecer afastadas durante o tempo em que o movimento da ponta da língua está ativado. E nosso cérebro está lá, “regendo” nossa orquestra particular através de comandos neuromotores que garantem a coordenação perfeita de todos os movimentos. Que tal experimentar você mesmo o som da “nota” [s] agora?

É incrível, não é mesmo? Ainda tem mais: como numa orquestra, em que a coordenação dos instrumentos, no tempo, gera a sobreposição da ação de vários instrumentos, ao produzirmos os sons da fala os órgãos fonadores responsáveis pela produção do som seguinte ao [s] — para continuar com nosso exemplo — já vão se posicionando durante a execução do [s]. Há um momento em que os órgãos fonadores executam “duas notas”, ou dois sons, ao mesmo tempo, até que a vogal seguinte ao [s] seja a única “nota” produzida. Em seguida, os instrumentos, ou articuladores, necessários para produzirmos a consoante depois da vogal começam a se ativar. Como resultado, temos um novo momento de sobreposição da ação dos nossos instrumentos-órgãos fonadores com a execução de duas notas ao mesmo tempo. Esses momentos se sucedem até terminarmos a execução da nossa peça musical, do nosso enunciado.

Pode ser que essa observação seja novidade para você. Se for, não é nada surpreendente: nossos muitos anos de contato com a escrita nos causam a impressão de que, da mesma forma que podemos separar as quatro letras da palavra *s-u-c-o*, uma vez que as letras da palavra se organizam numa sequência linear, em que uma letra segue outra, poderíamos fazer igual com os sons da fala. Mas não podemos, porque os sons da fala se sobrepõem, já que mais de um articulador pode estar ativado ao mesmo tempo. Por isso dizemos que a fala é um fato não linear.

Neste ponto, talvez você se pergunte: como podemos saber, com certeza, que a fala é um fato não linear e que os movimentos dos articuladores se sobrepõem no tempo? E se a gente pudesse ver como a gente fala? A gente pode!

A exposição *Fala Falar Falares* faz algo inédito para o português brasileiro: ela nos coloca como espectadores privilegiados da nossa “orquestra particular”, ao oferecer, na segunda sala, vídeos produzidos a partir de imagens de ressonância magnética. Cada vídeo mostra a produção de uma dentre onze sentenças pré-selecionadas e lidas por um dos engenheiros da equipe. Nos filmes, é possível ver cada “instrumento tocando”,

ou cada articulador do nosso aparelho fonador se mexendo, a maneira como se move, a trajetória que percorre, numa rapidez impressionante, quase impensável.

Graças à excelência, à dedicação e ao perfeccionismo do time técnico responsável pela exposição, foi possível ainda sincronizar os vídeos com os arquivos de áudio correspondentes. Como resultado, vemos ali, diante dos nossos olhos, lábios se arredondando para produzir uma vogal como [u] ou então se juntando para produzir consoantes como [p] e [b]. Vemos a ponta da língua tocar os alvéolos para produzir [t] e [d]. Vemos até mesmo a ponta da língua se curvando sobre o dorso da língua enquanto o nosso falante-modelo produz um /r/ retroflexo — aquele de palavras como *porta*, tal como pronunciado por falantes do interior do estado de São Paulo. Vemos o dorso da língua se mover entre palato e véu palatino, “tocando” vogais. Vemos o véu palatino se abaixar, abrindo caminho para que o fluxo de ar se propague pela cavidade nasal, resultando na produção de vogais e consoantes nasais. Vemos até as pregas vocais vibrando em filmes de laringoscopia, presentes em janelas sobrepostas aos filmes de ressonância magnética.

Participar da elaboração desses vídeos, desde a escolha da técnica de análise articulatória, até a verificação da sincronia entre áudio e vídeo, me colocou na posição privilegiada de assistir à *avant-première* desse espetáculo da nossa orquestra a que o grande público tem acesso ao visitar a exposição.

Esse material, que nos permite ver a fala humana em funcionamento, interessa não só àqueles que estudam os sons da fala — como linguistas e fonoaudiólogos — mas também ao público em geral. E esperamos que todas as pessoas que visitarem a exposição *Fala Falar Falares* saiam dela tão encantados com a fala humana e toda a sua complexidade e diversidade como eu fiquei, apesar de estudar esse fenômeno apaixonante já há algumas décadas.

VEJO O XÁ GRITANDO
QUE FEZ SHOW
SEM PLAYBACK

Vale ainda uma palavra sobre as frases que a gente acabou escolhendo como amostras, como textos a serem registrados por toda essa tecnologia.

Num primeiro momento, pensei em escolher aquilo que os foneticistas chamam de “frases balanceadas”, que são mais ou menos o equivalente articulatório de um pangrama como *vejo o xá gritando que fez show sem playback*, em que aparecem todas as letras do nosso sistema de escrita.

Depois pensei em simplesmente demonstrar coisas como a sequência de articulação das vogais ou séries consonantais como a da palavra *bodega*, que mostra nitidamente um ponto de articulação labial (no *b*), outro alveolar (logo atrás dos dentes superiores, no *d*) e um velar (no céu da boca, no *g*).

A Daniela sempre teve inclinação para trav-a-línguas, frases com um espírito mais jocoso que pudesse manter as pessoas (e não apenas a tribo dos nerds de linguística) interessadas e que, além de tudo, instigassesem mais diretamente aquele reflexo de tentar reproduzir as frases e imaginar a mesma dança acontecendo dentro da própria boca.

Acabamos concordando com a ideia de usar versos de canções brasileiras, que têm um pouco dessa brincadeira sonora, um pouco do interesse mais amplo e lúdico dos jogos de linguagem e uma tendência até maior de fazer as pessoas repetir o que estavam ouvindo.

Depois de muito me divertir
pensando e recolhendo exemplos,
chegamos aos seguintes:

**Açaí, guardiã,
zum de besouro um ímã,
branca é a tez da manhã**

"AÇAÍ"
DJAVAN

**Eu quero que você
me diga o nome de
quatro meninas;
diga Odete, Marinete,
Rosinete e Orelina**

"QUATRO MENINAS"
DAÚDE

**Eu só boto bebop
no meu samba
quando o Tio Sam
tocar um tamborim**

"CHICLETE COM BANANA"
JACKSON DO PANDEIRO

**Quem conhece a ilha
de Itamaracá,
nas noites de Lia,
prateando o mar**

"CIRANDA DE LIA"
LIA DE ITAMARACÁ

**Vem, me leva para
sempre Beatriz,
me ensina a não andar
com os pés no chão**

"BEATRIZ"
EDU LOBO E CHICO BUARQUE

**Drão, o amor da gente
é como um grão**

"DRÃO"
GILBERTO GIL

**Quem não tem
balangandãs
não vai no Bonfim**

"O QUE É QUE A BAIANA TEM"
DORIVAL CAYMMI

**Plunct, plact, zum,
não vai a lugar nenhum**

"O CARIMBADOR MALUCO"
RAUL SEIXAS

**Ó abre alas,
que eu quero passar!**

"ABRE ALAS"
CHIQUINHA GONZAGA

**Hoje eu quero a rosa
mais linda que houver**

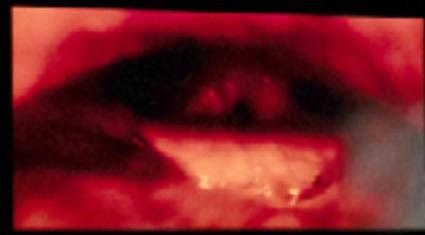
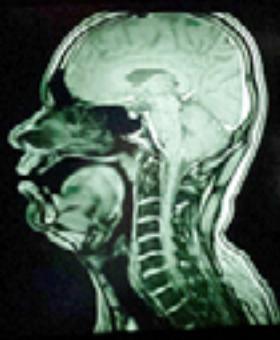
"A NOITE DO MEU BEM"
DOLORES DURAN

**Ô, mãe, me explica,
me ensina,
me diz o que é feminina**

"FEMININA"
JOYCE¹

1. Dado pessoal discreto?
Beatriz é o nome da minha filha,
e minha mulher se chama Sandra,
como a esposa de Gil, que inspirou
o apelido e a canção "Drão".

Versos que não só exemplificam bem grande parte dos fonemas da língua, mas que também ampliam o alcance da exposição, incluindo desde esses primeiros momentos o potencial uso criativo da língua, que ainda seria evocado perto do encerramento da visita de cada um e cada uma que lá estiveram.



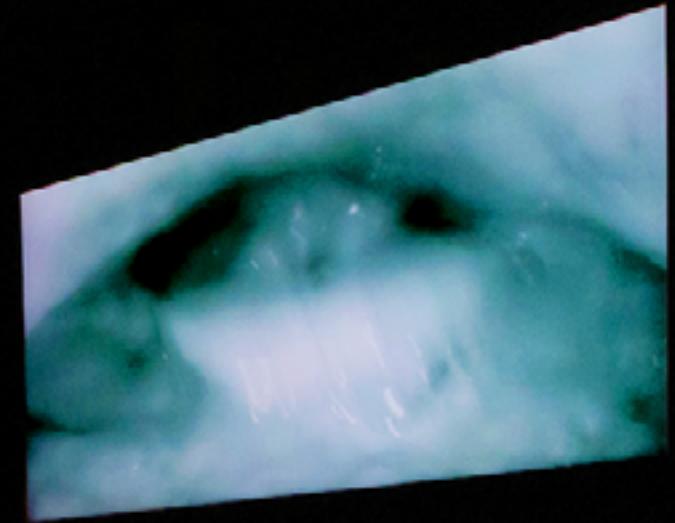
É COMO UM GRÃO



DRAO, O AMOR DA GENTE



É COMO UM GRÃO



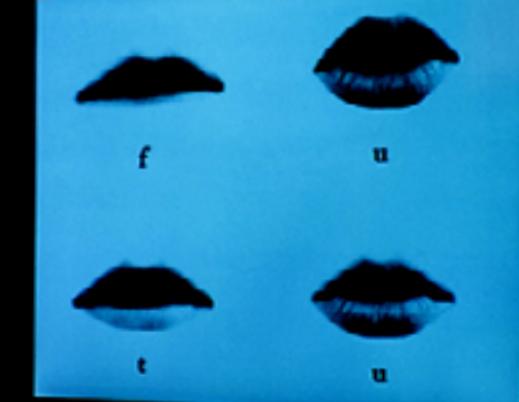


DENTES

DAS PRESAS VOCais QUE VIBRAM
A MELHOR DAS TODAS LHEVOS DENTES
É UMA CORPOREDIÁPIA MARAVILHOSA,
TEIA DE RÔO E ESPARTO.



DENTES



E agora que o ar já se fez som e que você já
pôde ver como esse processo acontece,
era hora de olhar de novo para o chão e se
deixar guiar pelo texto que diz:

TUDO AUMENTA QUANDO OS SONS
FORMAM PALAVRAS,

QUE CIRCULAM, TÊM HISTÓRIA, GANHAM CORPO



porque na terceira sala, que entre nós era chamada de Corpo Nomeado, a ideia era casar os dois primeiros momentos, fazendo com que cada visitante fosse espectador e ao mesmo tempo objeto, operador e passageiro.

Em outro processo gradual, a exposição, que começava no silêncio, num espaço pouco ocupado e com uma experiência em grande medida não verbal, ia agora ficando cada vez mais textual, mais palavrosa e discursiva. Por isso, além do fio que desde a porta do elevador ia se estendendo como frases pelo chão, costurando os espaços e levando os visitantes de um lugar para outro, aqui havia também um texto um pouco mais extenso na parede que separava a segunda da terceira sala:

O nosso corpo todo é também um documento da história da língua.

Cada palavra, em sua origem, em sua relação com o resto do vocabulário, aponta para algo do passado e da vida do idioma que a gente usa todo dia.

A língua é a atmosfera em que a gente se move.

Aqui é o lugar em que você pode talvez se mover para entender a nossa língua da cabeça aos pés.



Nesse mesmo espírito de interatividade reforçada, e como que circular, a sala se baseava num complexo sistema de detecção de movimento, que permitia que as pessoas que se postassem em pontos claramente demarcados no chão comandassem, num grande monitor à sua frente, uma silhueta toda formada pelas palavras que seriam ativadas naquele experimento. Um corpo “nuvem de palavras” que reagia à movimentação das pessoas e, ao mesmo tempo, destacava a cada momento uma parte do corpo/palavra, que estava sendo objeto de explicação ou, melhor dizendo, de exploração numa narração ambiente (de novo com a minha voz), cujo texto surgia também em telas horizontais colocadas no alto da sala.

Para cada uma dessas palavras-chave correspondentes a partes do corpo razoavelmente fáceis de identificar na silhueta em movimento, tivemos que encontrar algum conjunto de informações que permitisse um aprofundamento dessa conversa que vinha do ar tênue e que, um pouco antes, havia se formado em sons e primeiras palavras.

Agora a ideia era demonstrar, de um lado, a historicidade e o inequívoco dado comunitário da formação da língua: o quanto cada palavra, mesmo a mais insuspeita, guarda de memória, de informação e de conexões com outras partes do idioma, e mesmo com outras línguas.



SESSENTA E SEIS



SESSENTA E SETE

As partes do corpo ativadas aqui eram as seguintes:

CABEÇA vem do mesmo radical latino (*cap-*) que também nos deu as palavras *cabo*, *capo*, *chefe*, *capitão* e o verbo acabamento... todos com o sentido de “extremidade”, “ponto final” ou “que está no topo”.

BRAÇO vem do mesmo grego *brakhion* que explica que no inglês um sutiã se chame *bra*, e que gera ainda o nome do *pretzel*, uma comida que tem a forma de dois braços cruzados!

BUSTO era o nome do vaso onde se guardavam as cinzas da cremação de um defunto, e por isso tem ligação com a nossa palavra *combustão*, no sentido de “queima”.

CLAVÍCULA em latim quer dizer *chavezinha*, por causa da semelhança do osso com antigas chaves de ferro.

BARRIGA quer mesmo dizer barrica, ou seja: *tonel*.

MÃO gera uma família imensa em português, com derivados como *manuscrito*, *manipular*, *manutenção*, *manobra*, *manejo*, *manufatura*, e até *maneira*... indo mais longe ainda: *manifesto*, *manso*, *comando*, *amarrotar*, *manco*, *manhoso* e até *manada*!

JOELHO vem de um latim *genuculum* que é também a origem de *nhoque*, comida que supostamente tem formato de joelho...!?

COXA vem do latim *coxa*, que, no entanto, se referia ao osso do quadril! E não: “fazer nas coxas” não se refere a escravizados fabricando telhas. O sentido original da expressão é provavelmente sexual.

CANELA é um diminutivo de *cana*, no sentido de “juncos”, “tubinho”. O curioso é que a gente não consegue entender o trajeto da palavra até chegar ao português: ela pode ter vindo pelo francês, pelo italiano...

CORPO

Um dado interessante, novamente dos bastidores, é que quando concebemos essa sala (ainda antes dos muitos meses e das múltiplas idas e vindas, testes e experimentos que permitissem que a captação de movimento e a animação das palavras funcionassem do jeito que a Daniela tinha antevisto), eu estava com a vaga ideia de escrever uma coisa de mais fôlego sobre as palavras que dão nome às partes do corpo, em grande medida inspirado por uma espécie de bravata descontextualizada que eu costumava lançar aos alunos: a ideia de que seria possível reconstituir parte relevante da história do idioma com base apenas na exploração histórica e criativa de uma lista de palavras, quaisquer palavras.

Mas é claro que as tais palavras facilitariam muito a vida do autor se fizessem parte de uma lista não apenas grande mas “aberta”, ou seja, que se pode expandir e variar conforme o gosto e o tempo, e que também correspondessem a uma parte central da experiência de todos os usuários, e não, digamos, a um nicho ou atividade de interesse apenas para uma parcela pequena da população.

Logo: partes do corpo.

Na reunião (ainda on-line: quase todo esse trabalho foi realizado a distância, entre o escritório da Daniela em São Paulo e a minha casa em Curitiba — ou as minhas casas, já que o trabalho prosseguiu enquanto eu mudava de endereço) em que falamos dessa ideia pela primeira vez, acho que até cheguei a mencionar minha ideia de concentrar essa investigação e desenvolver um livro inteiro.

Quando chegamos ao ponto de escolher as palavras e recortar as informações que forneceríamos nas narrações e nos áudios, o livro já estava pronto, em processo de edição.

Quando a exposição foi inaugurada, o mesmo Museu da Língua Portuguesa sediou o evento de lançamento do meu livro *Na ponta da língua*, que para mim é meio que um irmão da exposição e, como *Latim em pó*, que também decorreu de um evento realizado ali — mais uma cria da minha relação com o Museu.

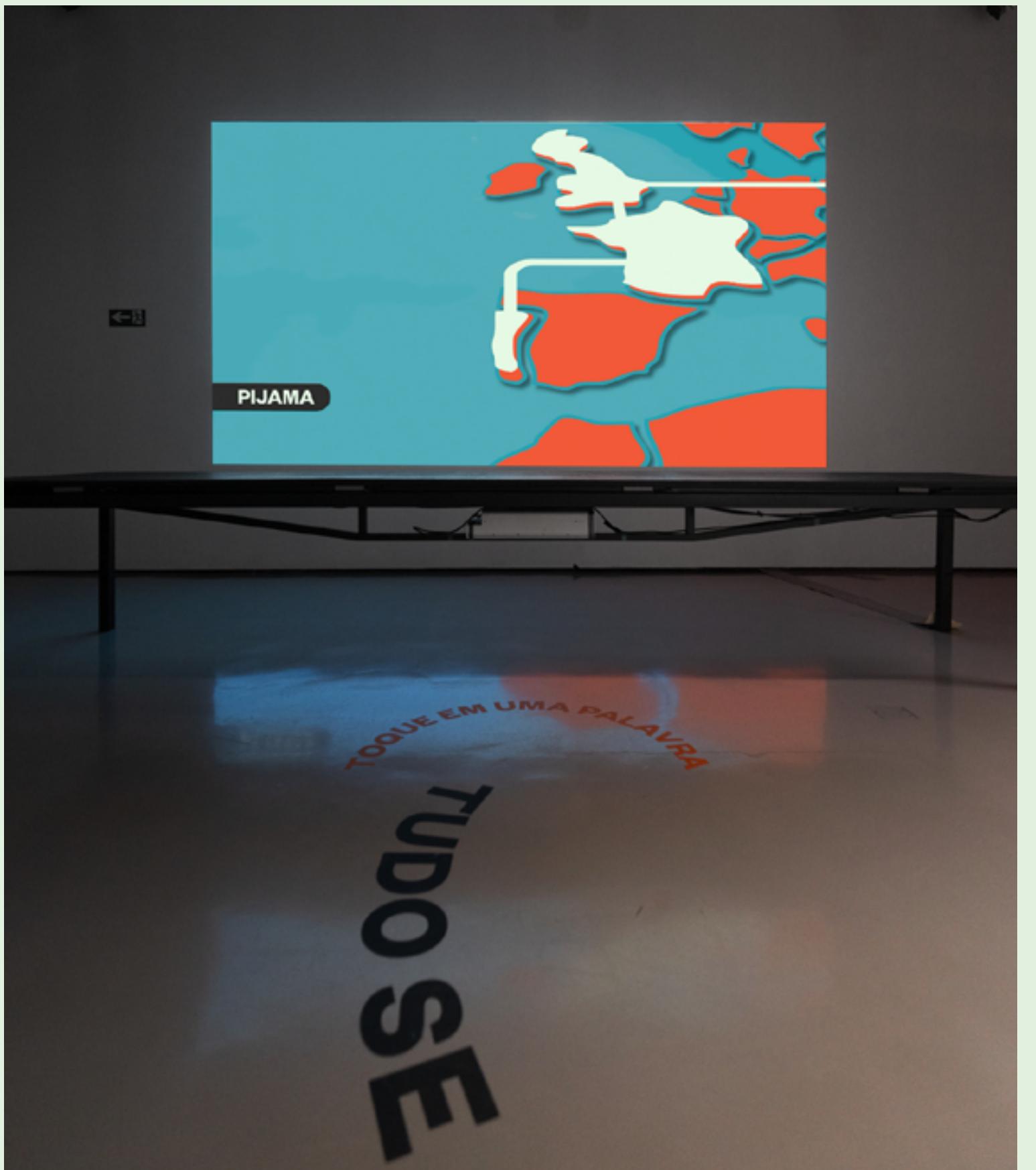
MAMMLO DENTE VRIHA
ORELHA COSTAS TRONCO MÃO
PABECA CABECA CANELA
DENTE COOSTAS CALCON
TORNOZEL COXA ORELHA
TESTA AKA COXA ORELHA
CINTURA SOVADO CINTURA SOVADO

MAMMLO DENTE VRIHA
ORELHA COSTAS TRONCO MÃO
PABECA CABECA CANELA
DENTE COOSTAS CALCON
TORNOZEL COXA ORELHA
TESTA AKA COXA ORELHA
CINTURA SOVADO CINTURA SOVADO

ORRPO

Ao sair dali, o visitante mais uma vez se deixava guiar por um texto sinuoso, que agora subia pelas paredes, dizia

TUDO SE CONCENTRA NUM IDIOMA, FEITO DE PALAVRAS
QUE ÀS VEZES RODARAM O MUNDO TODO



e era acompanhado de outros parágrafos breves, também na parede:

As palavras da nossa língua podem vir de longe, e nos conectar aos pontos mais variados do mundo. Um idioma é um baú de guardados e um livro que conta a história dos contatos das populações e culturas.

Nem sempre podemos saber exatamente onde e como cada mudança de forma e de sentido aconteceu. Mas retracar essas alterações nos revela uma aventura de escala global.

Escolha uma palavra, puxe um fio da meada, e veja o caminho que ela precisou traçar para chegar até os dias de hoje, até você.

A ideia básica por trás dessa quarta “sala” era conceitualmente simples: expor num mapa-múndi o trajeto de algumas palavras que hoje fazem parte da nossa língua, mas que tiveram sua origem em outros pontos do mundo.

Nisso, inclusive, ela se aproxima bastante de ideias já em uso na exposição permanente do Museu. E essa sensação de ancoragem do material da exposição temporária naquele que já faz parte do acervo permanente era sublinhada ainda pelo fato de que o mecanismo de “seleção” das palavras (por parte dos visitantes) era uma mesa, como na mesa de formação de palavras que os visitantes do Museu conhecem desde sua abertura.

É claro, por outro lado, que pretendíamos acrescentar alguma coisa a essas experiências familiares. E logo eu falo disso.

Mas antes preciso — *mesmo* — explicar o porquê daquelas aspas na palavra *sa/a*, logo acima.

Assim que comecei a conversar com a Daniela, ela apareceu, já de cara, com uma primeira versão do que seria o projeto de ocupação do espaço expositivo. E essa ideia, mais ampla, se manteve basicamente inalterada, com as três salas circulares distribuídas logo no começo, por exemplo.

Mas uma ideia ainda mais geral estava na cabeça dela desde antes desses primeiros desenhos.

Ela queria abrir as janelas.

Deixa eu te explicar: o espaço dedicado às exposições temporárias no Museu vinha sendo, desde há bastante tempo, ocupado como uma espécie de caixa-preta, e para isso várias exposições seguidas tinham decidido vedar as grandes janelas de sua parede norte. Para a Daniela, isso precisava ser revertido. As janelas, afinal, se abrem para o lindo Jardim da Luz.

Mais do que isso, abrir essas janelas simbolizava (ou, mais que isso, expressava) um desejo que a própria equipe do Museu tinha manifestado desde as nossas primeiras conversas: incluir o território em torno do Museu nesse nosso trajeto que falava da diversidade da nossa língua. Nada mais importante, então, do que literalmente abrir as janelas.

Essa decisão, portanto (derrubar a parede provisória que vinha ocultando as janelas e deixar a Luz entrar), era tanto estética quanto, digamos, conceitual. Mas o verdadeiro impacto que ela teve sobre a concepção do espaço ocupado pela mostra foi algo que eu, um completo incapaz em termos visuais, só fui entender de verdade na montagem da exposição, e só entendi porque a pobre da Daniela teve que soletrar para mim, detalhadamente.

A exposição, afinal, se abre numa dessas salas redondas, fechadas, onde falamos da base de tudo, do ar. Segue a partir daí por mais duas dessas salas redondas, ligadas pelas serpentes de texto que se enroscam pelo chão, abordando primeiro a

materialização do ar em sons da fala e depois a corporificação da fala em idioma.

Experiências privadas, tratadas como tais, já que o corpo de cada pessoa é o grande laboratório onde se faziam os experimentos dessa primeira fase da exposição.

Ao sairmos da sala do Corpo, contudo, entrávamos no primeiro espaço “aberto” de todo o caminho. E de que é que ele falava?

Da língua que deixa de ser parte de cada um de nós e ganha o mundo, ou ganha do mundo os elementos de que se compõe.

Esse movimento, portanto, essa primeira quebra de paredes, já que agora estávamos fora dos espaços redondos delimitados e nos víamos numa área maior, era parte do conteúdo da exposição e não uma escolha pautada somente por critérios pragmáticos.

Mais ainda: quando se punha diante do grande mapa-múndi que era o ponto focal dessa quarta “sala”, você estava virado para a parede sul, de costas para as tais janelas que ainda te aguardavam do outro lado, prontas para te trazer de novo, de volta dessa volta ao mundo para o mundo que te cercava logo ali no centro de São Paulo.

A exposição aqui se transformava num curioso jogo de espelhos e simetrias, guiando o olhar do visitante para fora em dois sentidos simultâneos: pensando esse “fora” tanto como o Jardim da Luz quanto como o mundo todo que se estende, que se irradia a partir do ponto em que estamos e que também, histórica e contemporaneamente, converge para esse ponto.



Para isso, era fundamental a ideia de usarmos um mapa-múndi centrado não no Oceano Atlântico, como a tradição cartográfica nos acostumou a pensá-lo, mas no território brasileiro, repetindo o procedimento adotado meses antes pelo próprio IBGE, que fez circular essa imagem inclusive em suas redes sociais.

Um mundo centrado em nós.

Ver a língua brasileira como essa realidade que nos cerca, em que estamos imersos, e também como tributária de processos históricos, políticos e culturais vastos, imensos e capazes de abarcar gerações, séculos inteiros, era parte do projeto maior da nossa exposição e da nossa megalomania. A pessoa que estivesse de fato empenhada num passeio atento, numa viagem cuidadosa que a levasse de dentro de sua cabeça para a realidade circunstante, a essa altura já tinha transitado do mais pessoal e basilar (sua respiração) para o mundo inteiro, que se abria colorido diante dos seus olhos.



Reforçando essa conexão de trajetórias, pessoal e geral, a experiência nesta sala era ainda mais diretamente interativa.

Na sala da Respiração, tudo era controlado pela pessoa que fazia a visita. Mas esse “tudo” ainda não era conteúdo. Era mera (existe “mera” nesse caso?) visualização de algo que a pessoa era, tinha, fazia.

Na sala Fale, a interação seguia outra direção. Era o conteúdo que instava os visitantes a procurar reproduzir os sons e tatear (literalmente) em busca da sensação causada pelos movimentos dos articuladores (lábios, língua, maxila) dentro de sua própria cabeça.

Na sala do Corpo a interação era mista. Se de um lado era o visitante quem operava as silhuetas formadas por nuvens de palavras, de outro, não havia ligação direta entre essa movimentação e a seleção das palavras/partes do corpo que iam sendo gradualmente exploradas no áudio e nas telas que se estendiam pela parte superior do ambiente.

Você controlava a sala, sim. Mas também reagia ao que ela fazia, dizendo a cada momento em que parte do corpo você deveria prestar atenção.

Aqui, na sala do Mundo, era de fato onde a interação se realizava plena, exatamente no momento (curioso...) em que o falante, usuário da língua, de fato perde o controle do que está sendo explorado. Aqui não se trata mais da respiração, da fala de cada um e de cada corpo que passa pelo espaço, mas de um idioma em sua história, suas viagens,

contatos, tramas, trilhas e truques. Algo muito mais amplo do que cada um de nós, o veículo, a nau que nos acolhe e que permite que sejamos ao mesmo tempo passageiros e timoneiros desse passeio milenar.

Assim fica ainda mais importante a mesa que se estende diante do mapa apresentar palavras projetadas, em movimento, que você pode escolher (tocar), determinando desse modo não ainda o trajeto daquela palavra, seus rumos e sua importância, mas o momento de ela ganhar o proscênio e disparar uma animação que, no mapa, então, sim, mostrará os caminhos que ela precisou percorrer para chegar até ali.

Haveria muito o que comentar sobre essa mesa, inclusive: os alto-falantes discretissimamente embutidos que permitiam à narração, que acompanhava passo a passo a viagem de cada palavra na animação, falar mais de perto com os visitantes e não se confundir com os demais sons presentes; a projeção das palavras na mesa, realizada sem que se percebesse a fonte de luz e capaz de disparar a escolha das animações com precisão...

Mas esse nem é o meu terreno.

O meu começava, primeiro, com a escolha do elenco de palavras que ofereceríamos aos visitantes.

E é claro que aqui, como em todo o resto da exposição, optamos pela variedade.

Porque o fato é que se algum programa fizesse uma escolha randomizada das palavras presentes, digamos, no *Dicionário Houaiss*, toparia na quase totalidade dos



Português (Portugal) Pijama (1913)

casos com frutos de raízes latinas. E não raras vezes com coisas quase monótonas como *ideia*, que provém do latim *idea*.

Nós precisávamos de uma lista de palavras que desse uma boa ideia da amplidão do leque de idiomas com que o português entrou em contato ao longo de sua formação. Por outro lado, tínhamos menos interesse em palavras de significado ainda hoje restrito a elementos de sua cultura de origem. Por exemplo, se eu registrar que a palavra *aardvark* tem origem no holandês falado pelos colonos brancos da África do Sul, isso há de ser menos interessante que o fato de *manequim* também provir do mesmo holandês, agora em sua versão europeia. Afinal, a primeira continua com uma grafia que berra seu estrangeirismo e se refere a um animal típico apenas daquelas paragens, ou seja, tende a ser empregada somente quando se falar daquele lugar, daquela cultura; já a segunda, não; ela realmente entrou para o uso geral na língua.

(A primeira delas, aliás, quer dizer algo como “porco da terra”, e a segunda, “homenzinho”.)

Mais ainda, a Daniela era especialmente fascinada por palavras (fui mencionando algumas nas nossas reuniões) em que não apenas existe uma relação curiosa com uma origem menos frequente, mas nas quais também a gente pode encontrar toda uma história de contatos, trânsitos, passagens e transformações. Palavras em que se pode ver, como ela disse, que a globalização é mais antiga do que pensamos. Como se, por

exemplo, a gente registrasse que o português *blefe* vem do inglês *bluff*, mas anotando também que esse inglês, por sua vez, surgia de um holandês (de novo) *bluffen*, com o sentido de “contar vantagem”.

A partir daí, minha tarefa foi ganhando contornos e definições mais claros.

Encontrar uma lista razoavelmente grande de palavras provindas de cantos distintos e distantes e que, idealmente, tivessem transitado um bocado antes de chegar ao nosso uso, aos nossos dicionários.

É claro que esse último critério não valia, por exemplo, para palavras herdadas das línguas originárias do território brasileiro, e nesse caso tentamos caprichar pelo menos na inserção: ou seja, buscar termos que hoje são empregados em referência a algo distante (e de uso difundido) de seu sentido mais comum na língua de que emprestamos cada termo.

Uma nova camada de dificuldade apareceu quando a gente decidiu que era importante registrar, sempre que possível, a data de cada etapa da viagem desses termos, o que nos permitia dar uma profundidade maior a essa trajetória e, também, articular cada um desses momentos com contextos históricos mais amplos.

E assim chegamos à lista de palavras aqui registrada, com datas relevantes assinaladas, seus sentidos em cada momento, além do ponto do mundo em que cada etapa ocorreu.

FETICHE

Latim ROMA

factitius, “fabricado, artificial”

Português PORTUGAL

feitiço, “bruxaria” séc. 15

Várias línguas ÁFRICA, GOLFO DA GUINÉ

feitiço, “bruxaria, objeto de culto” séc. 16

Francês FRANÇA

fétiche, “objeto de culto, amuleto” 1605

Português PORTUGAL

fetiche, “objeto de culto, fixação erótica” 1841

Português BRASIL

fetiche, mesmo sentido

GRAVATA

Servo-croata CROÁCIA

hrvat, “nascido ou típico da Croácia”

Alemão ALEMANHA

kroate, mesmo sentido

Francês FRANÇA

cravate, “soldado croata” séc. 17,

“lenço usado à moda daqueles soldados” 1649

Português PORTUGAL

gorovata 1707, *gravata* 1725, *garavata* 1727,

garovata 1731, “acessório masculino

atado ao colarinho da camisa”

Português BRASIL

gravata, mesmo sentido

FULANO

Árabe PENÍNSULA ARÁBICA

fulān, “alguém”

Árabe ÁFRICA ISLAMIZADA, NORTE

fulān, mesmo sentido séc. 7

Línguas Bantu ANGOLA

fulano, mesmo sentido

Português PORTUGAL

fulan séc. 13, *fuão* séc. 15, *fulano*

Português BRASIL

fulano

CHOCOLATE

Nauatle MÉXICO

cacauha, “cacau” + *a-tl*, “água” =
cacauha-tl antes da descoberta da América

Espanhol ESPANHA

chocolate, “bebida à base de cacau” c. 1580

Português PORTUGAL

chocolate, sentido atual 1726

Português BRASIL

chocolate, sentido atual

CHÁ

Mandarim CHINA

ch'a, “Camelia sinensis”,
“infusão feita com as folhas dessa planta”

Português PORTUGAL

chà 1565, *cha* 1569, *chá* 1624, *xá* 1813

“infusão de folhas daquela ou de
qualquer planta”

Português BRASIL

chá, mesmo sentido

BAGUNÇA

Quicongo ANGOLA

bulungunza, “desordem”

Português BRASIL

bagunça, mesmo sentido 1917

PYJAMAS

“CALÇAS LARGAS INDIANAS”

CAÇULA

Quimbundo ANGOLA
kassule, “último filho”

Português BRASIL

caçula, mesmo sentido¹⁸²⁶, substituindo *benjamin*, que ainda é a palavra mais comum em Portugal

TIPOIA

Tupi

BRASIL
tīpoya, “faixa usada para carregar bebês”

Português BRASIL

*tipoya*¹⁵⁸⁴, *typoya*¹⁷⁶¹, “faixa usada para apoiar um braço ferido”, *tipoia*

XARÁ

Tupi

BRASIL
xe, “meu” + *rera*, “nome” = *xa’ra*, “meu nome” antes da chegada dos portugueses

Português BRASIL

xará, “pessoa que tem o mesmo nome de outra”¹⁸⁶²

CARAOQUÊ

Grego Antigo

GRÉCIA
orkheistai, “dançar” + *-tra*, “lugar onde se faz algo” = *orkhestra*, “parte de um teatro”

Latim

ROMA
orchestra, mesmo sentido

Inglês

INGLATERRA

orchestra, “lugar onde ficam os músicos no teatro”, “grupo de músicos” c. 1600

Japonês

JAPÃO

okesutora, “orquestra”, que mais tarde se reduz para *oke*, com o mesmo sentido

Japonês

JAPÃO

kara, “vazio” + *oke*, “orquestra” = *karaoke*, “lugar onde se canta acompanhado

por uma gravação”

Inglês

ESTADOS UNIDOS

karaoke, mesmo sentido¹⁹⁷⁹

Português

BRASIL

caraoquê, mesmo sentido¹⁹⁸⁶

CAIAQUE

Esquimó

GROENLÂNDIA
qayaq, “barquinho feito de couro”

Dinamarquês

DINAMARCA

kajak, “tipo de embarcação”

Inglês

ESTADOS UNIDOS

kayak, no sentido atual¹⁷⁵⁷

Português

PORTUGAL

*kaiak*¹⁸³⁹, *caiaque*^{a1951}, no sentido atual

Português

BRASIL

caiaque, no sentido atual

PIJAMA

Persa

IRÃ
pae, “perna” + *jamah*, “roupa” = *paejamah*, “calças”

Hindi

ÍNDIA

pajama, “calças”

Inglês

INGLATERRA

pyjamas, “calças largas indianas”, “roupa de dormir”¹⁸⁷⁸

Francês

FRANÇA

pyjama, “roupa de dormir”¹⁹⁰⁸

Português

PORTUGAL

pijama, mesmo sentido¹⁹¹³

Português

BRASIL

pijama, mesmo sentido

CANJA

Malaiala

ÍNDIA

kañji, “arroz cozido”

Português

PORTUGAL

*cange*¹⁵⁶³, *canja*, “sopa à base de arroz”

Português

BRASIL

canja, “sopa à base de arroz”

XÍCARA

Nauatle

MÉXICO

xicálli, “espécie de vasilha”

antes da chegada dos europeus

Espanhol

ESPAÑA

jícara, no sentido atual¹⁵⁴⁰

Português

PORTUGAL

*chicara*¹⁷⁰⁶, *xícara*¹⁸⁵⁸, no sentido atual

Português

BRASIL

xícara

GUINDASTE

Escandinavo Antigo

NORUEGA
vindáss, “engenho que içava a âncora”

Francês

FRANÇA

guindeau, no mesmo sentido¹¹⁵⁵

Português

PORTUGAL

gindaste, mesmo sentido séc. 15

Português

BRASIL

guindaste, mesmo sentido

CANGURU

Guugu yimidhirr

AUSTRÁLIA
gaNurru, “grande canguru preto”

Inglês

INGLATERRA

kangooroo, hoje *kangaroo*, “canguru”¹⁷⁷⁰

Português

PORTUGAL

*kangurú*¹⁸³⁸, *canguru*, “canguru”

Português

BRASIL

canguru

KETCHUP

Mandarim

CHINA

kê-chiap, “peixe em conserva”

Malaiala

ÍNDIA

kichap, “molho de peixe”

Inglês

INGLATERRA

ketchup, no sentido atual¹⁶⁹⁰

Português

BRASIL

ketchup séc. 20

“ROUPA DE DORMIR”

ROBÔ**Eslavônico** REPÚBLICA CHECA*rabota*, “servidão”**Tcheco** REPÚBLICA CHECA*robota*, “trabalho forçado”**Tcheco** REPÚBLICA CHECA*robota*, usado pelo escritor Karel Čapek no sentido de “pessoa mecânica”em sua peça *R.U.R.* 1920**Francês** FRANÇA*robot*, termo usado na tradução da peça 1924**Português** BRASIL*robô*, no sentido atual**XAMPU****Hindi** ÍNDIA*tchāmpo*, “amasse!”**Inglês** INGLATERRA*shampoo*, “lavar” 1762**Inglês** INGLATERRA*shampoo*, “produto para lavar o cabelo” 1838**Português** BRASIL*xampu*, mesmo sentido 1945**ORANGOTANGO****Malaio** SUMATRA*orang*, “homem” + *utang*, “floresta” =*orangutang*, “homem da floresta” séc. 17**Holandês** HOLANDA*orang-outang*, no sentido atual 1631**Português** PORTUGAL*orang outang* 1728, *orang-outango* 1805,*orangotango* 1861, no sentido atual**Português** BRASIL*orangotango***XEQUE-MATE****Persa** IRÃ*xāh māt*, “o xá está perdido”,
“o rei não tem saída”
Árabe PENÍNSULA ARÁBICA
xāyh māka, “O xeque está morto”,
“lance final de uma partida de xadrez” séc. 14**Português** PORTUGAL*mate*, “lance final de uma partida
de xadrez” 1543**Português** PORTUGAL*xeque-mate*, “mesmo sentido” 1895**Português** BRASIL*xeque-mate***IOGURTE****Turco** TURQUIA*yoğun*, “intenso”**Turco** TURQUIA*yoğurt*, “alimento de leite coalhado”**Inglês** INGLATERRA*yogurt*, “alimento de leite coalhado”
[empréstimo da palavra escrita,
já que o “g” do vocábulo turco na verdade
não é pronunciado] 1615**Português** BRASIL*iogurte*, “alimento de leite coalhado” 1926**FLANELA****Galês** PAÍS DE GALES*gwlan*, “lã”**Galês** PAÍS DE GALES*gwanan*, “tecido de lã”**Inglês** INGLATERRA*flannel*, “tecido de lã” 1503**Francês** FRANÇA*flannelle*, “tecido de lã” 1656**Português** PORTUGAL*flanella*, “tecido de algodão ou de lã” séc. 19,
“flanela” 1858**Português** BRASIL*flanela***PETECA****Tupi** BRASIL*pe’tek*, “bater com a mão”**Tupi** BRASIL*pe’teka*, “palmada”**Português** BRASIL*peteca*, “brinquedo de penas” 1853**Português** BRASIL*petéca* 1867**Português** BRASIL*peteca*, com diversos sentidos

XĀYH MĀKA, “XEQUE ESTÁ MORTO”

MAPA

A etapa final, no entanto, ainda precisava ser realizada: gravar as narrações que acompanhavam a animação e registravam, na medida do possível e dos limites do locutor (eu mesmo), também a pronúncia de cada termo em cada momento.

O que faz com que esta seja uma boa oportunidade (entre tantas outras possíveis) para registrar a presença, na elaboração da exposição, de muita gente que acabou nem sendo nomeada nos agradecimentos formais, perdida na avalanche de pequenas, grandes e imensas tarefas a ser cumpridas em prazos apertados, atrasados e perdidos. Os vários e as várias colegas do Brasil, da Turquia, da Índia que receberam mensagens estranhas de WhatsApp pedindo um áudio de referência para a pronúncia desta ou daquela palavra.

Recebi, como sempre, aulas minuciosas de Mamede Mustafa Jarouche, da USP, parceiro de outras e várias obras; ganhei áudios detalhados de colegas aqui do curso de japonês da UFPR, pronúncias nítidas e comentários de Esra Öztarhan, da Universidade Ege, de Esmirna, interrompi um jantar de amigos para que Vijeta Kumar, da St Joseph's University, em Bangalore, perguntasse a alguém na mesa uma pronúncia específica. Essas e muitas outras pessoas também fizeram parte do grande elenco de vozes que acabou resumido na minha, gravada aqui mesmo em Curitiba, numa noite morna num quarto cheio de instrumentos musicais da casa do pianista Davi Sartori.

Quanto tempo cada visitante ficaria diante desse mapa, quanto cada um decidiria explorar da lista de palavras que dançava à sua frente eram, claro, questões que não podíamos resolver.

O que pudemos pensar foi em conduzir essas pessoas, a partir daqui, desse primeiro momento de “abertura”, desse primeiro espaço amplo e sem paredes, para outra sala construída nos moldes das primeiras, um espaço circular e delimitado que induzia a pensar em uma nova imersão, em outro mergulho em algo mais próximo, mais íntimo.

E era assim que, guiados pela frase que se
estendia pelo piso,

TUDO EXISTE APENAS NOS FALANTES, A LÍNGUA É TODA
DOS FALANTES: QUE SÃO SEMPRE DIFERENTES.



passávamos novamente do maior para o menor, do mundo para o Brasil, mas com uma diferença fundamental.

As três primeiras salas nos faziam pensar em “nós”, no eu de cada um que transitava por ali. E era só diante daquele mapa-múndi que pássavamos a nos ver forçosamente como participantes de um processo bem mais amplo.

É claro que esse dado transpessoal estava presente desde o início: no nível absoluto que é a presença da respiração; no fato de termos usado como exemplos na sala Fale não frases-modelo, mas trechos de canções, partes do nosso repertório cultural mais amplo; na origem de cada termo que dá nome a uma parte do “seu” corpo. Mas o mundo nos colocava de maneira mais direta diante da enormidade do patrimônio de que somos parte e partícipes, herdeiros e criadores.

E agora, na próxima sala, era o momento de lembrar que o nosso mapa tinha o Brasil como centro, como alvo, porque seria a ele que retornaríamos. E nele encontrariamo não necessariamente a nossa voz, mas a de dezenas de outras pessoas.

Todo um novo firmamento de diversidade.

Agora iríamos ouvir astros:
ver estrelas agora.

Vinda de outras experiências museológicas interativas, a Daniela sempre soube que queria fazer um *quiz*. Expor aos visitantes dados brutos, reais, da diversidade linguística brasileira e lhes dar a oportunidade de tentar encaixar cada falante num ponto do mapa. Ou, sejamos mais sinceros, oferecer a cada visitante a oportunidade de verificar o quanto é mirrado — para além de caricaturas, mitos e mesmo autoengano — o conhecimento que temos da paisagem complexa que é o retrato das variedades da experiência linguística brasileira.

Existem testes, brincadeiras como essa disponíveis nas redes sociais. Mas aqui a gente tinha o desejo, e o compromisso, de fazer algo menos baseado em estereótipos, algo mais rigoroso e criterioso. E algo, também, que cobrisse de maneira mais plena o território inteiro do país e a diversidade de falantes (gênero, faixa etária etc.).

Quase todos nós somos capazes de reconhecer a fala de uma carioca ou um paulistano. Mas quantos de nós saberemos separar um maranhense de uma baiana, um manuara de uma aracajuana, um lageano de uma campo-grandense?

FALAR “MAIS PERTO DE CASA”

Para montar nosso elenco de estrelas, precisamos de fato de um processo de *casting*, que ficou por conta de Marcia Godinho. Com sua bela experiência no cinema e na televisão, ela saiu em busca de possíveis representantes de cada canto e recanto do país. Marcia chegou a uma primeira lista, que depois depuramos e delimitamos, até definirmos os participantes que viriam a gravar as entrevistas. Via de regra, elas eram conduzidas também pela Marcia, depois de termos participado, a Daniela e eu, de algumas das primeiras sessões, para tentarmos calibrar as perguntas e o escopo geral das entrevistas.

Aliás, foi também com esse elenco que conseguimos as gravações da nossa lista das cidades que acabaram compondo o áudio que recebia os visitantes já no elevador de acesso à exposição.

Por sugestão da Daniela, decidimos pedir que as pessoas falassem de memórias afetivas da infância e não de questões linguísticas. Isso nos permitia tanto acessar diretamente sua “norma” linguística mais real (tendemos a falar “mais perto de casa” quando falamos desse tipo de assunto, em vez de, por exemplo, discorrermos sobre o nosso emprego ou complexos problemas filosóficos) quanto evitar os mitos e as opiniões equivocadas que quase sempre todos nós temos sobre a língua que falamos, já que não podemos pensar nela como algo, justamente, desprovido de valor e de peso afetivo.

Difícil ser objetivo sobre o que nos constitui tão diretamente.

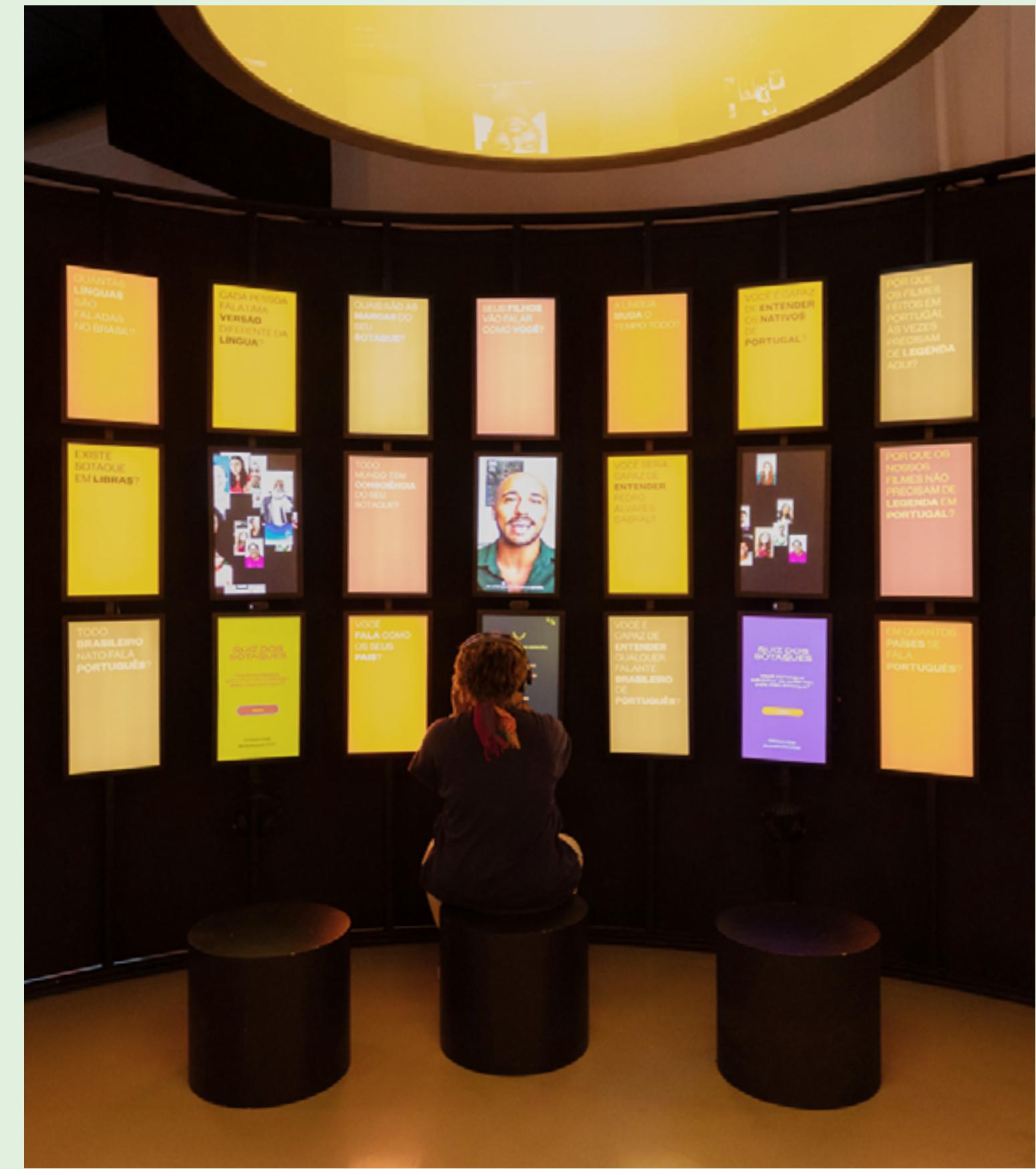
E assim chegamos aos clipes gravados, com pedaços de memórias e pequenas histórias dessas dezenas de pessoas espalhadas por todo o Brasil. Eles seriam rodados para os visitantes, que então escolheriam os estados brasileiros em que estava cada uma daquelas pessoas dos clipes.

O *casting* da Marcia, amplo e variado, também nos permitiu selecionar falantes de variedades menos estereotípicas de cada estado, menos ligados a certa imagem que a mídia nacional por vezes ajuda a criar e muito mais próximos da realidade complicada e misturada do mapa dos falares brasileiros.

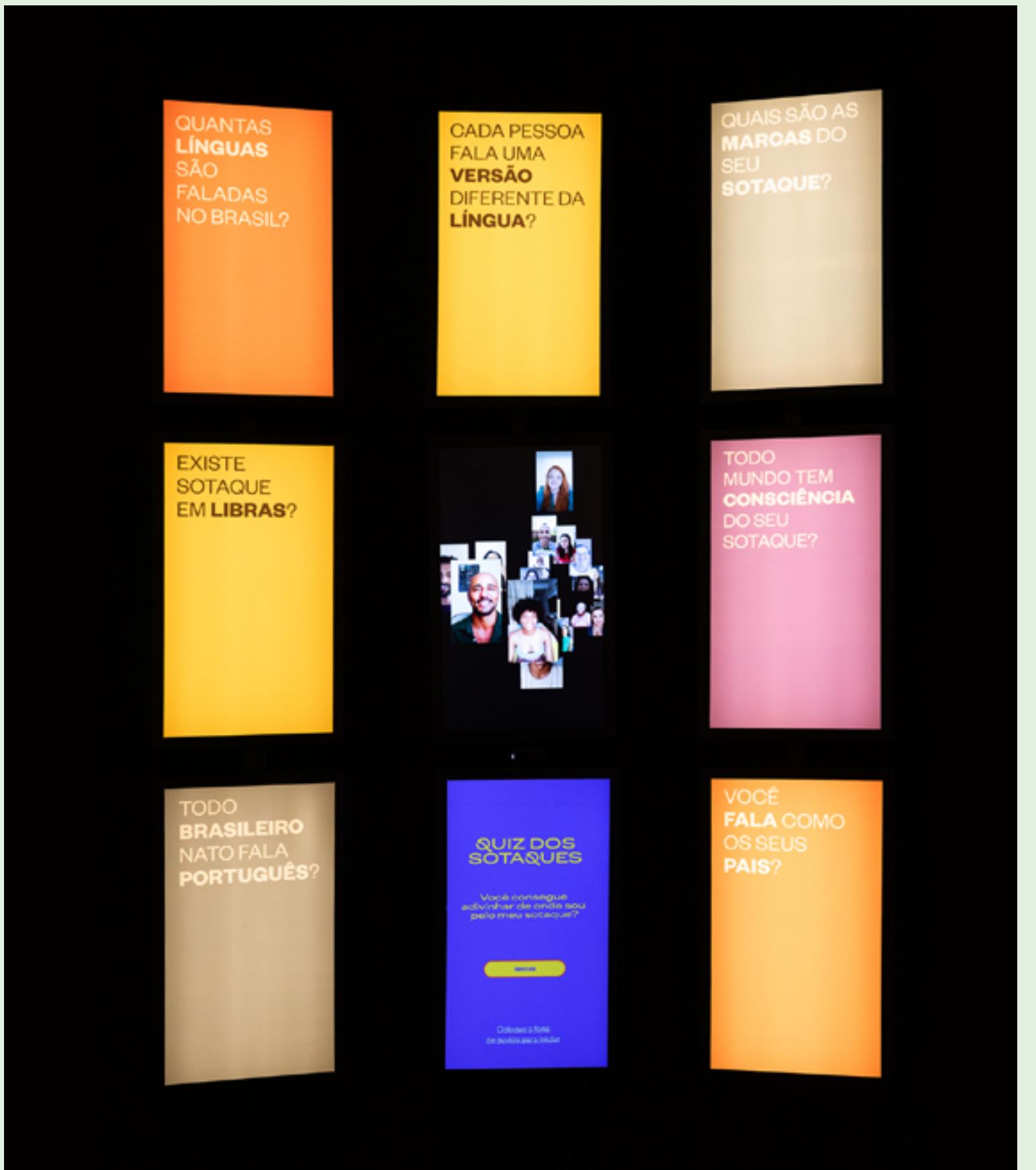
Afinal, não é nada raro, por exemplo, que um falante paraibano e outro pernambucano tenham pronúncia mais semelhantes do que um recifense e um morador do interior do mesmo estado. Ou que um morador do oeste do Paraná fale de maneira mais próxima de alguém do interior do Rio Grande do Sul, ou mesmo do Mato Grosso do Sul, do que de um curitibano.

Diante dessas telas, as pessoas tentavam a sorte.

Testavam o ouvido e seu conhecimento e dispunham de cinco chances de acertar. E digamos apenas que eu, criador da experiência, tirei nota três na primeira vez em que tentei.







Outro dado importante dessa sala tomada por telas e cores vivas (contrastando com os ambientes mais “fechados” do início da exposição) nasceu de mais uma das tarefas simples-impossíveis surgidas das pequenas mensagens que eu recebia da Daniela.

Quando foi terminando o desenho, a expografia toda dessa sala, ela um dia me escreveu dizendo que, além das telas nas quais os clipes dos falantes seriam exibidos, e que estariam providas de um banco e de um fone de ouvido, o resto do espaço seria ocupado por telas iluminadas que precisávamos preencher com textos, palavras, informações.

Quantas telas, perguntei na sequência, para ouvir a resposta simples-impossível que me fez e ainda me faz sorrir: quarenta e seis.

A nossa sorte foi que, numa reunião anterior, da qual Isa participou, ela tinha apontado que uma série de perguntas que eu ia levantando, como que para orientar a elaboração desse conteúdo, talvez pudesse ser apresentada ou no material visual que acompanhava a exposição (nas paredes?) ou neste catálogo em que já íamos começando a pensar.

E foi partindo de algumas dessas perguntas que chegamos às que no fim compuseram o ambiente da sala. E que aparecem transcritas aqui exatamente assim, como “perguntas” (quase todas), já que pretendiam funcionar mais como instigações do que como informações.

Quem deveria fornecer (ou tentar fornecer) “respostas” eram os visitantes. Nosso trabalho, a partir daqui (e logo vamos falar mais das razões até bem objetivas para isso), é muito mais expor complexidade e demonstrar o quanto cada um de nós “não” sabe do que esclarecer isso tudo em um pacote bem formatado e perfeitamente resolvido de informações.

Eis as perguntas, portanto:

O que é sotaque?

Todo mundo tem sotaque?

Por que as pessoas falam diferente?

Quantos sotaques existem no Brasil?

Quantas línguas são faladas no Brasil?

Existe sotaque em Libras?

Todo brasileiro nato fala português?

Cada pessoa fala uma versão diferente da língua?

Todo mundo tem consciência do seu sotaque?

Seus filhos vão falar como você?

Você seria capaz de entender Pedro Álvares Cabral?

Quais são as marcas do seu sotaque?

Você fala como os seus pais?

A língua muda o tempo todo?

Você é capaz de entender qualquer falante brasileiro de português?

Você é capaz de entender os nativos de Portugal?

Por que os filmes feitos em Portugal às vezes precisam de legenda aqui?

Por que os nossos filmes não precisam de legenda em Portugal?

Em quantos países se fala português?

Você entenderia o português de um angolano?

Os brasileiros conhecem os sotaques de todo o país?

Por que os filmes feitos em Portugal às vezes precisam de legenda aqui?

A gente consegue imitar os sotaques dos outros?

Existem sotaques de regiões brasileiras?

Quantos sotaques brasileiros você é capaz de reconhecer?

É feio imitar o sotaque dos outros?

Você tem orgulho do seu sotaque?

Por que a
sua cidade
fala como fala?

Sotaque
pode marcar
nível
educacional?

Você sabe
identificar
o sotaque da
Região Norte?

Sotaque
pode marcar
classe social?

Sotaque é
marca de
superioridade
intelectual?

Existe UM
sotaque
nordestino?

Existe UM
sotaque
sulista?

Existe um
português
brasileiro
“neutro”?

Todos os
nossos sotaques
têm espaço
na mídia?

As capitais
dos estados
têm o mesmo
sotaque que
o interior?

Existem
sotaques
melhores
e piores?

Todos os
nossos
sotaques
têm espaço
na internet?

Cantores
cantam sempre
com o seu
próprio
sotaque?

Você precisou
mudar o seu
sotaque ao
longo da vida?

Qual é o
sotaque
mais
estigmatizado?

Qual é o
sotaque
mais
valorizado?

Se fosse dar
aula para
estrangeiros,
você ensinaria
o seu próprio
sotaque?

Você usa
o mesmo
sotaque o
tempo todo?

Sabia que
ninguém
conhece
a origem
da palavra
“sotaque”?

Todos os
idiomas
têm sotaques
diferentes?

Dois brasileiros
podem ter
mais diferença
de sotaque
que um
brasileiro e
um português?

SGTAQUE

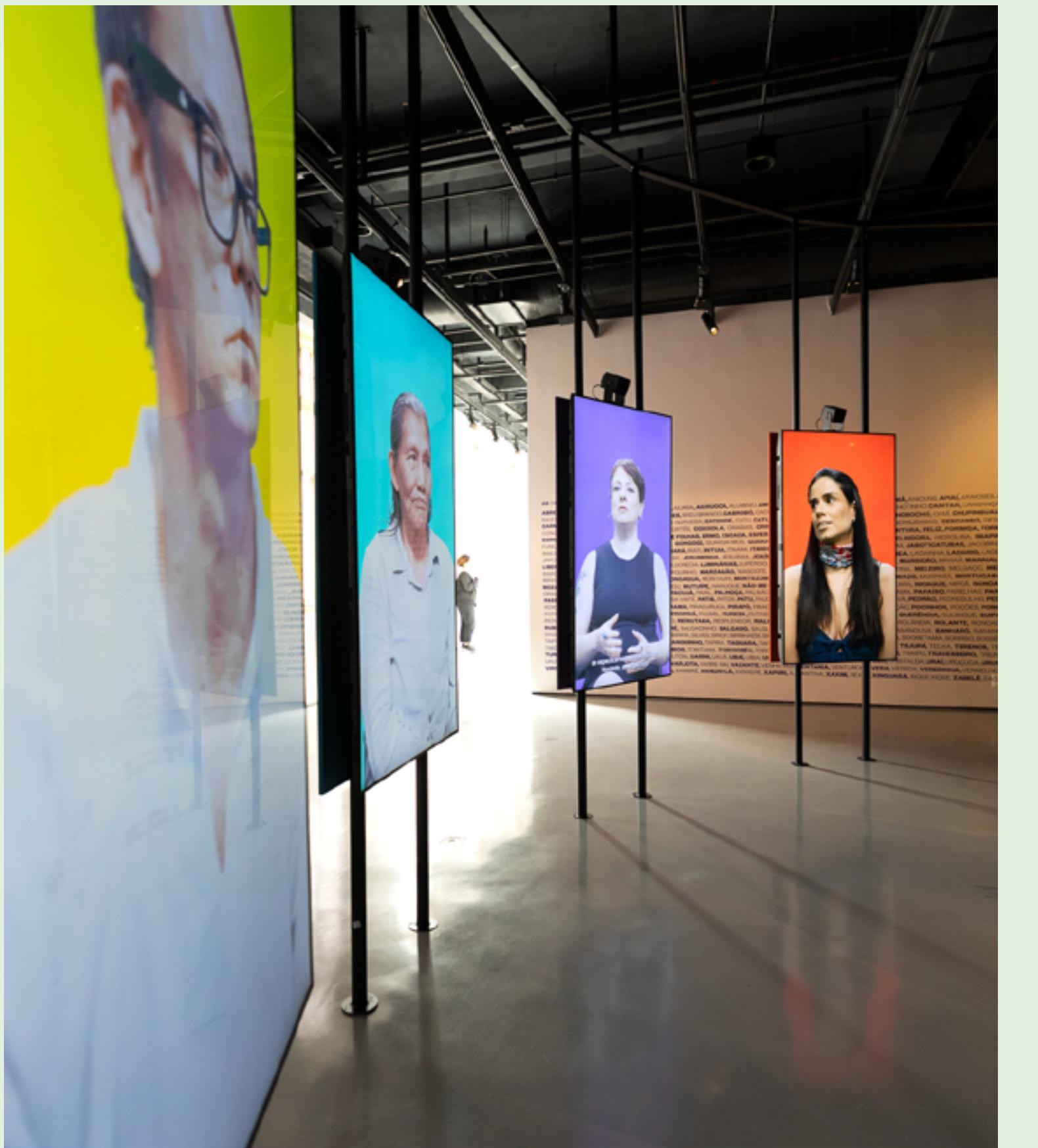
Depois de passarem pelo teste, os participantes recebiam seu resultado e eram fotografados. Essas imagens iam aos poucos ocupando as paredes da sala e também os monitores que pendiam do centro do espaço, registrando de certa maneira a história da exposição a cada dia.

De modo mais importante, e mais central para o projeto da exposição como experiência pessoal, é bom lembrar que nesse momento a fotografia e a inclusão daquela imagem no painel de variedade que incluía todos os clipes gravados realizavam também o movimento de incluir cada “spectador” ativo no mesmo mapa em que se ia mergulhando, cada vez mais fundo, em que se ia integrando cada participante, mais uma vez, nesse movimento de abertura do olhar para todo o Brasil.

Saindo dessa sala, os visitantes seguiam mais
uma vez um texto que se estendia pelo chão

TUDO COMEÇA QUANDO VOCÊ

QUER FALAR COM OUTRA PESSOA



que agora materializava a ideia do “diálogo” entre as mais distantes partes do país no que chamamos de “Roda de Falares”.

Doze grandes monitores verticais, cada um com a imagem de uma pessoa, cada um com seu alto-falante, o que garantia que essa “conversa” mantivesse sua direcionalidade no espaço, cada voz saindo do mesmo ponto em que se localizava a imagem que lhe correspondia.

Uma dessas telas era dedicada à intérprete de Libras (Nayara Rodrigues), que acabou realizando toda uma imersão própria para aprender gestos “regionais” e formas de manifestar a diversidade de todos aqueles indivíduos. As outras onze telas foram preenchidas por “informantes” igualmente selecionados pela Marcia, que aceitaram, mais do que gravar pequenos depoimentos para a sala do Quiz, comparecer a uma sessão oficial de gravação em São Paulo, onde além da equipe de produção estaríamos também a Daniela e eu, para tentar conduzir uma conversa real sobre sotaques, língua, falares.

Eu poderia falar muito sobre questões técnicas e sobre o quanto elas não são (e nunca seriam) “apenas” técnicas.

Eu poderia falar da mágica de edição que fez três sessões separadas com quatro falantes acabarem parecendo uma única sessão com doze pessoas, todas dando a impressão estar sempre de olhos e ouvidos atentos para a pessoa que falava, apesar de em geral elas nunca terem estado no mesmo lugar ao mesmo tempo.

Eu poderia falar do uso mais que engenhoso do espaço, com a Daniela convertendo um possível problema — os quatro enormes pilares bem no meio da roda de monitores — em uma solução desafiadora. Ela fez com que o som conduzisse os visitantes para quem estava falando, num exercício constante de procura da voz a cada momento, que estimulava o visitante a não ficar em total passividade ali no meio.

Você tinha que se deslocar na direção de quem falava.

Eu poderia falar, ainda, do quanto esse espaço se encaixa de novo naquela dinâmica de sístoles e diástoles em que as “salas” da exposição vão passando do fechado e escuro para o aberto e solar (estamos agora no extremo oeste da sala, no ponto mais distante em relação àquele em que começamos nosso passeio, e prestes a entrar no corredor iluminado e ladeado por aquelas janelas abertas para o Jardim da Luz).

Mas acho mais importante falar de outras coisas.

A primeira é a impressionante inteligência daquelas pessoas. Fizemos escolhas motivadas por origem geográfica, pelo grau de interesse do sotaque de cada uma delas. Por vezes foi preciso sair correndo atrás de uma ou outra peça que faltava para completar um quebra-cabeça que, para nós, era ainda uma coisa objetiva, linguística. Ou seja, com toda a sinceridade, queríamos exatamente aquelas pessoas, e em primeiro lugar pelo que elas representavam. Claro que isso também significava que estávamos atrás do que elas “eram”, mas esse dado era muito mais difícil de avaliar previamente com os elementos que tínhamos em mãos.

Quando sentamos com o primeiro grupo de quatro informantes, câmeras centralizadas, Daniela e eu instalados em pontos cegos estratégicos, a fim de colocar questões, levantar perguntas e talvez garantir que todos falassem, caso houvesse alguém mais tímido, mais fechado, imediatamente nos impressionou a profundidade das reflexões, a originalidade das ideias, a relevância das colocações de cada pessoa. E isso se repetiu, e se repetiu.

Juntamos um grupo perfeitamente randomizado de desconhecidos e o colocamos para conversar sobre um tema no qual nenhum deles tinha uma formação profunda, profissional, e acabamos descobrindo algo que dali em diante se transformou numa espécie de mantra do nosso trabalho para terminar a exposição:

“NINGUÉM CONSEGUE FALAR A FRIO SOBRE ESSE TEMA.”





MECEA QUANDO VOCÊ QUER FALAR COM OUTRA PESSOA

É bem verdade que sempre é necessário contar também com esta possibilidade: nós demos a grande sorte de encontrar uma dúzia de pessoas realmente interessantes, inteligentes, capazes de reflexões fortes sobre o nosso tema. Mas este outro elemento também tem seu peso: ao refletirem a respeito de uma coisa que lhes é tão cara, tão próxima, e ao se verem junto de outras pessoas que se colocavam na mesma posição, potencializando ainda mais esses efeitos, essas pessoas acabaram entrando em contato com algo ainda mais precioso: sua própria relação com sua língua, seu dialeto, seu falar.

Em mais de uma ocasião, a Daniela e eu, já completamente desnecessários como mediadores ou facilitadores, nos vimos na posição de felizes espectadores, a quem só cabia, aqui e ali, uma troca de sinais discretos, ambos com os olhos cheios de lágrimas.

Eu tinha meu caderninho com anotações, a Daniela tinha o seu. Nos demos ao trabalho de sincronizar nossos relógios para poder registrar o minuto preciso em que alguém dizia alguma coisa que não queríamos deixar de fora, ou dizia de uma maneira que não podia ficar de fora.

Mas o fato é que nos parecia impossível resumir aquilo tudo.

Não era.

E não foi.

Graças ao talento de tanta gente por trás dessa produção.

Uma felicidade a mais foi perceber (sem demora, já que isto começou a acontecer ainda enquanto montávamos a exposição, antes mesmo da abertura) o quanto essa sala, essa Roda foi se tornando ao mesmo tempo praça e ímã, ágora e vórtice que atraía todos os passantes e os prendia por vários minutos, normalmente a duração de todo o loop de vídeo.

A equipe de limpeza do Museu, os profissionais que erguiam paredes, adesivavam superfícies, afinavam iluminação, passavam cabos e estendiam tecidos... cada um deles, em algum momento, foi visto parado ali no centro daquela Roda, contornando os pilares para ver quem estava falando e para seguir o rumo daquela conversa impossível entre pessoas que nunca se viram antes nem, na maioria das vezes, durante.

Mais do que isso — e esta foi uma conclusão a que só cheguei durante a semana da montagem —, foi ficando transparente que o que estávamos todos vendo e valorizando naquela conversa era a raríssima situação — no Brasil de 2025 — em que um grupo de desconhecidos aborda um tema com profundidade e real interesse apenas para descobrir que são todos incontornavelmente diferentes e, no mesmo instante, perceber que essa diferença é o maior valor ali naquela sala, naquele momento: que é apenas a possibilidade da diferença irredutível que gera a verdadeira comunidade.

Iguais no apreço pelo que nos faz singulares.

Iguais no encanto pelo que faz os outros diferentes de nós.

Iguais em querer saber como é ser aquele outro, falar como aquela outra, entender.

Iguais em perceber o mosaico de que fazemos parte.

Ou não, não um mosaico; um caleidoscópio, na feliz definição da Fedra, nossa informante catarinense.

Eu não disse que eles eram inteligentes?

OULÃO, NÃO UM MOSAICO; UM CALEIDOSCÓPIO

Mas essa sala “final” (você já vai entender, avisei que nós fomos maximalistas) ia além desses monitores dispostos em círculo.

Primeiro porque a parte de trás de cada monitor era recoberta por um painel que, claro, precisávamos ocupar com alguma informação relevante. E, já que estávamos falando de diferenças e das marcas que essas diferenças deixam em nós, acabei optando por explorar a noção do *xibolete* em textos que ficaram assim:

Na Bíblia

(Juízes, 12:5-6) os soldados de Jefté descobrem um método para desmascarar os efraimitas. Bastava pedir que eles dissessem “espiga”, que na pronúncia deles era *shiboleth*, mas que os pobres dos seus inimigos não conseguiam dizer. Eles sempre pronunciavam *siboleth* e, assim, garantiam sua execução. Hoje, os linguistas chamam de *xibolete* toda marca linguística que revela, automaticamente, a nossa identidade.

Todas as grandes línguas do mundo são marcadas pela diversidade, por “dialetos” que por vezes se diferenciam bastante uns

dos outros. E em todas elas, também, esses dialetos acabam ganhando imagens positivas ou negativas entre os vários outros grupos de falantes. Mas são apenas imagens, derivadas das posições sociais dos falantes. Nenhum dialeto é pior ou melhor que outro em termos linguísticos.

Xiboletes brasileiros #1

como você pronuncia a palavra *gordo*? Com o dito “r” caipira? Com o som “vibrante” de certas variedades paulistanas? Com o som “aspirado”, normalmente associado aos cariocas? E você já percebeu que o “aspirado” dos mineiros é ainda diferente desse?

Xiboletes brasileiros #2

como você pronuncia a palavra *basta*? Com um som sibilante de s? Com um som chiado como o da letra x? Se você usa o som chiado, ele aparece diante de qualquer consoante, ou você fala bashta e ashno mas mantém o sibilado em mesmo, casca e cuspe, como em certas regiões do Nordeste? E você já notou que alguns cariocas dizem bashta enquanto outros pronunciam baishtha?

Xiboletes brasileiros #3

como você pronuncia o plural de *você*?
Como *vocêsssss*?
Como *vocêis*?
Como *vocêish*?
Será que alguém, em algum lugar, pronuncia *vocêsh*?

Xiboletes brasileiros #4

como você pronuncia a palavra *dia*? Com um som de “d” igual ao da palavra *dar*?
Com um som de *dj*?
Essa inovação na pronúncia de t e d diante de i, que gera as pronúncias *tchia* e *djia*, majoritárias no Brasil, é algo que separa o nosso país de todos os outros locais onde se falam línguas derivadas do latim, inclusive Portugal.

Xiboletes brasileiros #5

como você pronuncia o nh de *Maranhão*? Com uma pequena vogal i (*Maranião*)? Ou sem esse apoio vocálico? Sabia que esse é um dos jeitos mais rápidos de começar a suspeitar que alguém vem dessa região do norte brasileiro?

Xiboletes brasileiros #6

como você pronuncia a palavra *mal*?
Com um som de “u” como o da palavra *mau*?
Com um som de “l” meio enroscado?
Hoje pouca gente mantém essa segunda pronúncia, que, no entanto, já foi a mais comum em todo o país.

Xiboletes brasileiros #7

como você traduz o inglês *you did*? Como *você fez*?
Como *tu fez*?
Como *tu fizeste*?
Como *tu fizesse*?
Mais ainda, no caso do uso de *você*, perceba que algumas pessoas usam o possessivo *seu*, e outras, o possessivo *teu*.

Xiboletes brasileiros #8

como você diz que fez algo na companhia de sua irmã? *Eu e ela*? *Eu mais ela*?
Bônus: apesar da grafia diferente, a maioria das pessoas pronuncia *mais* e *mas* da mesma maneira; e o mais estranho é que as duas palavras na verdade têm a mesma origem, no latim *magis*.

Xiboletes brasileiros #9

como você cita o nome de uma pessoa? *Fiz isso com Sandra*? *Fiz isso com a Sandra*? Não são muitos os outros idiomas que você pode conhecer com essa possibilidade de usar artigo direto diante de um nome próprio.

Xiboletes brasileiros #10

como você lê o preço de R\$10,50? *Dez reais e cinquenta centavos*? *Dez reais com cinquenta centavos*? *Dez reais mais cinquenta centavos*? Sejamos honestos: em casa, entre amigos, muitos de nós dizemos mesmo *dez real e cinquenta*! E tudo bem! É um uso perfeitamente válido do registro informal da língua, e ninguém deixa de entender.

Xibóteis (D) (cont.)

que é só dizer um nome para
diferenciar o sotaque. Só que, por
exemplo, "caipira" não se
aplica ao sotaque da maioria
dos brasileiros, mas sim
ao sotaque da maioria dos
habitantes da zona rural.
Agora, se é só dizer o nome
de um dialeto, é só dizer



Todas as grandes línguas do mundo
são marcadas pela diversidade, por
“dialetos” que por vezes se diferenciam
bastante uns dos outros. E em todas elas,
também, esses dialetos acabam ganhando
imagens positivas ou negativas entre os
vários outros grupos de falantes. Mas são
apenas imagens, derivadas das posições
sociais dos falantes. Nenhum dialeto é pior
ou melhor que outro – em termos linguísticos.



Xibóteis brasileiros (#1)

Como você pronuncia a palavra gordo?
Com o ditô r caipira? Com o som
“vibrante” de certas variedades
paulistanas? Com o som “aspirado”,
normalmente associado aos cariocas?
E você já percebeu que o “aspirado”
dos mineiros é ainda diferente desse?



Sotaques (D)

Que é só provar caldo de feijão
com um sotaque de São Paulo
para saber como é o sotaque? Que é só
fazer um dialeto de sotaque de
São Paulo para saber que é
o sotaque de São Paulo? Que é só
fazer um dialeto de sotaque de
Portugal para saber que é
o sotaque de Portugal? Que é só

Isso tudo já estava mais ou menos definido quando recebi mais uma das preciosas mensagens da Daniela, dizendo que havia toda uma parede, grande, que ia acabar ficando só “na tinta”. E isso, claro, não era aceitável.

Então me veio a ideia de percorrer aquela lista dos municípios brasileiros e extrair dali a nossa lista-poema, que acabou se revelando uma das coisas mais interessantes que já fiz. Primeiro porque ela amarrou as pontas da nossa exposição ao se transformar também naquele áudio que recebe os visitantes; segundo porque acabou virando até um livro, *As cidades*, publicado pelo Círculo de Poemas ainda enquanto a exposição estava aberta; terceiro porque aquela parede se revelou um insuspeito e perfeito local para *selfies* toda vez que alguém localizava a cidade de onde vinha sua família, o lugar onde morou na infância, o ponto onde ainda moravam seus pais.

Ao ilustrar a diversidade linguística brasileira, o mural das Cidades acabou se mostrando um grande agregador justo no momento em que a exposição, depois do mapa-múndi, ia novamente se voltando cada vez mais para dentro e para fora, em um movimento simultâneo e nada contraditório.

A photograph showing three students from behind, standing in front of a large white wall covered in numerous black names of Brazilian towns. The students are pointing their right index fingers upwards towards the wall. The student on the left has dark curly hair and wears a black t-shirt and a black backpack. The student in the middle has short dark hair and wears a white t-shirt and a grey backpack. The student on the right has short brown hair and wears a black t-shirt and a grey backpack. The names on the wall are in a bold, black, sans-serif font.



CONVERSA

Na teoria era aqui que acabava o percurso da exposição. Porém, para sair da sala das exposições temporárias e pegar o elevador, os visitantes precisam retornar à direção leste, percorrendo o corredor mais estreito, que passa pelos banheiros.

Esse espaço vinha sendo sistematicamente toldado, velado, nas exposições anteriores, no interesse de garantir a integridade da “caixa” expográfica e de facilitar a visualização de conteúdo digital, por exemplo. Era o espaço que a Daniela queria abrir antes mesmo de fazer seu primeiro desenho da exposição.

Desde esses primeiros momentos, ela também tinha pensado em decorar a parede da direita desse corredor com citações da literatura brasileira que falassem da relação entre as pessoas (nós, ora) e a língua. Assim, a exposição cumpriria mais um percurso e ataria mais um nó. Saímos do estritamente interno e pessoal para o amplo e externo, retornamos para casa mais informados e também mais capazes de perceber diferenças nos outros, de nos ver nos outros, de voltar para dentro apesar de irmos cada vez mais longe no espaço e no tempo. E agora chegariam à cultura, a mais coletiva das manifestações linguísticas e também, claro, a mais individual, na medida em que vem inclusive “assinada”.

As canções que utilizamos na sala Fale apareciam como um bem comum, como um patrimônio nacional coletivo (apesar de estarem devidamente creditadas, claro, no aparato extenso da exposição, elas não eram

identificadas de forma pontual na sala). E é interessante que, em se tratando do Brasil, seja este o lugar da canção: na raiz, na base, no coração.

As citações literárias, que escolhemos a partir do trabalho de pesquisa de Morena Madureira, com o auxílio de Sandra M. Stroparo (minha mulher, e, sim, acho bonito esse uso da expressão, e ela também), entravam agora como elementos diferentes, como o dado cerebral, de ápice, de fruto, ilustrando não só as reações e relações daquelas vozes (personagens e poetas) com a língua, o português, a linguagem, mas ilustrando também, é claro, as reflexões de cada um daqueles escritores e escritoras com esse gigantesco patrimônio, decorrente de todos os processos que a exposição examinou, resultante de séculos e milênios, revirado, rebuscado e repensado por milhões de usuários e agora filtrado e iluminado pelas palavras de pessoas incrivelmente talentosas e sensíveis.



As citações:

Memórias: a menina sem estrela

NELSON RODRIGUES

“Lembro-me do meu assombro quando ouvi alguém chamar alguém de canalha. [...] Pela primeiríssima vez, eu ouvia a palavra. E, garoto, tremi em cima dos pés. Acho que o meu espanto iluminou a sala. Sempre que um menino ou mesmo um adulto vê o nascimento de uma palavra, seu horizonte vital se torna mais denso, elástico, luminoso. A descoberta do ‘canalha’ mudou, amplificou a minha realidade. Tinha meus seis, sete anos.”

Vidas secas

GRACILIANO RAMOS

Esta foi a citação que moveu mil ideias, algo que a Daniela evocou desde o começo: nosso modelo e nossa régua.

“Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas.”

“Provavelmente aquelas coisas tinham nomes. O menino mais novo interrogou-o com os olhos. Sim, com certeza as preciosidades que se exibiam nos altares da igreja e nas prateleiras das lojas tinham nomes. Puseram-se a discutir a questão intricada. Como podiam os homens guardar tantas palavras? Era impossível, ninguém conservaria tão grande soma de conhecimentos. Livres dos nomes, as coisas

ficavam distantes, misteriosas. Não tinham sido feitas por gente. E os indivíduos que mexiam nelas cometiam imprudência. Vistas de longe, eram bonitas. Admirados e medrosos, falavam baixo para não desencadear as forças estranhas que elas porventura encerrassem.”

Macunaíma

MÁRIO DE ANDRADE

“— Ai! que preguiça!...

Matutou matutou e resolveu. Fazia uma coleção de palavras-feias de que gostava tanto. Se aplicou.

Num átimo reuniu milietas delas em todas as falas vivas e até nas línguas grega e latina que estava estudando um bocado. A coleção italiana era completa, com palavras pra todas as horas do dia, todos os dias do ano, todas as circunstâncias da vida e sentimentos humanos.

Cada bocagem! Mas a jóia da coleção era uma frase india que nem se fala.”

Quarto de despejo

CAROLINA MARIA DE JESUS

“Como é horrível ver um filho comer e perguntar: ‘Tem mais?’ Esta palavra ‘tem mais’ fica oscilando dentro do cérebro de uma mãe que olha as panela e não tem mais.”

“Dia 1 de janeiro de 1958 ele disse-me que ia quebrar-me a cara. Mas eu lhe ensinei que a é a e b é b. Ele é de ferro e eu sou de aço. Não tenho força física, mas as minhas palavras ferem mais do que espada.”

Contos negreiros, Canto XI, “Totonha”

MARCELINO FREIRE

“Capim sabe ler? Escrever? Já viu cachorro letrado, científico? Já viu juízo de valor? Em quê? Não quero aprender, dispenso.”

“Não preciso ler, moça. A mocinha que aprenda. O prefeito que aprenda. O doutor. O presidente é que precisa saber ler o que assinou. Eu é que não vou baixar a minha cabeça para escrever. Ah, não vou.”

Rebento

GILBERTO GIL

Rebento, substantivo abstrato
O ato, a criação, o seu momento
Como uma estrela nova e o seu barato
Que só Deus sabe lá no firmamento

Metáfora

GILBERTO GIL

Uma lata existe para conter algo
Mas quando o poeta diz: Lata
Pode estar querendo dizer o incontável

Língua brasileira

TOM ZÉ

*Do meu lado, posso dizer que essa canção,
que foi a base da ideia do espetáculo Língua brasileira,
que Felipe Hirsch me convidou para ajudar a elaborar,
também foi a base de tudo que me levou a estar aqui.*

Quando me sorris

Língua de Aviz

Fado de punhais

Multidão de ais

Visigoda e celta

Dama culta e bela

Inês e desventuras

Lá onde costuras

Multidão de ais

Deus te preteje

ITAMAR ASSUMPÇÃO

Deus te preteje curumim

Mim fala língua de pingüim

Nem sim nem não nem nin nem são

Mim fala língua macarrão

Vou tirar você do dicionário

ITAMAR ASSUMPÇÃO

Eu vou tirar você de letra

Nem que tenha que inventar

Outra gramática

Eu vou tirar você de mim

Assim que descobrir

Com quantos “nãos” se faz um sim

Poética, “Estou atrás” p. 164

ANA CRISTINA CESAR

do despojamento mais intelectual

da simplicidade mais erma

da palavra mais recém-nascida

do intelecto mais despojado

do ermo mais simples

do nascimento a mais da palavra

Vício na fala

OSWALD DE ANDRADE

Para dizerem milho dizem mio

Para melhor dizem mió

Para pior pió

Para telha dizem teia

Para telhado dizem teiado

E vão fazendo telhados

O par que me parece

PAULO LEMINSKI

Um idioma perfeito,
quase não tinha objeto.
Pronomes do caso reto,
nunca acabavam sujeitos.
Tudo era seu múltiplo,
verbo, triplo, prolixo.
Gritos eram os únicos,
o resto, ia pro lixo.

Aviso aos naufragos

PAULO LEMINSKI

Palavras trazidas de longe
pelas águas do Nilo,
um dia, esta página, papiro,
vai ter que ser traduzida,
para o símbolo, para o sânscrito,
para todos os dialetos da Índia,

Desencontrários

PAULO LEMINSKI

Mandei a palavra rimar,
ela não me obedeceu.
Falou em mar, em céu, em rosa,
em grego, em silêncio, em prosa.
Parecia fora de si,
a sílaba silenciosa.

Nomes a menos

PAULO LEMINSKI

Nome mais nome igual a nome,
uns nomes menos, uns nomes mais.
Menos é mais ou menos,
nem todos os nomes são iguais.

Uma coisa é a coisa, par ou ímpar,
outra coisa é o nome, par e par,
retrato da coisa quando límpida,
coisa que as coisas deixam ao passar.

Letras

ALICE RUIZ

letras
se metem a palavras
querendo ser poesia

cigarras velhas
cantando
pela primeira vez
nada de novo



Mas havia ainda as janelas.
E aquele espírito maximalista...

Uma das primeiras intenções que tivemos foi integrar a exposição ao seu território. Não apenas a beleza do Jardim da Luz, não somente a pluralidade infinita da Estação da Luz, mas também a aridez, a dureza dos entornos urbanos mais imediatos.

Comércio.
Crack.
Trânsito.
Transes.

Pouco antes de eu viajar para acompanhar a montagem da exibição, a Daniela me escreveu (até você já se acostumou com essa dinâmica) dizendo que podíamos fazer alguma coisa para aproveitar melhor as janelas que davam para a rua. E, claro, ela já tinha uma ideia perfeita para isso.

Podíamos criar pequenos “alvos” que seriam adesivados nas janelas, instigando os visitantes a mirar e encaixar naqueles círculos pessoas que passavam do outro lado da rua. A ideia, a partir disso, era incluir também nesses adesivos uma frase que levantasse uma hipótese sobre a origem daquela pessoa e desse alguma informação linguística sobre o tal lugar hipotético.

É verdade que alguns minutos naquele lugar te fariam ver gente de quase todo o Brasil. Afinal estamos no centro de São Paulo.

Diante dessa missão, pensei primeiro que seria bom incluirmos agora dados lexicais. Vocabulário. Palavras. Já tínhamos falado bastante de diversidade fonética (sonora) no quiz e na Roda e também de questões estruturais nos painéis dos xiboletes.

A segunda coisa que me ocorreu foi que seria muito difícil fazer essa seleção de informações. Já te digo por que e de quebra explico aquela afirmação que ficou solta lá atrás, de que a partir da sala do quiz tínhamos mais possibilidade de plantar curiosidade, semear dúvida do que esclarecer e fornecer respostas.

É extremamente difícil produzir o que se chama de “divulgação científica”: oferecer informações capazes de interessar a uma

parcela ampla da população, mantê-la instigada e ao mesmo tempo não abrir mão do rigor e da seriedade da pesquisa acadêmica. A língua é alvo de uma série infundável de mitos, e afirmações como “Só na minha cidade se diz tal coisa” ou “Todo mundo em tal lugar fala assim” são um manancial irritante e incontível de frustração para os linguistas.

Porque, e era aqui que eu precisava chegar, a gente não sabe.

Pura e simplesmente, a gente não sabe.

É claro que evoluímos muito e já temos bases bem sólidas (falamos delas daqui a pouco), mas não temos condições de fornecer um retrato exato, preciso, do “dialeto”, da fala de qualquer lugar, muito menos do Brasil todo.

Os idiomas se caracterizam por sua constante variação. Sempre. Há mesmo linguistas que defendem que cada falante é usuário de uma variante única. Sempre vai existir um timbre vocálico, uma marca morfológica, um uso lexical que difere você do seu irmão, da sua amiga, dos seus vizinhos. E uma verdade decorrente dessa é que afirmações do tipo “Todo mundo em tal lugar fala X” serão falsas. Por isso um linguista sério sempre vai responder essas perguntas da forma exatamente oposta ao que se espera dos mitos, das *fake news*: coisas longas, cheias de relativizações e de probabilidades. Frases mais semelhantes a “Uma certa porcentagem de informantes na dita localidade tem uma dada possibilidade de falar X nesse e naquele contexto”.

Como sabemos todos, no entanto, no nosso mundo cheio de teorias da conspiração, *fake news*, lendas urbanas e mitos, são essas as sentenças que de fato descrevem a realidade.

Recém-formado, eu um dia fui conversar com a minha antiga orientadora de iniciação científica, dizendo que alguém podia produzir um livrinho sobre os sotaques do Brasil e sugerindo (eram os anos 1990!) que talvez fosse interessante gravar um CD com amostras de cada sotaque. Ela, de imediato, me dissuadiu (e se fosse menos tolerante podia ter tentado caçar meu diploma).

Primeiro, não existem sotaques limitados, com fronteiras definidas.

Segundo, ninguém é usuário típico, perfeito, de um dado sotaque.

Os sotaques tendem a se sobrepor e a se misturar como numa aquarela, e as pessoas tendem a ostentar marcas também sobrepostas, principalmente se tiveram trajetórias de vida com mudanças de cidades, de estados, ou se têm pais vindos de uma região diferente da sua.

Terceiro: é extremamente difícil apresentar um retrato fiel de um sotaque.

Se quisermos ir além dos mitos, das opiniões e impressões, precisamos ir para a rua.

Deixa eu te apresentar uma versão monstruosamente simplificada desse processo, uma simulação em miniatura, só para você começar a entender.

Digamos que o meu objeto seja a cidade de Curitiba.

Preciso, como numa pesquisa eleitoral, determinar que tamanho de amostra pode representar toda a cidade. Preciso também, é claro, estabelecer como será composta essa amostra (sempre no intuito de gerar um microcosmo representativo): qual o percentual de mulheres, de cidadãos acima dos cinquenta anos, de pessoas sem instrução formal... e mais uma infinidade de critérios.

(Cabe lembrar que um trabalho como esse consome tempo, demanda grandes equipes e, consequentemente, não pouco dinheiro. E se sempre haverá alguém interessado em bancar a realização de uma pesquisa eleitoral, o financiamento de uma pesquisa sociolinguística é bem mais ralo.)

Composta essa amostra, preciso ir até cada pessoa e — em vez de pedir que ela apenas marque um X em alguns questionários — gravar uma entrevista razoavelmente longa com cada uma, ora pedindo respostas para questões simples, ora esperando tempo suficiente para que elas, espontaneamente, acabem pronunciando algumas vezes o fonema que queremos estudar, no contexto fonético que nos interessa.

A pesquisa de vocabulário, por exemplo, pode ser bem complicada.

Como descobrir que nome, entre vários possíveis, um informante usa na “vida real” sem (e esta é a chave) induzir uma resposta? Afinal, é comum que os informantes se coloquem numa posição

ilusória de “insegurança” ou de excessivo “monitoramento” quando conversam com esses pesquisadores acadêmicos.

Mostro uma figura?

Invento uma maneira, laboriosa, de descrever uma coisa (“Como se chama aquele inseto com pridinho com quatro asas que voa bem rápido em cima da água parada...”)?

Funcionaria?

Se parto para esse trabalho com uma equipe típica (menos de meia dúzia de bolsistas de graduação, outra meia dúzia de orientandos de pós-graduação e alguns docentes) e se conto com o fato de que, realizadas todas essas entrevistas, ainda é preciso transcrever, tratar, tabular e analisar os dados todos (sem contar o tempo que foi necessário para chegar à lista de perguntas que seriam feitas, de fenômenos que merecem ser investigados por serem capazes de elucidar muita coisa), posso levar vários anos para realizar esse mapeamento.

De uma cidade.

Mais doloroso ainda, depois desses anos todos, quando publicados os resultados, eles certamente estarão desatualizados, porque a língua muda. Sempre. Sem parar.

Imagine a situação de quem pretendesse fazer um *Atlas Linguístico do Brasil*.

Inteiro.

De um país que, para piorar, demorou a receber estudos acadêmicos de linguística.



Essa meta começou a ser discutida entre nós nos anos 1950. Mas foi apenas em 2014 que o primeiro volume desse *Atlas* foi publicado. (E recomendo muito, mesmo, que você dê uma espiada nesse livro.)

Nele encontramos, no que se refere à minha missão para aquelas janelas, uma monteira de mapas referentes à distribuição e ao uso de certos termos nas capitais dos estados.

E, não esqueça mais isto, apenas nas capitais.

É assim que descubro, por exemplo, que na minha cidade (Curitiba), diante da pergunta “Como se chamam as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão e, normalmente, deixam um cheiro na mão?” (de fato ela foi feita nesses termos), os informantes, ao contrário do que eu mesmo diria, não foram todos para a palavra *mimosa*, que era a única que eu conhecia na minha infância (tenho 52 anos).

Mimosa foi, sim, o termo mais frequente, mas não chegou a representar nem metade das respostas. E os termos *bergamota*, *mexerica*, *poncã* e *tangerina* também apareceram na amostra.

Vida real.

Resultados “sujinhos” e bagunçados: mosaico: caleidoscópio. Diagnósticos menos no formato “Em Curitiba tangerina é mimosa!!” e mais “Em Curitiba, uma maioria representativa de falantes tende a usar o termo *mimosa* em boa parte de suas interações espontâneas”.

Difícil tirar um vídeo viral disso tudo.

Mas são dados confiáveis, sólidos. Sendo assim, para manter o rigor e fornecer as informações que a Daniela esperava, minha única fonte possível eram essas cartas, esses mapas do *Atlas*. No entanto, ainda no embalo da nossa lista das Cidades, e permanentemente encantado com a criatividade dos topônimos brasileiros, optei por uma pequena manobra que me permitisse despertar mais interesse, sonoro, geográfico, e ainda me manter perto da verdade verificável.

Em vez de me referir às capitais dos estados, saí procurando cidades da região metropolitana de cada capital, especialmente as que tivessem nomes que me interessassem mais. E os nossos adesivos ficaram assim:

E se essa pessoa vier de **Satuba** (AL)?
Deve chamar granizo de “chuva de neve”!

Será que essa pessoa é de **Cujubim** (RO)?
E chama orvalho de “garoa”?

Será que essa pessoa vem de **Sidrolândia** (MS)?
E diz que neblina é “cerração”?

E se essa pessoa for de **Quitandinha** (PR)?
E disser “mimosa” em vez de tangerina?

Essa pessoa viria de **Extremoz** (RN)?
Lá chamam pipa de “coruja”!

Essa pessoa seria de **Barcarena** (PA)?
E chama a penca de banana de “palma”?

E se essa pessoa vier de **Igrejinha** (RS)?
Há de chamar mandioca de “aipim”!

Será que essa pessoa é de **Bacabeira** (MA)?
Pode chamar a galinha-d’angola de “catraia”!

Será que essa pessoa vem lá de **Capixaba** (AC)?
E chama libélula de “cavalo do cão”?

E se essa pessoa for de **Camaragibe** (PE)?
Lá dizem “tapuru” em vez de bicho de goiaba!

Essa pessoa viria de **Cariacica** (ES)?
Será que chama cigarro de palha de “pacaia”?

Essa pessoa seria de **Cabedelo** (PB)?
E diz “bunda-canastra” em vez de cambalhota?

E se essa pessoa vier de **Divina Pastora** (SE)?
Pode chamar bolinha de gude de “marraio”!

Será que essa pessoa é lá de **Itatiáiuçu** (MG)?
E diz “badogue” em vez de estilingue?

Será que vem de **Leoberto Leal** (SC)?
E chama pipa de “pandorga”?

E se essa pessoa for de **Itaubal** (AP)?
Lá chamam cabra-cega de “pata-cega”!

Será que essa pessoa viria de **Nazária** (PI)?
Onde amarelinha se chama “canção”?

Essa pessoa seria de **Madre de Deus** (BA)?
Lá as crianças chupam “queimados” e não balinhas!



Mas lembre que, além de uma parede (coberta de literatura) e de janelas (adesivadas de sociolinguística), esse corredor de saída também dava acesso aos banheiros.

E, sim, você adivinhou.

Numa certa noite recebi uma mensagem da Daniela perguntando se a gente não podia fazer alguma coisa para demonstrar as variedades de termos regionais para “homem” e “mulher” e assim deixar a sinalização desses banheiros integrada ao tema e ao espírito da exposição.

Claro que eu disse sim.

HOMENS	MULHERES
<i>guris</i>	<i>prendas</i>
<i>piás</i>	<i>minas</i>
<i>garotos</i>	<i>chinocas</i>
<i>moleques</i>	<i>gurias</i>
<i>manos</i>	<i>molecas</i>
<i>cabras</i>	<i>manas</i>
<i>moços</i>	<i>varoas</i>
<i>rapazes</i>	<i>moças</i>
<i>curumins</i>	<i>cunhantãs</i>
<i>varões</i>	<i>miúdas</i>
<i>caras</i>	<i>caras</i>
<i>menines</i>	<i>menines</i>
<i>gente</i>	<i>pessoas</i>
<i>pessoas</i>	<i>gente</i>

PIPI

tem provável origem na linguagem infantil, e quer dizer “urina”, “penis” ou “vagina” em línguas tão diferentes quanto português, francês, romeno, italiano, grego, tagalo (a língua mais falada nas Filipinas), turco e até no inglês “pee-pee”

XIXI, por sua vez, pode ter origem numa língua africana.

E quando respondi a mensagem original da Daniela numa noite de quinta-feira, comentei (com só um pouquinho de ironia) que eu até estava esperando um pedido como esse àquela altura e que achava estranho que ela ainda não tivesse pedido nada para colocar dentro dos banheiros!

A resposta da Daniela à minha pretensa gracinha foi:

— Você consegue mandar até sábado?

Eu consegui.

MERDA, que já tinha essa forma em latim, provém de uma antiga raiz que também gerou o verbo MORDER!

(O sentido original era o de algo “cortante”, que servia também para odores fortes.)

URINA já tinha essa forma em latim e deriva de uma raiz antiga que significava ÁGUA.

Num fenômeno de hipercorreção, muitos falantes imaginam que a palavra deriva da cor do OURO e acabam pronunciando OURINA.

FEZES também significa “resíduo”, “borra”... É por isso que um personagem de Machado de Assis pode beber o vinho “até as fezes”...

Aliás: **ENFEZADO** não tem origem em prisão de ventre. Isso é #Fake.

PIPI tem provável origem na linguagem infantil e quer dizer “urina”, “pênis” ou “vagina” em línguas tão diferentes quanto português, francês, romeno, italiano, grego, tagalo (a língua mais falada nas Filipinas), turco e até no inglês *pee-pee*.

XIXI, por sua vez, pode ter origem numa língua africana.

FALÀ,
FALAR,
FALAMÓS

Quando eu recebi o convite para atuar como um dos curadores de uma exposição temporária no Museu da Língua Portuguesa...

Bom.

Aceitei. Que é o que eu faço com convites muito maiores do que eu, que exigiriam pessoa muito mais competente do que eu sou.

É claro que, além dessa irresponsabilidade alegre e míope que sempre me mete em situações em que eu depois preciso me virar do avesso, havia ali também o fato de se tratar de uma instituição preciosa como o Museu, que além de tudo teve um papel fundamental na minha transição de professor de linguística histórica para autor de divulgação científica. Foi ali, em 2022, que eu participei de um evento organizado por Felipe Hirsch para celebrar o dia internacional da língua portuguesa. E foi dali que eu saí com a convicção de que precisava escrever o que meses depois foi lançado como *Latim em pó*.

Havia também o fato de que esse convite era para uma dupla e que a outra pessoa nessa curadoria seria Daniela Thomas.

O nome da Daniela bastaria para fazer qualquer um dizer sim.

E é óbvio que apesar de ficarmos nós dois com a assinatura, e também com a responsabilidade pelas escolhas, o desenho, o conteúdo, também não fomos só “nós dois”. Foram literalmente centenas de pessoas que trabalharam, ajudaram, deram palpites, prestaram consultoria, emprestaram seus talentos e competências. Isa Grinspum Ferraz (não vou revelar o nome do grupo de WhatsApp que me une às duas), toda a

equipe do Museu, um elenco infinito de colaboradores, parceiros, heróis mesmo.

Aprendi demais sobre expografia. Sobre a realidade dos museus e deste Museu.

Participei da semana de montagem da exposição, que me fez alcançar o mesmo grau de tensão e de zelo que eu tinha desenvolvido durante a reforma da minha casa. Participei de sessões de gravação de áudio e de vídeo que me fizeram alcançar o mesmo grau de empolgação e de zelo que associo à escrita.

Vi essa coisa linda se pôr de pé, vir a ser, existir-se.

E vi as enxurradas de visitantes.

A menina de dez anos, olhos esbugalhados, cutucando o pai para ver se ele tinha prestado atenção na revelação de uma etimologia. Os meninos dançando e fingindo jogar futebol diante de um corpo todo feito de palavras. Gente da minha idade e mais velha que eu encantada com a conversa de doze pessoas que nunca estiveram juntas num mesmo recinto. Gente de tudo quanto é canto desta terra procurando, numa parede, um nome improvável como *Nanuque*, *Zabelê* ou *Sorriso*, que representa o lugar em que vieram ao mundo.

Maravilha, Maravilha, Maravilhas.

Vi meus amigos e meus colegas passearem felizes pelo mundo que a gente inventou e que tomou forma na nossa cabeça com uma rapidez e uma simplicidade estonteantes (quase não pareciam trabalho essas conversas), para depois ser composto e executado de modo laborioso, detalhado e, claro, lento.

Aprendi também muito do que eu desconhecia sobre a nossa língua. E muito especialmente sobre a nossa relação com ela.

Eu faço bastante coisa e cada vez mais tenho entendido que essas atividades se unificam neste eixo: eu mexo com a língua portuguesa do Brasil. Faço coisas com ela. Olho atrás da orelha dela pra ver se tem flunfa. Canto pra ela dormir. Olho encantado enquanto ela anda de bicicleta no parque.

Sem rodinhas.

E comprovar o quanto esse amor, essa relação quase indizível com o que justamente nos permite dizer de tudo (pode uma faca cortar a si própria?), o quanto esse fascínio afinal é algo que está em todos nós, logo abaixo da superfície, à espera apenas da pergunta, da oportunidade, ou da exposição certa... foi uma felicidade sem tamanho.

Ver a emoção dos participantes da nossa Roda.

Ver a emoção dos espectadores da nossa Roda.

Todo dia.

Cada vez.

Ver que gente tão diferente sente o mesmo por esse algo, esse treco, esse fenômeno, patrimônio, bagulho, tareco, breguete que

herdamos dos séculos, que nos foi dado, imposto, obrigado, obrigados, que tomamos, assumimos, adotamos e domesticamos, fazendo dele uma coisa tão essencialmente nossa que mal podemos nos dar ao luxo de imaginar um sonho decolonial em que fôssemos além do sermos nós, como os lusos, falantes desse português que agora é nosso.

Ver que em tempos de *fakes*, de falsas inteligências e problemas artificiais, de muros, cisões e cesuras, censuras e riscos, basta abrirmos a boca... ou, melhor, basta destamparmos os ouvidos e atentar ao outro, ao mar de outros que se expressa com a mesma língua que brinca na nossa boca...

Basta aceitarmos essa unimultiplicidade, como diria Tom Zé.

Basta lembrarmos que o desvio, o novo, o torto, o erradinho, o esquisito são também o belo, o novo, o forte e o poderoso... que a criatividade está na boca do povo... que tudo muda o tempo todo e só pode mudar sem parar porque nunca é igual, pois varia e difere de si mesmo a cada instante.

Como a sociedade.

Como a vida.

Como a vida? Não. Não há necessidade de comparar.

Viver, pra mim, é viver em português.

Muito obrigado a cada um que participou disso tudo, fazendo ou visitando. Minhas irmãs, meus irmãos.

CWG

ENTREVISTA

CAETANO GALINDO
DANIELA THOMAS
GREGÓRIO DUVIVIER
ISA GRINSPUM FERRAZ

Isa Gregório, recentemente você apresentou em várias cidades do Brasil e de Portugal uma peça importante cujo tema é a língua portuguesa, *Céu da língua*. Bem, você acaba de visitar a exposição *Fala Falar Falares*, aqui no Museu da Língua Portuguesa, e eu queria te perguntar como é para você essa questão da diversidade de falares em um país tão vasto como o nosso.

Gregório Saindo outro dia com o Tim Bernardes, que é muito paulista, eu percebi como somos criados, apesar da ponte aérea, em universos radicalmente diferentes; não só linguísticos, mas artísticos. Porque as referências dele são muito gringas. É o Bob Dylan ou mesmo os brasileiros, [como] Os Mutantes, coisas que são meio gringas pra um carioca. Pro carioca, Os Mutantes é gringo, é argentino. [Para mim] é uma trindade: Chico, Caetano, Gil... Nunca pisou na minha casa uma coisa em inglês. O Caetano fala um pouco disso, que o Rio [de Janeiro] é o Brasil, São Paulo é o mundo, Bahia é a Bahia. Caetano é assim, né? Mas o Rio tem uma coisa de uma obrigação de ser brasileiro, sabe? Então isso é uma nostalgia da capital, que é ridículo às vezes, o ódio ao estrangeirismo. Se for falar uma coisa em inglês, a gente exagera muito o erro na pronúncia, sabe? O Rio tem muito um puritanismo linguístico nacionalista, quase como Policarpo Quaresma, sabe? E São Paulo é mais tropicalista.

Eu queria perguntar... lembro de ler o livro da Raquel Rolnik, mas não tenho certeza se é

precisamente este o dado que ela diz, que até 1880 a língua mais falada em São Paulo era a língua geral tupi.

Isa Era.

Gregório E é verdade que o italiano suplantou a língua geral antes do português? Ou é exagero isso?

Caetano Bom, eu não tenho os dados, não vou entrar nessa. Mas tem alguns textos. O Dante Lucchesi, da Bahia, fez uma pesquisa bacana sobre como os italianos que chegaram a São Paulo vieram como trabalhadores de baixo nível na hierarquia social e foram morar em regiões onde moravam os ex-escravizados. Só que eles eram brancos, o que quer dizer que tinham uma mobilidade social que não cabia àquelas outras classes, e com isso eles acabaram levando certas marcas do português preto, brasileiro para níveis mais altos da sociedade paulistana. Então, por exemplo, o fato de que São Paulo tem uma tolerância muito maior do que Rio de Janeiro a esse plural não flexionado, as *coisa*, *dos cara*, *das pessoa*, poderia ser explicado pelo fato de que São Paulo acabou sendo mais permeável ao afro porque os italianos levaram isso pra cima.

Gregório Então não é por causa do plural italiano que não tem “s”. O pessoal gosta de falar isso.

Caetano O pessoal gosta porque a explicação branca europeia é chique, mas não, né? Tem gente que vai dizer, tem gente que vai defender, mas o problema é que tem aquela coisa da correspondência biunívoca, que não rola. Tem um monte de região do Brasil que tem esse tipo de plural e não teve presença italiana, e tem um monte de região que teve presença italiana e não tem esse tipo de plural. Então é difícil encontrar uma relação causal. Por outro lado, a coisa do popular africano, especialmente com as línguas banto, como a Yeda [Pessoa de Castro] gosta de lembrar, é difícil de contornar. É uma explicação forte pra qualquer gente que tem essa tendência.

Isa A exposição *Fala Falar Falares* recebeu muitos visitantes, de diferentes idades. O lugar que eu acho que mais chamou a atenção foi aquele mapa que mostra os caminhos que as palavras trilharam até chegar ao Brasil. Há uma curiosidade e uma surpresa muito grande das pessoas.

Caetano Eu acho que falar de língua é um lugar privilegiado pra falar de democracia, porque as pessoas não percebem que o assunto é esse. Quando você fala de diversidade linguística, quando você fala de, por exemplo, ausência de fronteiras. Existe um sotaque carioca, só como caricatura. Existe um sotaque mineiro... Só que o que existe são zonas que se sobrepõem, com pessoas que têm um pedaço de uma norma daqui, um pedaço de uma norma de lá, e

no limite você tem um indivíduo, tem muito pouca probabilidade de gerar esses blocos uniformes de fala.

Por outro lado, a coisa das etimologias é presa a esse tipo de discurso; da curiosidade, da trávia, do *soundbite*, da narrativa pequeninha. O que a gente quis fazer ali na sala do mapa, muito por influência da Daniela, foi [...] mostrar que a língua não é uma coisa de uma nação de um povo de um lugar, mas um construto do mundo inteiro, de uma história de contatos que se cruzam, mas especialmente que os trajetos das palavras são mais complicados, porque o dicionário etimológico normalmente vai dizer: essa palavra vem do francês, mas e daí se ela veio do francês? Teve que passar pelo italiano e teve que ser trazida por um grupo, pra uma região do Brasil.

Daniela Eu acho interessante também essa ideia de globalização, que é algo novo, né? Que esse trânsito entre populações e culturas é algo dos últimos dois séculos. E quando é um negócio — acho incrível isso —, uma pessoa, um viajante, que tá numa nau que chega lá em Madagascar e gosta de uma palavra, ele traz de volta e apelida o produto que ele tá trazendo com esse nome e assim por diante, né? Tão lindo! E o que eu acho interessante também, nessa exposição, é as pessoas descobrirem o quanto isso é fascinante.

Na sua peça acontece isso também, né? Você vai numa peça e abre um portal sobre a questão das palavras, daquilo que parece

pra você como respirar. Eu tô simplesmente aqui tentando falar uma coisa, no entanto eu tô usando toda a história, toda a antropologia, toda a cultura, todas as guerras, todas as navegações; tudo isso tá dentro de mim, apropriado, intricadamente, com a minha personalidade, com a minha identidade. A Renata [Beltrão] fala: *A língua sou eu!* A língua é o ar que eu respiro; eu não tenho, eu não existo, sem a língua, né? Isso me impressiona. Eu não sei se a gente conseguiu — e acho que o próprio Gregório se pergunta também —, se você foi suficientemente fascinante [na sua criação] pra transformar aquelas pessoas em estudantes, em curiosos.

Gregório Total, é a coisa mais linda ver isso. E a exposição dá muito às pessoas. E eu, que amo esse assunto, me surpreendi com várias coisas que não sabia; aquela lista de palavras ali, eu adorei vocês botarem no mapa as viagens das palavras. Adoro pensar nas palavras como pessoas que tiveram uma vida, sabe? Elas nasceram, mudaram de personalidade, como a gente muda, elas vão sendo transformadas pelo uso. E eu acho que é isso mesmo, gostei dessa imagem da Dani de que é algo que te mudou como pessoa, mas acho que tem essa característica que a atenção nas palavras, ela é irreversível. Pra mim pelo menos foi.

Daniela Sabe que eu ouvi você falando, acho que foi no Instagram, sobre essa coisa de você ler sílabas. Meu pai era assim. Meu pai [Ziraldo] tinha esse mesmo problema.

Gregório É? Não sabia!

Daniela Eu não sei se — acho que tinha a ver com a educação, no caso dele — ele aprendeu, ele era louco por poesia e aprendeu essa coisa do [verso] decassílabo e aí ficava com essa mania de ficar falando a frase e te dizendo quantas sílabas ela tinha.

Gregório Eu amo essas brincadeiras com as palavras, porque elas são, primeiro, gratuitas, não é? É algo que não precisa de nada, que não precisa de nenhuma interface. Pra brincar com palavras, basta a solidão e o seu repertório. Então, desde contar sílabas a palíndromos ou anagramas, não é? Não precisa de papel, de lápis de nada, é você com a solidão. Penso que se eu fosse preso ia ser chato, claro, mas eu ia ter uma eternidade pra fazer talvez o que eu mais amo, que é ficar contando sílabas, porque ninguém pode te tirar isso em momento nenhum.

Então o que eu gosto dessa peça, e o Museu também faz esse mesmo trabalho, é compartilhar o tesão nas palavras e lembrar as pessoas que essa brincadeira é o que nos une, a todos os falantes da língua, ninguém está excluído dessa brincadeira.

Isa E aí volta a questão da democracia de que você começou falando, que é talvez o maior desejo do Museu, e provavelmente da tua peça e tudo, é que você possa fazer as pessoas se maravilharem com uma coisa em que elas nunca pensaram e que elas já têm, que é delas.

Gregório Que elas já têm. É isso que eu acho o mais legal, fazer elas descobrirem que têm um tesouro em casa.

Caetano É. E tem essa coisa cruel que eu fico martelando nos dois livros e nessa história nossa, que é o fato de que o projeto de formação de nação do Brasil e de formação do Brasil linguístico foi um projeto que de certa forma quis tirar isso das pessoas e quis dizer *Não, o português bom de verdade você não alcança, você não é digno dele e ele está fora deste país, ele está em outro lugar*. Em vez de alguém chegar e dizer *Nossa, cara, olha que sofisticado isso que você está fazendo inconscientemente, vão dizer Não, não é assim, aprenda a forma correta*, que deve ser essa ou aquela, conforme esse ou aquele parâmetro. Esse tipo de normativização é impositivo, é cruel, é maldoso, na verdade, como o Brasil foi com a nação. Nos fizeram acreditar, durante séculos, que a gente fala mal a nossa própria língua.

Daniela Acho que isso é a coisa mais importante dessa frase. A gente fala perfeitamente bem a nossa própria língua. Ela é nossa. Em qualquer lugar, na favela, na Cracolândia, no shopping Iguatemi.

Gregório O Chomsky é que tem aquela ideia bonita de que a língua, que eu não sei se é exatamente dele ou se é uma projeção dele, mas que o *pidgin*, a diferença entre o *pidgin*, que é uma língua intermediária, uma língua em formação, e a língua em si vem quando

uma criança nasce falando ela. Quando eu percebi isso, que é uma criança que autoriza uma língua a ser uma língua, a complexidade está no fato de ser uma língua que uma criança nasce falando, se é a língua materna ou principal de alguém, não é? Que bonito. Se você nasce falando, ela é uma língua igualmente complexa.

Isso que é bonito do Chomsky também, dos linguistas, que provam que as línguas têm uma complexidade muito parecida. Ao contrário dos clichês linguísticos que vocês já devem ter ouvido muito: de que o japonês é uma língua muito mais complexa do que o português ou, o contrário, o português é uma língua muito difícil, o inglês é uma língua mais prática, esse tipo de hierarquia linguística. É lindo de lembrar que isso não tem fundamento científico. As línguas têm uma complexidade muito parecida, surpreendentemente parecida até.

Caetano E ela tende a se compensar: se ela é simples num lugar, ela vai ser complicada no outro. Tipo no dinamarquês ou inglês, a morfologia é enxutinha, mas a fonologia é o demônio. E o mais complexo é que geralmente vem acompanhado da lógica colonialista. Nunca a pessoa vai dizer *Ouvi dizer que o wolof é uma língua surpreendentemente complexa*; não, é sempre o alemão, o russo. E o outro vai ser simples, dialeto, língua simplificada.

Isa Isso internamente no Brasil, essa coisa de que ninguém tem um sotaque correto, porque todo mundo tem sotaque, acho que é outra grande maravilha que essa exposição abre pro visitante. Ninguém tem sotaque. Isso pra gente não é evidente.

Daniela Ninguém tem sotaque entre os seus. Ele só tem sotaque na medida que encontra o outro.

Gregório É, tem um pouquinho. Quer ver um exemplo? Eu não estava, mas um amigo me contou que nos encontros de faculdade, não sei o que era, o ônibus chegando aqui em São Paulo, o pessoal da USP fez uma recepção pra cantar, pra zoar, e era assim: *USP é com "s"*. Receberam o ônibus assim. Então, isso existe um pouco. *Por que vocês chiam?* Como se o "s", por ser o "s" de Sílvia, de sapo, ele também precisa ser o "s". Então o errado é chiar, como se as pessoas buscassem uma lógica cartesiana, o que não faz o menor sentido.

E também é bonito celebrar a diferença da língua no mundo. Mas acho lindo celebrar o fato de que a gente, apesar das mil diferenças políticas possíveis, se entende muito bem.

Eu até falei que talvez não fizesse essa peça uns dois anos atrás, em outra época política, porque a gente tinha que ser mais frontalmente político. Porque estavam acontecendo coisas que nos obrigavam a falar assim. Se está pegando fogo no seu prédio, você não vai refletir sobre a palavra socorro. Você vai gritar, né? Era isso que

eu sentia. Eu senti que agora dá pra refletir. Calma aí, socorro. Olha que bonito isso. Espera aí, grita socorro ainda não, vamos?

Então, eu sinto que hoje dá e sinto que essa peça, que fala sobre língua, une e nos faz lembrar que tem coisa pra caramba que nos une, feito a língua — que nos separa, mas que também pode nos unir. A gente fala uma língua muito parecida e todos nós termos essa língua diz muito sobre a gente, e é um assunto delicioso pra você ter com as pessoas, é um assunto que é capaz de unir. Você consegue ter uma relação com ela que não seja só utilitária, e essa é outra coisa também da língua. A maioria das pessoas usa a língua como quem come apenas ração, né? Assim como essa metáfora da comida, você pode comer pra se alimentar, pra sobreviver. E você pode comer pra se deliciar. Você pode comer porque é uma delícia. E acho que a maioria das pessoas usa a língua como ração. Me dá isso, toma isso. Eu falei sem parar pra cozinhar com as palavras. E acho que você pode refogá-las e você pode fazer uma redução, pode fazer molhos complicados e gostosos e tornar tudo mais delicioso, caramelizá-las.

Isa E isso não depende da academia.

Gregório Não, né? Nem de grana. As pessoas que têm os usos mais gostosos da língua muitas vezes não são da academia.

Daniela Acontece muito de pessoas periféricas terem vontade de usar palavras

difícies, pra ascender ou pra aparecer. Tem um pouco nessa Roda de Falares, né? E uma coisa também que seria interessante, não sei se a gente conseguiu chegar nessa ideia de que a sua língua, o nome que você dá às coisas, por exemplo, o nome das cidades, é maravilhoso — não dê outros nomes, celebre a sua poncã. Não precisa virar mexerica pra ser apropriado, não existe palavra [mais] apropriada.

Gregório Tem aquele mito de que tem palavras certas para as coisas, no sentido da sonoridade, a coisa do nascimento da língua como onomatopeia, né? E tem esse mito de que Deus deu a palavra, ou sei lá quem deu as palavras certas para as coisas, e assim nasce o sânscrito. Em várias línguas tem essa hipótese divina, [no judaísmo] também tem. Acho que tem uma coisa bonita de lembrar que a palavra só existe no jogo, não existe uma palavra *melhor* para nada. Embora a gente consiga ter uma relação afetiva com cada uma delas.

Daniela [O uso] afetivo está no jogo. [Mas] a ideia de você usar a palavra como escada para ascender socialmente, acho que isso é um problema. Ou seja, o uso da língua como forma de opressão, dizendo que existe uma língua que é superior, se você usar essas tais palavras, você está empoderado. Acho legal se a gente tiver conseguido pelo menos mostrar pra pessoas que [é lindo] aquilo que elas têm, do jeitinho que elas têm, com o sonzinho que elas têm, com a palavra que elas

têm, com o nome da cidade — porque tem gente que nasce numa cidade com um nome feio e fala que nasceu na [cidade] vizinha.

Caetano A Sandra, a minha mulher, gosta de usar o exemplo do *Brejo das almas*, do Drummond. Brejo das Almas era o nome de uma cidade, mas os habitantes mudaram o nome e a cidade hoje tem um nome tipo Doutor José das Quantas, porque Brejo das Almas era feio... [Mas era] absolutamente lindo!

E a coisa da língua adâmica — como se falava na linguística antiga — era: vamos descobrir que língua Adão falava; [se] foi Adão que deu o nome pras coisas do mundo, então aquela língua é a mais pura e a mais correta e, de lá pra cá, houve decadência. São duas noções superimportantes que estão na cabeça de quase todo mundo, que um dia houve [apenas] uma língua. Essa é uma ideia forte no mundo da cabala e, de lá pra cá, houve decadência, a gente está decaindo, decaindo, decaindo. E isso virou o projeto das línguas nacionais dos Estados modernos do século XVIII pra cá, virou os projetos de imposição de “língua correta” versus “língua errada”, virou a ideia de que você tem que subir na vida e adquirir uma linguagem que só está na academia, que só a escola pode te dar. Na hora que você começa a jogar isso fora e começa a entender que a língua nos une, *porque* — e não *apesar de* — não nos uniformiza, a gente pode continuar sendo em tudo vagamente diferente e estar no mesmo barco, porque a gente se ajeita, negocia os sentidos, negocia as pronúncias.

Daniela Falamos a mesma língua, mas não da mesma maneira.

Gregório Exatamente. Eu acho lindo o Wittgenstein. Do jogo, né? Onde é que está buscando a palavra? Tem uma coisa bonita que é a metáfora da moeda; o valor de uma moeda é o quanto a outra pessoa aceita. Então, você diz a palavra “rapaz”. “Rapaz” é “bandido” porque vem de “rapina”. Não, ninguém vai aceitar essa moeda. Esse seu dólar, essa moeda dolarizada. Não, não, não, essa moeda vale outra coisa. Por isso me incomodam muito as leituras etimológicas canceladoras, impositivas. Essa palavra não pode porque a origem dela é pérfida. A origem, a palavra não tem um valor lastreado em ouro. O valor dela é o valor que se aceita por ela.

Caetano Isso faz parte. Todo jargão, toda língua de um grupo é uma língua que delimita e exclui. A língua dos adolescentes, a língua do pessoal do teatro, a língua do pessoal da academia... Todo mundo tem o seu conjunto, e quando alguém usa um termo ligeiramente tortinho [o grupo identifica que] *Esse não é dos meus*. Sempre vai funcionar assim. O problema é quando isso passa a ter força de lei ou força de preconceito, de exclusão social. Você não conseguir emprego porque usa um fonema [específico]. Aí é que as coisas se pervertem.

Daniela E na Roda de Falares tem [a moça] do Rio Grande do Norte que ama o sotaque. E fala que o sotaque é música, é melodia.

Isa É lindo isso. *É a minha melodia. É a minha música.*

Daniela Eu achei que funcionou pelo menos pra uma pessoa, aquela jornalista que falou pra gente que, no final de tudo, ela voltou [muito feliz] com o “r” pra casa. Pronto, estamos curados, deu certo. Uma menina do interior de São Paulo, jornalista da *Folha*, empoderada com o seu “r” bem pesado. Porque ela passou a vida tentando esconder pra poder galgar no jornal, na televisão.

Caetano E é o símbolo do quanto é cruel, né? Porque todo mundo ali disse isso. É uma marca de identidade muito foda. E de repente a sociedade te diz *Não, você não pode*. É a mesma coisa que envolve políticas de gênero. Você não pode ser quem você é. A gente exige que você seja outra coisa em público. Em casa você pode ser, mas em público você vai ter que fazer desse [outro] jeito. E a gente aceita, aceitou muito tranquilamente, multiplicou esse discurso durante anos.

Daniela É interessante lembrar que tivemos algumas reuniões com a equipe do Museu, algumas pessoas do educativo, da comunicação, e a gente tinha essa Roda de Falares, uma ideia original que era [feita de] pessoas imitando as outras. Aí a Renata [Beltrão], que tá na Roda, da comunicação

[do Museu], falou: *Eu vou ficar ofendida com isso. Não vai ser legal, porque eu não aguento a imitação que os sudestinos fazem dos nordestinos. Acho insuportável. As novelas, acho insuportável. Não aguento mais. E, assim, o meu grande defeito em São Paulo é ter sotaque nordestino*. Aí a gente falou *Peraí*. Não podemos levar pra esse lugar da gozação, porque aqui as pessoas têm que realmente estar livres pra se expressar do jeito que vieram.

Isa É por isso que foi uma opção muito radical e muito interessante que, ao invés de fazer um discurso normativo, [a exposição] faz a pessoa vivenciar uma experiência, até que lá no final vai expressar isso. Mas tem que passar pela experiência. Isso muda tudo. Não é o óbvio.

Daniela E também passa individualmente. Cada pessoa vai ter uma pequena experiência com a língua, com a sua própria língua e com essas origens. Vai pra dentro de si, vai pro mundo, passeia pelo mundo, vai pros sotaques do Brasil e depois vai pra esse pessoal negociando os sotaques entre si. Então tem um percurso, tem uma experiência que tem diferentes inflexões, vivências. Você cria pequenas vivências no espaço. Porque isso tudo que a gente tá falando é impossível de fazer uma pessoa viver num percurso em pé. A encruzilhada da exposição. De qualquer exposição. A pessoa vai ter que andar durante uma hora e se ela estiver sentada [vai ter] alguém em pé atrás esperando pra

sentar no lugar dela, então é uma negociação complexa [ao] fazer exposições temáticas.

Gregório Aqui [na exposição] você tá num híbrido entre a peça, o percurso e a exposição.

Daniela É sempre um dilema, então é uma negociação. A atenção é a coisa mais valiosa no momento, no mundo.

Isa E isso é um tema pra ser trabalhado dentro da sala de aula desde o pré-primário, essa vivência da língua, esse tema da língua, pra desfazer o preconceito linguístico. Tudo isso tinha que estar na escola, porque tem um tempo diferente de você ir trabalhando isso.

Gregório De forma lúdica. Feito quando você brinca com as cores, sabe? As crianças aprendem a misturar cores com massinha. Acho que é possível ter um aprendizado mais lúdico da palavra e da poesia.

Daniela Tinha um pouco disso com Paulo Freire. Quando eu comecei a estudar, quando comecei a mexer com a militância, tinha uns grupos que davam aulas, tipo um Mobral alternativo, no Rio, aula noturna. As palavras eram muito vivas, [*tinham*] vivacidade. A cartilha é uma desgraça. Perder esse prazer com a palavra [é muito ruim].

Gregório Toda criança nasce deslumbrada com a palavra, brincando com ela de uma maneira anárquica, e a gente vai tolhendo, mas a coisa mais natural que tem no mundo é isso.

Isa Tem aquela gravação do Tom Zé contando que ele ficava sentado na porta da venda do pai dele em Irará, e aí ele via que tinha algo escrito na parede. Até que, quando ele aprendeu a ler, aquela mesma coisa ganhou um sentido pra ele. Até então era um rabisco na parede, e nesse dia ele pensou *Quer dizer que todo mundo que tá olhando pra aquilo tá vendo a mesma coisa que eu?* *Então o mundo é assim?* E aí o mundo virou outra coisa pra ele.

Daniela Tem uma história exatamente ao contrário. Quando teve aquele movimento Cidade Limpa aqui, eu tava com o Fernando Meirelles e ele me contou que um estrangeiro — aqui tinha muito outdoor, não sei se vocês lembram, nas Marginais — tinha falado *Nossa, essa cidade não se vê, se lê. Não sei como vocês aguentam.* E que quando saíram os outdoors a cidade abriu, como se tivesse tirado uma cortina. Porque quando você tem muita palavra, [...] aonde de repente tudo é semântico, tudo significa, tudo liga neurônios. Isso tem um lugar no terror, né? Porque quando tudo significa, é pesado, a gente pensar é pesado pra caramba, né? É acachapante.

Gregório Esse caminho sem volta da linguagem é muito louco. Eu me lembro de perceber isso quando pequeno. Eu tinha aprendido a ler e olhar pra palavra e tentar não lê-la. E eu descobri que já não poderia não lê-la. Porque a leitura, estranhíssimo isto, acontece à sua revelia. E isso vale pras palavras faladas; [ao] descobrir o significado de uma palavra, você não consegue *desdescobrir*. Desaprender é impossível.

Daniela Eu tive agora no show do Gil falando sobre isso, sobre uma outra coisa que o Museu da Língua Portuguesa não pode deixar de falar, que é sobre ser brasileiro. A Fernanda [Torres] falava [ao promover o filme *Ainda estou aqui*] que nós somos uma ilha continental e que as pessoas têm esse deslumbramento com o que tá lá fora, mas que também temos muita pena das pessoas não saberem o que a gente cria aqui, da gente não poder dividir isso com o mundo. E eu tive essa sensação no show do Gil. Eu já vi o show do Gil com 50 mil pessoas, 45 mil pessoas, agora com 10 mil pessoas. E a ideia do pertencimento pela cultura, do pertencimento pela poesia, é autobiográfica. Uma música que é só nossa. O Gil é todo cheio de brincadeiras, essas coisas de palavras horizontalmente, por exemplo, que você me carregue, aquela música que é toda do reggae, e a plateia inteira cantando todas as músicas, um *hit* atrás do outro. Que loucura que é pertencer, que graça que me jogaram aqui.

Gregório Pois é, dá uma tristeza, uma pena que o mundo não conhece, e dá também uma alegria, que bom que é só nosso. Porque as glórias americanas o mundo inteiro divide. A gente tem eles e a nossa, assim, aqui.

Caetano É um complexo de superioridade uma vez na vida, né?

Gregório É o apogeu, pra mim, do que Oswald [de Andrade] dizia: *A massa ainda comerá o biscoito fino que fabrico.* Não comeu, a de hoje, mas a massa comeu, por acaso, seus filhos e netos, comeu Caetano, comeu e come Gil diariamente, e isso me comove muito.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

GOVERNADOR

Tarcísio de Freitas

VICE-GOVERNADOR

Felício Ramuth

**SECRETÁRIA DE ESTADO DA CULTURA, ECONOMIA E
INDÚSTRIA CRIATIVAS**

Marilia Marton

SECRETÁRIO EXECUTIVO

Marcelo Assis

CHEFE DE GABINETE

Daniel Scheiblich Rodrigues

**COORDENADORA DA UNIDADE DE PRESERVAÇÃO DO
PATRIMÔNIO MUSEOLÓGICO**

Karina Santiago

**DIRETORA DO GRUPO TÉCNICO DE COORDENAÇÃO DO
SISTEMA ESTADUAL DE MUSEUS**

Sofia Gonçalez

**DIRETORA DO GRUPO DE
PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO MUSEOLÓGICO**

Mirian Midori Peres Yagui

DIRETORA DO NÚCLEO DE APOIO ADMINISTRATIVO

Regiane Lima Justino

**EQUIPE TÉCNICA DA UNIDADE DE PRESERVAÇÃO DO
PATRIMÔNIO MUSEOLÓGICO**

Angelita Soraia Fantagussi

Dayane Rosalina Ribeiro

Eleonora Maria Fincato Fleury

Kelly Rizzo Toledo Cunegundes

Luana Gonçalves Viera da Silva

Marcia Pisaneschi Sorrentino

Marcos Antônio Nogueira da Silva

Roberta Martins Silva

Tayna da Silva Rios

Thiago Brandão Xavier

FALA
FALAR
FALARES

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA

GESTÃO

IDBrasil Cultura, Educação e Esporte —
Organização Social de Cultura

PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Dalton Pastore Junior

VICE-PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Matheus Gregorini Costa

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Esmeralda Vailati Negrão
Fernando José De Almeida
Francisco Vidal Luna
Gustavo Normanton Delbin
Haim Franco
Julia Paccanaro Rosa
Larissa Torres Graça
Luiz Laurent Bloch
Marina de Mello e Souza
Melise Pereira Lopes da Silva
Nelson Savioli
Raquel Iglesias Verdenacci
Silvia Alice Antibas

CONSELHO FISCAL

André de Araújo Souza (Presidente)
Raul Antonio Correa da Silva
Vicente de Paula de Oliveira

CONSELHO CONSULTIVO

Aline Pellegrino
Antônio Goulart dos Reis
Caio Luiz Cibella de Carvalho
Carlos Antonio Luque
Clara de Assunção Azevedo
Eduardo Alfano Vieira
Eduardo Machado Barella
Elizabeth Ponte de Freitas
Felipe Artur Pie Abib Andery
Ligia Fonseca Ferreira
Luiz Francisco De Sales
Marcos Ribeiro de Mendonça
Maria Luiza de Souza Dias
Mauro da Silva
Ophir Correa de Toledo Filho
Waltely de Oliveira Longo

DIRETORIA EXECUTIVA

Renata Vieira da Motta

DIRETORIA ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA

Vitoria Boldrin

DIRETORIA TÉCNICA

Roberta Saraiva Coutinho
Lucas Borges (Assessor Técnico)

CURADORA ESPECIAL DO MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA

Isa Grinspum Ferraz

ASSESSORIA MUSEOLÓGICA

Vilma Campos (Assessora de Museologia)
Carolina Rocha (Assessora Técnica)
Karina Macedo (Produtora Editorial)
Michael Argento (Assessor Técnico)
Ramon Vieira (Assessor Técnico)

ASSISTENTE DE DIRETORIA

Naiah Mendonça

NÚCLEO DE ARTICULAÇÃO SOCIAL

Evelyn Ariane Lauro (Coordenadora)
Ariel Oliveira (Articuladora Social)
Carolina Stella (Articuladora Social)
Jade Oliveira (Aprendiz)

NÚCLEO DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL

Carolina Bianchi (Coordenadora)
Ariana Marassi (Supervisora)
Carolina Gomes (Técnica)
Flávia Macedo (Técnica)
Mariana de Andrade (Técnica)
Monica Souza (Assistente de Relações Institucionais)

NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO

Renata Beltrão (Coordenadora)
Alan de Faria (Assessor de Imprensa)
Domêника Luciano (Estagiária)
Elias Paiva (Analista de Comunicação)
Felipe Cruz (Analista de Comunicação)
Milena Holanda (Designer)
Simone Hozawa (Analista de Comunicação)

NÚCLEO DE EXPOSIÇÕES E PROGRAMAÇÃO CULTURAL

Fernando Gallo (Coordenador)
Dara Roberto (Produtora)
Letícia Amoroso (Produtora)
Lucas Michelani (Produtor)
Yan Guilherme (Produtor)

NÚCLEO DE GESTÃO ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA

Sueli de Cássia Borges (Coordenadora)
Brena Bonoto (Bilheteira)
Carlos Odilon (Analista Administrativo e Financeiro)
Cintia Yuri (Analista Administrativo e Financeiro)
Giovana Meireles (Bilheteira)
Giovanna Lanfranchi (Analista Administrativo e Financeiro)
Igor Santos (Bilheteiro)
Isabella Veríssimo (Recepção)

Kauê Queiroz (Bilheteiro)

Leonardo Costa (Analista Administrativo e Financeiro)
Luciana Amorim (Analista Administrativo e Financeiro)
Miguel Ramos (Analista Administrativo e Financeiro)
Piter Torres (Supervisor de Bilheteria)
Rafael Iesposti (Analista Administrativo e Financeiro)
Renata Silva (Analista Administrativo e Financeiro)

NÚCLEO DE GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS

Paulo Silva (Coordenador)
Andreza Lima (Analista de Recursos Humanos)
Joseane Barbosa (Analista de Recursos Humanos)
Karolina Ferreira (Supervisora)
Lucas Garcia (Aprendiz)
Sergio Lourenço (Analista de Recursos Humanos)
Thalyta Ramos (Analista de Recursos Humanos)

NÚCLEO DE OPERAÇÕES E INFRAESTRUTURA

Luis Marcatto (Coordenador)
Marcelo Reis (Assistente de Coordenação)
Raphael Vasconcelos Silva (Assistente Administrativo)
Anderson Dias (Assistente de Serviços Operacionais)
Everton Ivanoff (Auxiliar de Serviços de Manutenção)
Levi Guimarães (Auxiliar de Serviços de Manutenção)
Sidiney Santos (Auxiliar de Serviços de Manutenção)

NÚCLEO DE TECNOLOGIA

Felipe Macchiaverni (Coordenador)
Anderson Almeida (Analista de Tecnologia)
David Vieira da Costa (Analista de Tecnologia)
Gabriel Santos (Analista de Tecnologia)
Lucas Fonseca (Analista de Tecnologia)
Luciano Ornelas (Analista de Tecnologia)

NÚCLEO DO CENTRO DE REFERÊNCIA

Camila Aderaldo (Coordenadora)
Amanda Siqueira (Técnica em Documentação)
Cecilia Farias (Pesquisadora)
Janaina Lopes (Assistente de Documentação)
Luiza Magalhães (Supervisora)
Leonardo Arouca (Técnico em Documentação)

NÚCLEO EDUCATIVO

Tatiana Waldman (Coordenadora)
Edson Ignácio (Assistente de Formação e Conteúdo)
Aline Pauacara (Educadora)
Aline Pereira (Educadora)
André Almeida (Supervisor Educativo)
Anna Romão (Orientador de Público)
Amanda Amaral (Educadora)
Ana Oliveira (Orientação de Público)
Anaily Sequera (Educadora)
Anderson Shimamoto (Educador)
Anreen Silva (Orientação de Público)
Beatriz Troncone (Orientação de Público)
Daniela Lima (Educadora)
Davi Farias (Orientação de Público)
Ellen Silva (Educadora)
Felipe Alencar (Orientação de Público)
Felipe Alves (Orientação de Público)
Frida Cordova (Orientação de Público)
Giane Andrade (Orientação de Público)
Giovanna Araujo (Orientação de Público)
Guilherme Santos (Assistente de Coordenação)
Ingrid dos Anjos (Educadora)
Janaina Santos (Orientação de Público)
Jaqueline Reis (Orientação de Público)
João Paulo Amorim (Educador)
Jefferson Santos (Orientação de Público)
Jaz Hausf (Orientação de Público)
Jordana Oliveira (Orientação de Público)
Laura Santos (Orientação de Público)
Leonardo Salvaterra (Orientação de Público)
Leticia Garcia (Assistente Administrativo)

Luzia Santos (Orientação de Público)
Marcelo Gomes (Orientação de Público)
Mylena Carvalho (Educadora)
Nicole Furtado (Orientação de Público)
Paula Muecálica (Orientação de Público)
Paula Santos (Orientação de Público)
Regina Santos (Orientação de Público)
Renata Souza Pascoal (Orientação de Público)
Sabrina Carvalho (Orientação de Público)
Sabrina Rocha (Educadora)
Sidney Zonatto (Educador)
Tatiâne Silva (Orientação de Público)
Telma Santos (Educadora)
Vanessa Oliveira (Educador)
Vinebaldo Aleixo (Educador)

CURADORES

Caetano Galindo e Daniela Thomas

TEXTOS DA EXPOSIÇÃO E CURADORIA

Caetano W. Galindo

EXPOGRAFIA

T+T PROJETOS

Daniela Thomas
Felipe Tassara
Maristella Pinheiro
João Montagnini (Assistente)

PRODUÇÃO EXECUTIVA / COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Cassia Rossini

PRODUÇÃO

Daniela Avelar

DESIGN/COMUNICAÇÃO VISUAL

Radiográfico
Olívia Ferreira e Pedro Garavaglia (Direção Criativa)
Fernanda Guizan (Direção de Arte)
Fernanda Guizan e Ian Scheufler (Design Gráfico)
Tatiana Araújo (Gerente de Projeto)

AUDIOVISUAL, TECNOLOGIA E INTERATIVIDADE

AVXLab.Studio
Demétrio Portugal
Henrique Roscoe
Lígia Alonso
Lorena Lima
David da Paz

PROJETO DE ILUMINAÇÃO

Fernanda Carvalho Lighting Design
Emilia Ramos
Felipe Dans
Luana Alves

PROJETO DE ACESSIBILIDADE

alingua
Ana Krein
Giulia Gadel
Laysa Elias
Paola Ribeiro

CONSULTORIA DE ACESSIBILIDADE

Gislana Vale
Nayara Rodrigues

COORDENAÇÃO DE LIBRAS

AHU Acessibilidade Humanista

PESQUISA DE LITERATURA E LICENCIAMENTO

Morena Madureira

CONSULTORIA FONÉTICA

Adelaide Hercília Pescatori Silva

CONSULTORIA LITERÁRIA

Sandra M. Stroparo

REVISÃO DE TEXTOS

Patrícia Galelli

EQUIPE AUDIOVISUAL

Pedro Corradi
(Assistente de Direção e Edição de Vídeos)
Antonio Brasiliano (Diretor de Fotografia)
Edu Castello (Assistente de Fotografia)
Amanda Suzuki (Produtora Executiva)
Mazô Munhoz (Produtora)
Marcia Godinho (Diretora de Elenco)
Larissa Tonetto (Assistência de Elenco)
Fernando Russo (Técnico de Som)
Enrico Porro (Assistente de Som)
Nego (Gaffer)
Grandão (Maquinista)
Juninho (Assistente Elétrica)
Naama (Assistente Maquinária)
André Magalhães (Consultoria e Produção de Áudio)
Marcio Coelho (Coordenação de Gravação On-line)

ELENCO RODA DE FALARES

Aíla (PA)
Betina D'Angioli (PR)
Cida Reis (MG)
Cleiton Ferreira (Dentinho) (SP)
Dig Verardi (RS)
Ermelinda Yepário (AM)
Fedra Rodríguez (SC)
VN Rodrigues (RJ)
Nayara Rodrigues (DF)
Dumaresq (RN)
Renata Beltrão (PE)
Telê Queiroz (BA)

ELENCO QUIZ DOS SOTAQUES

Alice Cereja (AP)
Ana Paula Nunes Fernandes (PR)
Ayrá Yatzil (AL)
Bárbara Ribeiro (PA)
Bruna Richely (CE)
Cael Benício (SE)
Carla Bal (RS)
Clara Lima (PB)
Fiota Kalunga (GO)
Fernanda Cipriano (RJ)
Giovana Lima (RJ)
Herta Maria de Açucena do N. Soeiro (RO)
Igor Fonseca (MG)
Jeni Costa (MT)
Jera Poty (SP)
Jerry Espíndola (MS)
Jhony Luiz (PB)
João da Cunha Santos (GO)
João Guilherme Alves (BA)
Kananda Soares (MA)
Lucas Afonso (SP)
Lucas Sodré (TO)
Luluh Pavarin (SP)
Lygia Pardellas (DF)
Mestre Ivamar (SP)
Monik Iandra (PE)
Múcia Teixeira (RN)
Rudson Dias (RJ)
Sendi Naré (AM)
Senhorzinho Domingos (GO)
Thiozer (TO)
Yngrid Bragança (MG)

MONTAGEM DE CENOGRAFIA E COMUNICAÇÃO VISUAL

Secall

LOCAÇÃO E INSTALAÇÃO DE EQUIPAMENTOS AUDIOVISUAIS

Maxi Áudio, Luz, Imagem

LOCAÇÃO E INSTALAÇÃO DE EQUIPAMENTOS DE ILUMINAÇÃO

Santa Luz

PROJETO DE SEGURANÇA

David Berg

COMPOSITORES (CORREDOR)

Caetano Veloso
Chico Buarque
Gilberto Gil
Tom Zé

AUTORES (CORREDOR)

Ana Cristina César
Adélia Prado
Alice Ruiz
Carolina Maria de Jesus
Graciliano Ramos
Marcelino Freire
Mário de Andrade
Nelson Rodrigues
Oswald de Andrade
Paulo Leminski

COMPOSITORES (SALA “FALE”)

Chico Buarque
Chiquinha Gonzaga
Daúde
Djavan
Dolores Duran
Dorival Caymmi
Gilberto Gil
Jackson do Pandeiro
Joyce Moreno
Lia de Itamaracá
Raul Seixas

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Petrobras e ao Grupo CCR | Instituto CCR, patrocinadores máster do Museu da Língua Portuguesa, e às demais empresas patrocinadoras, cujo apoio viabilizou a realização desta exposição. Agradecemos especialmente a Milton Bittencourt Neto e Denise Mary Ushikubo; Miguel Setas e Renata Ruggiero Moraes; Hugo Barreto e Luciana Gondim; Eduardo Saron; Lígia Tedde de Moraes; Equipe Siemens Alemanha e Dora Salvodi.

CRÉDITOS

TEXTOS

Caetano Galindo
Daniela Thomas
Adelaide Hercília Pescatori Silva

PREPARAÇÃO DE TEXTO

Ciça Caropreso

REVISÃO DE TEXTO

Nina Schipper

FOTOGRAFIAS

Monomito Filmes
Marcela Oliveira

PRODUÇÃO EDITORIAL

Dara Roberto, Fernando Gallo e Karina Macedo

PROJETO GRÁFICO

Radiográfico

PRODUÇÃO GRÁFICA

Lilia Góes

EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA “FALA FALAR FALARES”

Patrocínio Máster



Patrocínio

Apoio



MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA

Gestão



Concepção e Implantação



Fundação Roberto Marinho

Realização



Secretaria da
Cultura, Economia e Indústria Criativas

SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO SÃO TODOS

MINISTÉRIO DA
CULTURA



Museu da Língua Portuguesa, 1^a edição, 2025.

Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação desta obra só pode ser realizada com a autorização expressa de seus titulares, salvo exceção prevista pela lei. Caso seja necessário reproduzir algum trecho desta obra, seja por meio de fotocópia, digitalização ou transcrição, entrar em contato com a instituição.

O Museu da Língua Portuguesa não se pronuncia, de maneira expressa ou implícita, a respeito da acuidade das informações contidas neste livro e não assume qualquer responsabilidade legal em caso de erros ou omissões.

Dados Internacionais de
Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fala falar falares / [textos Caetano Galindo,
Daniela Thomas, Adelaide Hercília Pescatori
Silva]. — 1. ed. — São Paulo : Museu da
Língua Portuguesa, 2025.

ISBN 978-65-84001-02-2

1. Arte contemporânea - Exposições 2. Língua
portuguesa - Aspectos sociais - Brasil I. Galindo,
Caetano. II. Thomas, Daniela. III. Pescatori,
Adelaide Hercília.

25-321169.0 CDD-700.74

Índices para catálogo sistemático:
1. Arte contemporânea : Exposições : Catálogos
700.74
Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Este livro foi composto em Founders Grotesk e Factor A em dezembro de 2025 para o Museu da Língua Portuguesa.

